

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO - PÓSARQ**

Renata Franceschet Goettems

**MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC:
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O AMBIENTE E
OS MORADORES**

Florianópolis
2012

Renata Franceschet Goettens

**MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC:
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O AMBIENTE E
OS MORADORES**

Dissertação submetida do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^ª. Maristela Moraes de Almeida, Dra.

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Goettens, Renata Franceschet
Moradia Estudantil da UFSC: [dissertação] : Estudo sobre
as relações entre o ambiente e os moradores / Renata
Franceschet Goettens ; orientadora, Maristela Moraes de
Almeida - Florianópolis, SC, 2012.
188 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Moradia Estudantil. 3.
Interação homem ambiente. I. Almeida, Maristela Moraes de.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Renata Franceschet Goettens

**MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC:
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O AMBIENTE E
OS MORADORES**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PósArq.

Florianópolis, 13 de Junho de 2012.

Prof. Ayrton Portilho Bueno, Dr
Coordenador do Curso – PósArq - UFSC

Banca Examinadora:

Prof^a. Maristela Moraes de Almeida, Dra.
Orientadora – PósArq – UFSC

Prof. Roberto de Oliveira, PhD.
Avaliador Interno – PósArq – UFSC

Prof. Eduardo Jorge Felix Castells, Dr.
Avaliador Interno – PósArq – UFSC

Prof^a. Elizabeth Maria Campanella de Siervi, Dra.
Avaliadora Externa – Dep. Arquitetura e Urbanismo – UFSC

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, **Marlei e Renato**, por acreditarem no meu potencial, por me deixarem livre a seguir meus sonhos, pelo apoio incondicional para alcançá-los, pelo exemplo a ser seguido e por me ajudarem em todos os momentos.

Aqueles que me incentivaram a alçar voos mais altos, em especial ao **Luis Guilherme Aita Pippi**, eternamente grata pelo incentivo e dedicação.

A minha querida orientadora, **Maristela**, por todo o apoio, compreensão e atenção. Pelas conversas amigas e por ter me acolhido e me ajudado a traçar novos caminhos.

Aos colegas e amigos, por dividirem as alegrias e as angústias dessa caminhada, em especial à **Letícia, Aline, Carol, Giovana, Alejo**, e ao **André**, pessoas inesquecíveis, grandes amigos, que levarei sempre comigo onde quer que eu vá.

Às velhas amigas que, apesar da distância e da ausência, torceram por mim, me alegraram nos momentos tristes e vibraram com as minhas vitórias.

A Dona **Edna** e sua família, pelo acolhimento, pelas conversas e pelos conselhos. Por serem mais que amigos.

À **Ivonete** e à **Ana**, secretárias muitos especiais, por ajudarem no cumprimento dos prazos e resolveram os impasses burocráticos. Pelo carinho e atenção dedicados.

Aos estudantes da Moradia Estudantil, por abrirem seus apartamentos e permitirem o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UFSC pela disponibilidade em me atender e por fornecerem importantes informações para o desenvolvimento do trabalho.

À CAPES, pela bolsa recebida durante o período do mestrado, que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

A moradia estudantil deve prover suporte psicofísico para os estudantes que nela habitam, tendo como objetivos proporcionar aos moradores um local de habitação; de apoio à constituição do indivíduo como adulto, cidadão e profissional; de socialização; e ainda de desenvolvimento de atividades extracurriculares. Através do processo de expansão das Universidades Federais, é crescente a necessidade de vagas em moradias estudantis, juntamente a isso, torna-se necessária a avaliação dos espaços que estão sendo oferecidos aos estudantes universitários moradores dessas edificações. Essa dissertação apresenta um estudo de caso realizado em Florianópolis na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com o objetivo de avaliar o espaço habitado pelos estudantes-moradores, tendo como foco as inter-relações usuário e ambiente. Neste sentido, o trabalho desenvolve-se baseado na relação que o estudante-morador possui com sua habitação e como ocorre a relação entre o ambiente construído e sua adequação ao uso, através da espacialização das atividades desenvolvidas pelos estudantes. Para dar suporte a esse trabalho, buscamos referências teóricas relacionadas a história da Universidade, bem como de sua Moradia Estudantil; procuramos compreender o conceito de habitação/casa/moradia; além de nos apoiarmos em pesquisas desenvolvidas no campo do comportamento ambiental. A abordagem multi-métodos utilizada – registros etnográficos, leituras espaciais, observações, diálogos e entrevistas – possibilitou a avaliação e caracterização do edifício, bem como orientou as observações das interações humano x ambiente. Essa abordagem também proporcionou a identificação de elementos que influenciam tanto na forma como os usuários percebem seu ambiente quanto na maneira como se relacionam com os demais moradores. O levantamento dessas informações possibilitou que sugeríssemos alterações para o edifício estudado, buscando adequar este as necessidades e expectativas dos estudantes-moradores, assim como permitiu traçar recomendação gerais que auxiliem arquitetos na concepção em futuros projetos de moradias estudantis.

Palavras-chave: Moradia Estudantil. Interações morador-moradia. Apropriação espacial.

ABSTRACT

The student housing must provide psychophysical support for undergraduate who inhabit it, having as objective to give residents a place for dwelling; to support the constitution of the individual as an adult citizen and professional, socialization, and development of extracurricular activities. Through the process of expansion of public universities, there is a growing need for vacancies in student housing, along with this, it becomes necessary to evaluate the spaces that are being offered to college students residents of these buildings. This dissertation presents a case study carried out in Florianópolis at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in order to understand the space inhabited by students-residents, focusing on the interaction between user and environment. In this sense, the work is developed based on the relationship that the student-resident has with their own housing and how does the relationship between the built environment and its suitability for use, through the spatialization of the activities carried out by students. To support this work, we seek theoretical references concerning the history of the University and its Student Housing; seek to understand the concept of dwelling / house / housing, in addition to supporting research conducted in the field of environmental performance. A multi-methods approach used - ethnographic, spatial readings, observations, dialogues and interviews - enabled the evaluation and characterization of the building as well as mentored the observations of human x environment interactions. This approach has also facilitated the identification of elements that influence both the way users perceive their environment and how they relate to other residents. The removal of this information allowed urge changes to the building, seeking to adapt this studied the needs and expectations of students, residents, as well as general guidelines to help plot allowed architects in designing future student housing projects.

Keywords: Student Housing. Interaction between resident and housing. Space appropriation.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Estudos do comportamento ambiental.....	39
Figura 2: Imagem ilustrativa.....	48
Figura 3: Imagem ilustrativa.....	48
Figura 4: Imagem ilustrativa.....	48
Figura 5: Imagem ilustrativa.....	49
Figura 6: Imagem ilustrativa.....	49
Figura 7: Imagem ilustrativa.....	51
Figura 8: Fazenda Assis Brasil.....	68
Figura 9: Mapa de situação da UFSC na cidade de Florianópolis.....	69
Figura 10: Fazenda Assis Brasil, década de 30 – Atual UFSC.	70
Figura 11: Bloco Social do primeiro projeto da ME.	73
Figura 12: Situação da Moradia Estudantil da UFSC no Bairro.	77
Figura 13: Planta de situação da Moradia Estudantil da UFSC.	78
Figura 14: Planta de localização da edificações no terreno.....	79
Figura 15: Corte AA – Corte esquemático do terreno.....	79
Figura 16: Corte BB – Corte esquemático do terreno.	80
Figura 17: Imagens do bloco de dormitórios.	80
Figura 18: Planta pavimento térreo bloco existente e em construção.	85
Figura 19: Planta pavimento tipo bloco existente e em construção.	85
Figura 20: Imagens do acesso a Moradia Estudantil.	87
Figura 21: Imagem hall.	87
Figura 22: Imagens da escada – com luz acesa e apagada.	88
Figura 23: Imagem do corredor de acesso aos dormitórios.....	88
Figura 24: Imagem interna lavanderia – Cenário 05.....	89
Figura 25: Imagem externa lavanderia – Cenário 06.	89
Figura 26: Imagem sala de estudos.	90
Figura 27: Planta baixa do dormitório – área compartilhada e íntima.	91
Figura 28: Planta baixa do dormitório – layout sugerido pela UFSC.	92
Figura 29: Imagem área externa com estar.	93
Figura 30: Planta baixa hall – marcação do ponto de observação.....	94
Figura 31: Imagem hall de acesso.....	95
Figura 32: Imagem corredor de acesso aos dormitórios.....	97
Figura 33: Planta baixa lavanderia – marcação dos cenários.....	98
Figura 34: Imagens da lavanderia – área interna – cenário 5.....	99
Figura 35: Imagens da lavanderia – área externa – cenário 6.	99

Figura 36: Planta baixa sala de estudos.....	101
Figura 37: Planta baixa do dormitório – usos e atividades.....	102
Figura 38: Planta baixa do dormitório – áreas de uso.....	104
Figura 39: Planta baixa apartamento 340/341.....	106
Figura 40: Planta baixa da cozinha.....	107
Figura 41: Imagens da cozinha.....	107
Figura 42: Planta baixa do banheiro Imagem.....	109
Figura 43: Planta baixa do dormitório 340.....	110
Figura 44: Imagens do dormitório 340.....	111
Figura 45: Planta baixa do dormitório 341.....	112
Figura 46: Imagem do dormitório 341.....	112
Figura 47: Planta baixa apartamento 130/131.....	114
Figura 48: Planta baixa da cozinha.....	115
Figura 49: Imagens da cozinha.....	115
Figura 50: Planta baixa do banheiro Imagem.....	116
Figura 51: Planta baixa do dormitório 130.....	117
Figura 52: Imagem do dormitório 130.....	118
Figura 53: Planta baixa do dormitório 131.....	119
Figura 54: Imagem do dormitório 131.....	120
Figura 55: Planta baixa apartamento 120/121.....	121
Figura 56: Planta baixa da cozinha.....	121
Figura 57: Imagens da cozinha.....	122
Figura 58: Planta baixa do banheiro Imagem do banheiro.....	123
Figura 59: Planta baixa do dormitório 120.....	125
Figura 60: Imagens do dormitório 120.....	125
Figura 61: Planta baixa do dormitório 121.....	126
Figura 62: Imagem do dormitório 121.....	126
Figura 63: Sugestão de <i>layout</i> para o hall de acesso –	133
Figura 64: Prateleiras utilizadas como apoio e para guardar produtos.....	134
Figura 65: Sugestão para armários individuais.....	134
Figura 66: Definição de territórios.....	135
Figura 67: Sugestão para ordenamento dos varais.....	135
Figura 68: Mesas com luz focal – áreas de trabalho definidas.....	136
Figura 69: Sugestão de mobiliário móvel – mesas e cadeiras.....	136
Figura 70: Definição de territórios - dormitórios com 3 estudantes.....	137
Figura 71: Definição de territórios - dormitórios com 2 estudantes.....	137

Figura 72: Definição de territórios – ocupação do espaço.	138
Figura 73: Proposta de <i>layout</i> para a cozinha.....	139
Figura 74: Proposta de ventilação para o banheiro.	140
Figura 75: Sugestão de <i>layout</i> para o hall de acesso.	141
Figura 76: Propostas de <i>layout</i> para a sala de estudos.	142
Figura 77: Sistemas de vedação <i>DRYWALL</i>	144
Figura 78: Utilização de mobiliário inteligente – flexibilidade e funcionalidade.	145
Figura 79: Projeto para moradia estudantil em contêineres.	146
Figura 80: Projeto para moradia estudantil em contêineres.	146
Figura 81: Demarcação de territórios e apropriação do espaço.....	147
Figura 82: Distribuição dos estudantes da ME UFSC no Brasil.	166
Figura 83: Distribuição dos estudantes da ME UFSC no território nacional.	167
Figura 84: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.	168
Figura 85: Fotos da CEU/UFSC, campus Camobi.	168
Figura 86: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.	170
Figura 87: Fotos da ME/UFPEL.	171
Figura 88: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.	172
Figura 89: Fotos da CEU/UFGRS.....	173
Figura 90: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.	175

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Esquema de estruturação de tabela.....	65
Tabela 2: Identificação dos Problemas da ME.....	130
Tabela 3: Identificação das Potencialidades da ME.....	131
Tabela 4: Relação de alunos da Moradia por região do País ou por País. .	166
Tabela 5: Relação de alunos da Moradia por estados do País.....	167
Tabela 6: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.....	167
Tabela 7: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.....	170
Tabela 8: Direita - Relação de alunos da Moradia por estado do País.	172
Tabela 9: Esquerda - Relação de alunos da Moradia por região do País ou por País.....	172
Tabela 10: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.....	172
Tabela 11: Direita - Relação de alunos da Moradia por estado do País. ...	174
Tabela 12: Esquerda - Relação de alunos da Moradia por região do País ou por País.....	174
Tabela 13: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.....	174

LISTA DE SIGLAS

- AMA** – Ateliê Modelo de Arquitetura
APO – Análise Pós-Ocupação
CEJCF – Casa da Estudante da Juventude Católica de Florianópolis
CEU – Casa dos Estudantes Universitários
CFM – Centro de Ciências Físicas e Matemáticas
DIG – Departamento de Informações Gerenciais
DPAE – Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia
ELETROSUL – Centrais Elétricas do Sul do Brasil
EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
ETUSC – Escritório Técnico Administrativo da UFSC
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ME – Moradia Estudantil
MEC – Ministério da Educação
PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil
PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RU – Restaurante Universitário
SECOVI – Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UEC – União Catarinense de Estudantes
UFPEl – Universidade Federal de Pelotas
UFRGS – Universidade Federal de Rio Grande do Sul
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	VII
AGRADECIMENTOS.....	IX
RESUMO	XI
ABSTRACT.....	XIII
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XV
ÍNDICE DE TABELAS	XIX
LISTA DE SIGLAS	XXI
1. INTRODUÇÃO.....	27
1.1. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA	28
1.2. QUESTÃO DE PESQUISA.....	30
1.3. OBJETIVOS	30
1.3.1. Objetivo Geral	30
1.3.2. Objetivos específicos.....	30
1.4. PROCEDIMENTO DA PESQUISA.....	31
1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	32
2. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	34
2.1. MORADIA ESTUDANTIL: ALGUNS CONCEITOS	35
2.1.1. Casa, Moradia ou Habitação?	35
2.1.2. O usuário de moradias estudantis	36
2.2. CONTRIBUIÇÕES E CONCEITOS DOS ESTUDOS DE COMPORTAMENTO AMBIENTAL.....	38
2.2.1. Análise de Ambientes	38
2.2.2. A percepção e a relação usuário x ambiente	41
2.2.3. O comportamento do usuário-morador baseado na relação pessoa x ambiente em moradias estudantis.....	45
2.2.3.1. Territorialidade:	47
2.2.3.2. Privacidade:	52
2.2.3.3. Identidade:	55
2.2.3.4. Ambiência:	56
2.2.4. Aspectos relevantes retirados da revisão bibliográfica ...	56

2.3.	ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA - QUESTÕES METODOLÓGICAS	58
2.3.1.	Levantamento de dados.....	59
2.3.2.	Leituras espaciais.....	60
2.3.3.	Estratégias de observação	62
2.3.4.	Diálogos e entrevistas.....	63
2.3.5.	Conexão estratégias x estudo de caso	64
3.	ESTUDO DE CASO: A MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC.	66
3.1.	HISTÓRIA DA MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC	67
3.2.	FATORES ASSOCIADOS À MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC.....	74
3.3.	O LOCAL	76
3.4.	O USUÁRIO DA MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC	80
3.5.	LEITURAS ESPACIAIS SOB A ÓTICA DO PESQUISADOR..	84
3.5.1.	Áreas comuns	86
3.5.2.	Áreas compartilhadas	90
3.5.3.	Áreas íntimas.....	91
3.6.	OBSERVAÇÕES DA RELAÇÃO MORADOR X MORADIA INTERPRETAÇÃO DOS DIÁLOGOS.....	92
3.6.1.	Áreas Comuns	93
3.6.2.	Áreas compartilhadas e áreas íntimas	101
3.7.	CONSIDERAÇÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES.....	128
3.7.1.	Identificação de problemas e potencialidades.....	129
3.7.1.1.	Problemas	132
3.7.1.2.	Potencialidades	140
3.7.2.	Recomendações para futuros projetos.....	143
4.	CONCLUSÃO	150
4.1.	ATENDIMENTO DOS OBJETIVOS.....	151
4.2.	AVALIAÇÃO DAS TÉCNICAS ADOTADAS.....	152
4.3.	DIFICULDADES ENCONTRADAS NA REALIZAÇÃO DO ESTUDO	153
4.4.	RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS	154
4.5.	DISSEMINAÇÃO DOS RESULTADOS	155

REFERÊNCIAS.....	156
APÊNDICE.....	163
ANEXOS.....	176

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento desta pesquisa surgiu do intuito de avaliar espaços destinados à moradia universitária, tendo em vista que desde 2010 é dever das universidades federais adotar o Plano Nacional de Assistência Estudantil que prevê melhorias nas instituições de ensino, aumentando a permanência dos estudantes no ensino superior. Essas melhorias vão desde atividades extracurriculares de lazer e cultura até a implantação de restaurantes universitários, creches e moradias.

Procurando avaliar as contribuições da arquitetura nesta qualificação, o presente trabalho desenvolveu-se na Moradia Universitária da UFSC e inicia explorando o problema, justificando sua relevância, levantando a questão a ser respondida, delimitando o tema e fazendo uma exposição prévia do seu desenvolvimento.

1.1. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA

Atualmente, em todo o território nacional, existem 115 moradias estudantis, com diferentes tipologias, indo de pequenas casas coloniais estruturadas para servirem de república, como ocorre em Ouro Preto (MG) até modernos conjuntos habitacionais como o da Cidade Universitária de São Paulo (VILELA JÚNIOR, 2003).

As moradias estudantis são importante suporte para estudantes vindos de outros lugares. Além de fornecerem espaços destinados aos dormitórios e à higiene pessoal, também devem servir para o efetivo convívio social e ter estrutura para a realização de atividades acadêmicas extraclases. Para Vilela Júnior (2003), os programas de necessidades para projetos dessa natureza, devem ser compostos por três pilares: **convívio social**, promovendo a necessária integração dos moradores; **serviço**, prevendo a estrutura para atividades domésticas; e **espaços específicos**, prevendo a implantação de laboratórios, estúdios e ateliês que supram a necessidade extraclasse dos moradores. Porém, nem sempre esses pontos norteadores do projeto de uma moradia estudantil são contemplados. Percebe-se, por exemplo, que edificações alugadas por instituições de ensino para serem utilizadas como moradias estudantis não contemplam as áreas de espaços específicos, justamente por não terem sido projetadas para o uso de moradia estudantil. A esse fato, acrescentamos a crescente procura por vagas em moradias estudantis e a pouca oferta, o que pode conduzir a execução parcial dos projetos concebidos pelas Universidades, culminando na falta de algum dos elementos norteadores.

O crescente aumento no número de vagas para cursos de nível superior em universidades públicas e a oferta de emprego para pessoas com diploma universitário, faz com que muitos estudantes procurem a graduação de nível superior. Porém, nem todos conseguem cursar uma faculdade em sua cidade de origem. Grande parte dos estudantes universitários acaba saindo de seus lares para estudar em grandes centros, buscando aprimoramento, cursos mais conceituados e ensino superior gratuito.

Todavia, apesar de ingressar em uma instituição pública onde os gastos com mensalidades são inexistentes, existem despesas com moradia, alimentação e transporte. Nesse sentido, em 2010, foi assegurado aos estudantes de Instituições Federais o direito a assistência estudantil, através do Decreto n.º 7.234 que tem por finalidade ampliar

as condições de permanência dos jovens na instituição superior pública federal. Para que isso ocorra, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) tem por objetivos:

democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; reduzir as taxas de retenção e evasão, e, contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. As áreas de atuação, previstas para o desenvolvimento do programa, são: alimentação, transportes, lazer, cultura, creches além da moradia estudantil (BRASIL, 2010).

Como a moradia estudantil pertence ao Programa Nacional de Assistência Estudantil, faz-se necessário o desenvolvimento do conhecimento de como deve ser este ambiente e para quê ele serve. Este espaço é condicionante no desenvolvimento psicológico e social, além de ser local de desenvolvimento de atividades extraclasse, de habitação e de convívio dos estudantes que ali residem.

Ressalta-se que é no período de graduação, quando os jovens têm entre 16 e 30 anos, que ocorre a transição da fase do adolescente para a fase de jovem-adulto. É durante esse tempo (no qual os estudantes saem do ambiente familiar, mudam de cidade e vão coabitar com outros estudantes, os quais não conhece e que normalmente vêm de culturas diversas) que as moradias estudantis cumprem o papel de prover condições psicofísicas que dão suporte para sua formação superior. Assim, é preciso entender o espaço destinado à moradia estudantil como um local de habitação, de socialização, de formação de personalidade e de desenvolvimento de atividades de apoio aos estudos universitários, a fim de que as necessidades dos alunos-moradores sejam atendidas e os espaços por eles ocupados sejam qualificados.

Para dar suporte a esta pesquisa, procurou-se referenciais teóricos que ajudassem a compreender a relação existente entre o homem e seu espaço, a fim de entender como a arquitetura pode interferir na percepção do usuário, modificar suas expectativas e a forma como se relaciona com o lugar. Através desse referencial foi possível entender que o cotidiano do ser humano compõe-se de diversos elementos que relacionam pessoas, lugares e atividades, e que o homem vive no espaço.

Com a finalidade de complementar o aporte teórico que norteia esta pesquisa, buscou-se material que tratasse da habitação, da casa e da moradia. Procurou-se diferenciar esses termos a fim de relacioná-los com o envolvimento psicofísico que o indivíduo tem com cada um. Buscou-se, ainda, referências históricas do processo de implantação da Moradia Estudantil no Campus Universitário da UFSC, bem como dados referentes aos estudantes a fim de caracterizar e entender o usuário e suas expectativas.

1.2. QUESTÃO DE PESQUISA

A partir do desejo de entender como deve ser uma moradia estudantil e para quem ela serve, essa pesquisa se desenvolveu através de estudo de caso na Moradia Estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com foco na qualidade dos espaços e na relação que o morador passa a ter com eles, buscando respostas à questão:

1. Qual a relação que os estudantes estabelecem com a moradia estudantil?

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Com a finalidade de responder a pergunta acima, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de avaliar a adequação do espaço habitado pelos estudantes-moradores, tendo como foco a relação que eles têm com os ambientes. Assim, procurou-se identificar características do ambiente que apontem como esses espaços estão sendo utilizados, a fim de propor sugestões que possam auxiliar o profissional arquiteto na concepção ou reestruturação de projetos dessa natureza.

1.3.2. Objetivos específicos

1. Observar a relação de proximidade entre os indivíduos e o lugar o qual estão habitando, buscando conceitos relacionados à forma de habitar;

2. Listar quais são as necessidades psicofísicas de estudantes que habitam a moradia estudantil.
3. Interpretar a relação pessoa x ambiente no contexto desta pesquisa, com a finalidade de identificar formas comportamentais que se manifestam no ambiente construído e habitado;
4. Avaliar a adequação dos espaços da ME às necessidades dos estudantes, baseado nos estudos de comportamento ambiental.
5. Identificar alterações para a moradia estudantil foco deste estudo, que contribuam com a reformulação/reorganização tanto do espaço existente quanto de projetos futuros.

1.4. PROCEDIMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir das abordagens qualitativa e descritiva. A abordagem qualitativa prima pela compreensão e interpretação dos dados coletados, sendo atribuída a ela valores, hábitos, atitudes e representação da realidade. Já a abordagem descritiva, baseia-se no estudo das variáveis, sem que exista a manipulação dos dados, ou seja, descreve de forma empírica as situações presenciadas pelo pesquisador.

Com a intenção de encontrar respostas para as questões de pesquisa, adotou-se como método o estudo de caso. Para desenvolver esse estudo buscou-se apoio na revisão bibliográfica, que proporcionou o entendimento do indivíduo como um ser possuidor de necessidades, que interage com o meio e com outros indivíduos espacializando seus desejos e modificando o espaço a fim de adaptá-lo. Procurou-se, ainda, levantar dados que fossem relevantes para o entendimento da história da moradia e das necessidades dos estudantes que nela habitam.

Através do entendimento do referencial teórico e tendo posse de alguns dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), desenvolveu-se a pesquisa de campo. Para que esse estudo fosse realizado, utilizou-se técnicas de apoio - **observações, leituras espaciais e diálogos** – que serão mais bem explicadas no capítulo 2.

A pesquisa de campo ajudou a compreender a realidade dos moradores, suas expectativas, suas necessidades e a forma como utilizam a moradia da UFSC. Por meio desse estudo, buscou-se compreender as necessidades dos estudantes, tendo como objetivo avaliar a adequação dos espaços a essas necessidades. Através das técnicas aplicadas, foi possível identificar elementos arquitetônicos que estão ou não adequadamente projetados e/ou construídos para o fim que foram propostos.

Pretende-se analisar com maior acuidade os dados levantados, comparando-os com o referencial teórico; analisando como o estudante-morador está se relacionando com o ambiente, e como estes espaços estão sendo utilizados pelos usuários. Espera-se, assim, contribuir para minimizar falhas em futuros projetos arquitetônicos, destinados ao uso de habitação estudantil, garantindo qualidade espacial para os estudantes e fazendo com que a edificação adapte-se ao usuário, às suas atividades essenciais e às necessidades psicofísicas.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para que futuros projetos levem mais em consideração a qualidade dos espaços oferecidos aos usuários, principalmente no aspecto de habitação, onde eles formam seus referenciais, e onde possam socializar-se; ter momentos de introspecção/reflexão, garantindo bem estar que reflita em suas ações internas e externas a habitação.

1.5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está organizado em quatro capítulos divididos entre a Introdução, Bases Teórico-metodológicas, Estudo de Caso, e Conclusões.

O capítulo 1 - **Introdução** - faz referência ao problema de pesquisa e às questões que envolvem esse problema. Elenca os objetivos a serem alcançados, bem como expõe as técnicas utilizadas para seu desenvolvimento.

O referencial teórico-metodológico encontra-se no capítulo 2 – **Bases teórico-metodológicas** -, que aborda os assuntos a serem aprofundados na pesquisa, bem como o método utilizado neste trabalho e as técnicas que deram suporte a este método.

Na primeira parte do capítulo 2, aborda-se o conceito de casa e sua relação com o indivíduo, faz-se uma descrição primária do usuário foco da pesquisa e abordam-se aspectos teóricos referentes à análise de ambientes; as formas de percepção do espaço e às interações entre o usuário e o espaço habitado.

Em um segundo momento, são abordados os aspectos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, conceituando-os e explicando a forma como foram utilizados.

No capítulo 3 – **Estudo de Caso** -, apresenta-se a história da UFSC e de sua moradia estudantil, descreve-se o local onde a pesquisa foi desenvolvida, bem como caracteriza-se o usuário da moradia

estudantil da UFSC. Nesse capítulo, também são apresentados os resultados obtidos a partir da metodologia utilizada, analisam-se as observações realizadas, bem como se apontam as conclusões obtidas a partir do estudo de caso e dos referenciais teóricos, e traçam-se recomendações para a edificação estudada e para edificações em contextos semelhantes.

Por fim, o capítulo 4 – **Conclusão** -, aborda aspectos relativos ao atendimento dos objetivos, a pertinência da metodologia utilizada, bem como descreve dificuldades encontradas e dá recomendações para o desenvolvimento de futuros trabalhos.

Finalizando, são apresentadas as **Referências** utilizadas para dar suporte ao trabalho, assim como são apresentados os **Apêndices** e os **Anexos**.

2. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Neste capítulo serão abordados alguns conceitos que se relacionam a moradia, ao lar e a habitação. Procurou-se descrevê-los a fim de identificar aquele que melhor se adéqua ao tema moradia estudantil. Também serão expostas algumas contribuições relacionadas ao comportamento ambiental, ou seja, a maneira como as pessoas se relacionam com o meio. Neste sentido, buscou-se identificar formas comportamentais relacionadas a demarcação de limites, ao controle dos acesso e a identidade com o local.

Ainda neste capítulo será exposto o método utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como as técnicas que auxiliaram no estudo. Por fim, procurou-se identificar os aspectos relevantes para a pesquisa retirados das bases teórico-metodológicas.

2.1. MORADIA ESTUDANTIL: ALGUNS CONCEITOS

Neste item serão abordados alguns conceitos referentes a casa, a moradia e a habitação, relacionando-os ao contexto da moradia estudantil de forma a identificar aquele que está mais adequado a essa edificação. Também se apresenta uma breve análise do usuário foco desta edificação.

2.1.1. Casa, Moradia ou Habitação?

Habitar determinado espaço é sentir-se protegido por ele, poder desenvolver todas as atividades relativas ao ato de habitar, sejam elas relacionadas a uma moradia ou ao local de trabalho. Habitar é quando o indivíduo situa-se em determinado espaço, onde se sente seguro e pode repousar, ter convívio familiar e crescimento social (SAÚGO, 2010).

A habitação, a moradia (o lar) e a casa podem possuir sentidos bastante diferentes se analisadas as relações de proximidade que os indivíduos mantêm com os lugares. Para Martucci e Basso (p.271, 2002) a casa é a *casca protetora, é o invólucro que divide, tanto espaços internos como espaços externos*. Sendo um ente físico, não possui uma relação afetiva com o morador. Como sua primeira função, precisa servir de abrigo, deve abrigar o indivíduo e permitir que ele sonhe. É o elemento de estabilidade na vida, sem o qual estaríamos dispersos, perdidos. É na casa que se dá a experiência do lar (MALARD, 2002).

Já a moradia, o lar, *leva em consideração os hábitos de uso da casa* (MARTUCCI; BASSO, p.272, 2002). A moradia então permite que o usuário tenha uma relação afetiva com ela, onde os desejos e as necessidades dos indivíduos serão espacializadas e criarão uma dimensão simbólica para o lugar. O lar é algo mais que simplesmente um edifício, é um lugar onde as pessoas podem expressar suas necessidades como forma de dar identidade ao lugar (THOMSEN; EIKEMO, 2010). É nela que podemos espacializar nossos sentimentos, nossa necessidade, transformando a casa em um lar. Bachelard (2000) define a moradia como local que *abriga o devaneio, que protege o sonhador e permite sonhar em paz*.

A habitação então é definida como a relação casa x moradia integradas em um mesmo espaço, em uma urbanidade. Ela está ligada a elementos que se *relacionam com a vida das pessoas e suas perspectivas sociais, políticas, econômicas, históricas, ideológicas* (MARTUCCI; BASSO, p. 272, 2002). Se considerarmos que o homem

modifica o espaço em que vive, seja ele interior ou exterior, para espacializar seus desejos e necessidades, e que isso ocorre em todos os lugares, cabe aqui considerar a Casa Do Estudante como uma Habitação, já que elementos da casa e do meio externo (o urbano) poderão alterar a dimensão simbólica do lugar.

Essa dimensão simbólica se modifica com o tempo (idade) e com as necessidades dos moradores, portanto, o lugar pode ser composto para diferentes objetivos. Rapoport (1984) enumera alguns deles: abrigar pessoas, suas atividades e posses; abrigar de inimigos – humanos e animais; estabelecer lugar e reforçar a identidade social, o *status*. Ainda se pode acrescentar que a moradia deve ser um local que propicie o convívio social, entre membros de uma mesma família ou de famílias diferentes.

A moradia estudantil, tomada como habitação, deve ajudar no desenvolvimento de cooperação, segurança, cidadania responsável, estimulação intelectual e inspiração (HASSANAIN, 2008). Residências estudantis ajudam os alunos a aumentar seu campo de conhecimento através de informações que seus próprios colegas de quarto compartilham. Considera-se, então, que a experiência de viver em uma moradia estudantil é bastante agregadora, e, se bem compreendida, ajuda na formação, não só acadêmica, como social do morador.

Para que essa experiência ocorra de forma plena, é necessário que o ambiente prime pelo convívio social; territorialidade; privacidade e identidade com o lugar. Assim, permite-se que os estudantes criem um vínculo com o espaço, tornando a habitação estudantil um lar.

Apesar de seu caráter transitório, a expressão “moradia”, se analisada no contexto da casa, possui um caráter definitivo, já que durante o período de graduação é nela que se concentrarão as principais atividades do indivíduo e é nela que a dimensão simbólica se manifestará. Portanto, a moradia estudantil, observada como uma habitação, com todas as suas atividades, deve dar suporte aos seus moradores tanto nas questões físicas, de conforto e bem-estar, quanto nas questões psicológicas de permitir o sonho, a socialização, o devaneio, trazendo ao espaço habitado a essência da noção de lar.

2.1.2. O usuário de moradias estudantis

As universidades brasileiras acolhem estudantes provenientes de diversos lugares, tanto do país quanto do exterior. O grande número

de estudantes matriculados em cada instituição colabora para a diversidade étnica, social, cultural, econômica e etária.

Pensar em estudantes universitários é pensar em uma população bastante jovem. O IBGE considera que população jovem é aquela na qual os indivíduos se encontram entre 15 e 24 anos de idade. Porém, nessa pesquisa, serão considerados jovens aqueles que possuem idade entre 18 a 30 anos, já que é nesse período da vida que a maioria dos estudantes ingressa em instituições de ensino superior.

Para Thomsen e Eikemo (2010) a idade do jovem-adulto é caracterizada pela forma como esses indivíduos vivem: sem estabelecer famílias, cheios de ideais, de novos amigos e experiências. Conhecer o perfil do jovem-adulto universitário é fundamental para projetar os espaços que eles habitarão. Sousa (2005) afirma que, apesar de todas as padronizações, é necessário considerar a multiplicidade de possibilidades que se apresentam na juventude, justamente por ser uma “idade de transição”, na qual a constituição da personalidade, da identidade, dos valores e das ideologias está em processo. A autora ainda expõe que existe, na juventude, uma disponibilidade de assumir várias configurações de personalidade. É possível observar este fato na forma como usufruem da música, dividindo-se entre grupos de rock, hip hop, funk, MPB entre outros estilos musicais, por exemplo. Essa disponibilidade representa uma *possibilidade de enfrentar a padronização que lhes é imposta, por estarem vivendo um momento de transformações, em que a identidade ainda é pouco estável* (SOUSA, p.26, 2005).

O jovem, possuidor de uma identidade pouco estável, encontra-se em uma fase de transição, na qual se dará a definição de sua identidade adulta. Essa definição dependerá de referências de outros adultos e de mudanças sociais. É nesse contexto que se encontram os jovens universitários, usuários-foco desta pesquisa. Quando a influência paterna torna-se distante, como no caso dos moradores de casas estudantis, é nos professores que os jovens miram-se e tomam seus exemplos. Já as mudanças sociais ficam por conta de toda a modificação que é enfrentada por esses jovens quando saem de sua cidade natal e de seus lares para passar a conviver com outros estudantes, tendo que dividir seu espaço com pessoas com quem estão tendo seu primeiro contato. A Moradia Estudantil como parte integrante dessa diversidade abriga usuários que nela devem viver e conviver. São pessoas com diferentes crenças, perspectivas de vida, cultura e hábitos.

No contexto dessa diversidade, este estudo pretende evidenciar alguns aspectos relevantes no projeto das moradias estudantis que possibilitem atender de forma adequada tanto as características comuns quanto às particularidades do grupo de usuários.

2.2. CONTRIBUIÇÕES E CONCEITOS DOS ESTUDOS DE COMPORTAMENTO AMBIENTAL

Para compreender como se dá a relação homem x ambiente, pesquisou-se referências nos estudos de comportamento ambiental. Nesse item, serão apresentadas algumas formas de percepção do local habitado, bem como maneiras de espacialização do homem que evidenciam sua forma de se relacionar com o espaço. Essa base teórica será importante quando da proposição de alterações projetuais para a moradia, pois, a partir do entendimento da relação morador x moradia, pode-se melhor entender suas necessidades e expectativas.

2.2.1. Análise de Ambientes

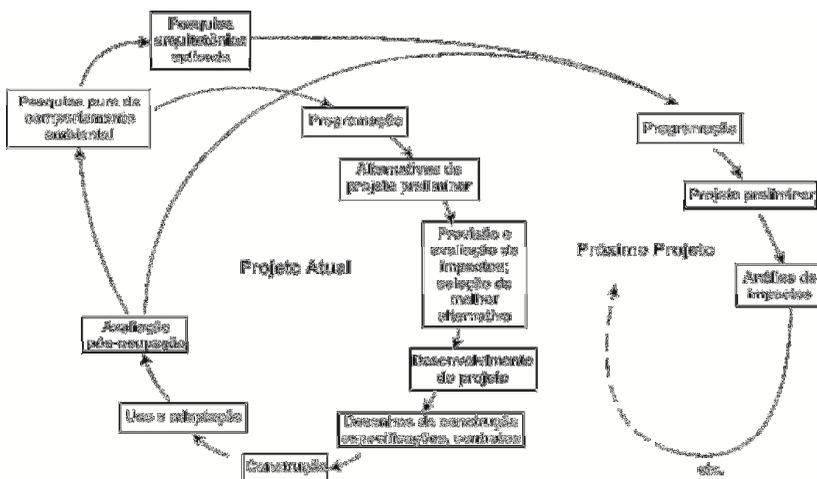
No panorama atual da construção civil, percebe-se uma tendência à realização de pesquisas de avaliação e reavaliação que retornem informações relativas ao uso das edificações e ao comportamento dos usuários, buscando subsídios para um aprimoramento das edificações a fim de melhorar a qualidade de vida de seus habitantes. Apesar de ser uma preocupação atual, há mais de 30 anos Hall já expunha essa necessidade de retroalimentação de projetos, afirmando que:

O homem e suas extensões constituem um sistema inter-relacionado. É um grande erro agir como se os homens fossem uma coisa e sua casa, suas cidades, sua tecnologia ou sua língua algo diferente. Devido à inter-relação entre o homem e suas extensões, é conveniente prestarmos atenção bem maior ao tipo de extensões que criamos (...). Como as extensões são inanimadas, é preciso alimentá-las com feedback (pesquisa), para sabermos o que está acontecendo, em particular no caso das extensões modeladoras ou

substitutivas do meio ambiente natural (HALL, p. 166-167, 1977).

Neste texto, Edward T. Hall expõe como devem ser tratar as extensões humanas (os ambientes criados pelo homem), alimentando-as com um *feedback*, para que possam informar como estão acontecendo as relações do homem com o espaço o qual está habitando. Esse estudo diz respeito às análises ambientais, área de trabalho ainda muito vinculada as Avaliações Pós-Ocupação (APO).

A esse respeito, Moore (1984) utiliza uma imagem bastante elucidativa referente à como deveria ocorrer essa pesquisa para que um projeto possa ser avaliado com a finalidade de melhor compreender a interação do morador com a moradia, buscando qualificar os espaços que estamos planejando. Segundo o esquema a seguir, enumeram-se as necessidades (programa), propõem-se alternativas, avaliam-se essas alternativas relacionando-as com o entorno e com o usuário para escolher qual a melhor, desenvolve-se o projeto em planta; executa-se o projeto; avalia-se o uso e as adaptações realizadas pelos moradores e recomeça-se o ciclo para aprimorar o projeto atual, ou melhorar projetos semelhantes.



**Figura 1: Estudos do comportamento ambiental
(baseado no trabalho de J. Ziesel, 1975)**

Fonte: MOORE (p. 71, 1984) - Introdução a Arquitetura

Esse autor ainda expõe que o *feedback* é multidisciplinar, abrangendo áreas de conhecimento relacionadas a engenharia, ciências sociais e as artes. Complementariamente, Elali (1997) aponta que, apesar dos arquitetos terem um grande potencial de criar e modelar espaços, existe pouco estudo no sentido de construir conhecimentos sobre a relação entre o comportamento humano e o ambiente construído/modificado. Ela expõe que isso pode estar associado à indefinição da área (ou áreas) de conhecimento a que essas análises pertencem, pois podem abranger áreas da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Arquitetura dentre outras, bem como a intensa subdivisão dessas áreas em setores muito especializados que podem levar a uma estagnação desse conhecimento. Almeida (2001) ainda afirma que sabe-se muito sobre ‘como fazer’ (tecnologias), mas para saber ‘como fazer funcionar’, depende de investigar ‘para quê’ irá servir um lugar. Será esta pesquisa inicial que irá ‘con-formar’ o projeto, ou seja, fundamentá-lo.

Essa fundamentação (para quê serve o lugar?) tem como base os estudos de comportamento ambiental, que procuram entender como os espaços são utilizados pelo homem. Com a finalidade compreender esses estudos, Elali (1997), afirma ser possível integrar duas disciplinas afins: a Psicologia, com o foco no indivíduo; e a Arquitetura, com foco na edificação e nos seus usos. Assim, a análise ambiental tem como principal objeto de estudo a avaliação do ambiente construído durante o processo de ocupação. Sob a ótica dessa interdisciplinaridade o edifício *deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas (construtivas) e passa a ser avaliado enquanto espaço "vivencial", sujeito à ocupação, leitura, reinterpretação e/ou modificação pelos usuários* (ELALI, p.353, 1997). Dessa forma, a análise de ambientes toma foco no uso da edificação bem como na valorização e compreensão do ponto de vista do usuário.

Os estudos de comportamento ambiental são importante meio para entender os espaços habitados, pois são a partir deles que as inter-relações pessoa e ambiente podem ser avaliadas. Como questões básicas a serem respondidas durante um estudo, podem ser citadas: *Como as pessoas se relacionam com o meio ambiente construído? Quais são suas necessidades? Como aplicar tais respostas ao processo de projeto?* (MOORE, p. 65-66, 1984). A partir dessas avaliações é possível identificar atributos do ambiente analisado e propor modificação para que esse local atenda de forma adequada e plena seus usuários,

atribuindo ao espaço qualidade e proporcionando aos moradores melhorias em sua vida cotidiana.

É importante ressaltar que essas questões não podem levar em consideração apenas os aspectos funcionais da edificação, devem atender a aspectos psicológicos dos usuários, tais como sua percepção do ambiente, sua necessidade de socialização e as diferenças culturais dos indivíduos que ocupam um mesmo espaço. Também se deve entender que diferentes grupos têm necessidades e padrões de usos diferentes, e compreendem de maneira diversa o meio no qual estão inseridos. Cabe ao arquiteto entender o ponto de vista do usuário a fim de melhor caracterizá-lo, a partir de informações valiosas para o processo de projeto que envolva tal indivíduo (MOORE, 1984).

No estudo das análises ambientais buscou-se compreender a dinâmica da percepção. Dentro desse contexto Malard (2006) parte da ideia que o homem não pode ser separado do ambiente, nem o ambiente do homem sem que haja prejuízo para ambas as partes. Ela considera que, sendo o homem um “ser-no-mundo”, a questão do habitar passa a ser entendida como um fenômeno que compreende as percepções/relações de interior/exterior, visibilidade e apropriação. Essas se desdobram em estudos de comportamento (territorialidade; privacidade; identidade e ambiência), que serão abordados nos próximos itens enfatizando-se a necessidade de regulação de limites e de acessos.

2.2.2. A percepção e a relação usuário x ambiente

O ser humano utiliza todos seus sentidos para compreender o espaço que está a sua volta. Alguns desses sentidos são mais estimulados, como a visão. Mas, o que seria da visão se não existissem os demais sentidos para tornar possível interpretar/perceber o espaço no qual se vive? Para Papanek (1995), a íntima relação dos sentidos com o meio no qual nos encontramos torna possível experimentar e vivenciar um espaço, pois é nosso sistema sensorial que permite compreender a cinestesia do lugar.

Rapoport (p.171, 1978) evidencia que a *percepção é o mecanismo mais importante que relaciona os homens com seu meio ambiente*. Para esse autor: os elementos são, antes de tudo, percebidos pelo homem, para só então serem organizados e avaliados. As pessoas experimentam o meio através de todos os sentidos, e qualquer elemento/dado se manifesta através da percepção que temos destes, ou da percepção que outros têm desses mesmos elementos. Assim sendo, o

mundo no qual vivemos é um espaço a ser percebido, e do qual tiramos informações que serão organizadas e transformadas em ações/espacializações.

Todas as ações humanas acontecem no espaço, e isso não quer dizer espaço arquitetônico, mas sim qualquer espaço físico do mundo. Não se pode analisar a percepção fora de um contexto espaço-temporal (DISCHINGER, 2000). Como seres que espacializam seus desejos e necessidade, criamos arquitetura, mesmo sem compreendê-la. Rapoport (1984) afirma que todos os ambientes, assim como os artefatos humanos, foram projetados no sentido de que eles englobam as decisões e escolhas humanas e sua maneira específica de fazer as coisas.

Essa característica do homem de ‘ser-no-mundo’, faz com que entendamos que o homem não existe separadamente do mundo, nem o mundo é uma extensão do homem. Ambos co-existem e, assim, são indissociáveis, sendo a espacialidade parte integrante da natureza do ser humano. O usuário percebe e modifica o espaço conforme seus desejos e necessidades, e o espaço se deixa modificar para melhor atender o homem (MALARD, 2006). A respeito dessa relação Hall (p.13, 1997) cria o termo “proxemia”, o qual se refere ao *uso que o homem faz do espaço como elaboração especializada da cultura*. Através dessa definição de Hall, o conceito exposto por Malard et. al. (2002), torna-se claro, já que afirma ser o espaço pré-requisito para que as coisas sejam dispostas, ou arranjadas convenientemente para que façam sentido. Assim, o usuário passa a ser sujeito do espaço, movendo-se para lugares onde existe algo a ser feito. Portanto, o ser humano espacializa seus desejos e intenções, formando os lugares.

Os lugares passam a ter significado quando vivenciados pelas pessoas, surge então à noção de “espaço vivido”. Para que se consiga estabelecer uma relação com o espaço circundante, o corpo deve estar ciente e consciente tanto no espaço quanto no tempo. É necessário que o usuário perceba o espaço que está habitando, já que a consciência do mundo não é fragmentada e depende do passado ou da cultura do ser.

O espaço vivido nada mais é do que a experiência vivida em um tempo passado, a tradição cultural. Deste modo, o corpo só reconhecerá os lugares em que se encontra se possuir uma experiência passada com aquele lugar, ou com algum semelhante. O espaço vivido é aquele que comporta as espacializações que nos fizeram felizes, ansiosos, tristes ou alegres, ou seja, aquele que possui alguma significação para o indivíduo, remete-se ao ambiente construído – a arquitetura (MALARD, 2006).

Portanto, pode-se afirmar que o espaço possui elementos que vão muito além de relações geométricas e propriedades físico-construtivas, o espaço é composto também pela relação que o indivíduo tem com ele, pela significação que cada um dá a um determinado lugar, ou seja, a relação entre o sujeito e o objeto. Bachelard (2000) expõe muito bem tal relação quando afirma que a casa vivida não é um espaço inerte, que, sendo habitada, transcende o espaço geométrico.

Essa relação também é identificada por Rapoport (1984), quando ele defende que quando um ambiente está sendo organizado, o que também passa por essa organização são quatro elementos essenciais: espaço, significado, comunicação e tempo. Portanto, o ambiente passa a ser visto como uma série de relações entre coisas, entre coisas e pessoas e entre pessoas. Todas essas relações são fruto de ordenações do espaço arquitetônico proposto pelo ser humano.

É no espaço arquitetônico que se dão tais relações entre o homem e o objeto (arquitetura). Nele ocorrem eventos, que são mais bem entendidos como atividades humanas de interação entre coisas e pessoas (MALARD, 2006). Essas atividades são decorrentes da característica do homem como ser-no-mundo. Para espacializar seus desejos o indivíduo, motivado, dá origem ao objeto desejado, e assim cria lugares significativos, nos quais suas atividades serão desenvolvidas. Esses lugares resultam de escolhas feitas entre todas as alternativas possíveis, e essas escolhas tendem a ser legítimas, refletindo a cultura do indivíduo (RAPOPORT, 1984).

O espaço arquitetônico é moldado pelo ser conforme suas experiências vividas, sua cultura. Hall (1977) se posiciona afirmando que o ambiente arquitetônico criado pelas pessoas é expressão de uma *filtragem-peneiramento*. Esse sistema de construção da experiência é moldado através da cultura de cada indivíduo e culmina na construção de um espaço arquitetônico não estático, já que é um ambiente modelado pelo homem. Esse espaço arquitetônico depende não só de fatores sociais como das diferentes fases da vida, a situação financeira e as expectativas, como também das características do espaço (THOMSEN; EIKEMO, 2010).

Nesse contexto, Malard (2006) descreve três dimensões as quais o espaço está associado. São elas: simbólica, funcional e tecnológica. A dimensão simbólica está relacionada aos desejos humanos, ou seja, ‘para que?’ o ambiente é criado; a dimensão funcional relaciona-se com o ordenamento das coisas, ou seja, ‘como?’ o ambiente irá funcionar e por fim a dimensão tecnológica, relacionada com a ‘forma como?’ os

lugares serão criados, isto é, com qual tecnologia e conhecimento serão desenvolvidos.

Quando uma dessas dimensões é suprimida, super ou subdimensionada, a experiência do espaço, certamente, é afetada, surgindo os conflitos entre o espaço e o usuário. Esse conflito é experimentado através da ausência ou inadequação de determinado elemento arquitetônico. Em alguns casos, podem ser intencionais, porém, na maioria, o ideal é um equilíbrio entre os três elementos, principalmente se considerarmos edificações residenciais.

Tal equilíbrio permite a habitabilidade do espaço arquitetural. A habitabilidade é característica essencial do espaço, está relacionada a qualidade existente no lugar. É a relação que deve ocorrer com o morar e o experimentar a edificação de forma plena, completa. Para Malard et. al. (2002) uma casa é habitável quando oferece espaço suficiente para o morador, como também todos os utensílios que são necessários ao desempenho das atividades cotidianas, ou seja, a casa tem de funcionar.

Historicamente, a dimensão funcional do habitar foi explorada pelos arquitetos modernistas a pontos extremos. A famosa frase de Le Corbusier “*a casa é uma máquina de morar*” expressa muito bem os requisitos que as edificações devem possuir para cumprir seu papel eficiente de lugar para morar. Todavia, esse extremo parece ter sido o engano desse período, já que os arquitetos reduziram as funções dos edifícios apenas às necessidades dos usuários e descuidaram da dimensão simbólica, que permite a expressão dos desejos (ALMEIDA, 1995).

Partindo dos pressupostos acima, esta pesquisa desenvolveu-se no sentido de estudar as relações existentes entre o estudante-morador e a Moradia Estudantil, bem como identificar aspectos ambientais dessa inter-relação que podem gerar conflitos arquitetônicos. Essas observações, realizadas na Casa do Estudante da UFSC, levaram em consideração muito mais a relação morador x moradia que os aspectos físico-constructivos da edificação, ou seja, são qualitativas com uma abordagem interpretativa dos elementos da pesquisa. Certamente os aspectos físico-constructivos também interferem na relação homem x espaço, mas pode-se dizer que são coadjuvantes quando o foco principal é o significado que o lugar tem para o indivíduo, principalmente quanto a aspectos comportamentais que envolvem a sensação de privacidade e territorialidade.

2.2.3. O comportamento do usuário-morador baseado na relação pessoa x ambiente em moradias estudantis

Como abordado anteriormente, a percepção é o mecanismo que relaciona o usuário com o espaço. Ela depende da forma como os estímulos vindos do meio são interpretados por aquele que percebe, e essa interpretação depende do estado psicofísico que se encontra tal usuário, assim como depende de sua idade, experiência e expectativas. O indivíduo passa, então, a relacionar-se com o lugar o qual está habitando, ou seja, passa a compreender o espaço não apenas como um local sem valor, mas sim como um ‘espaço vivido’, no qual estão presentes suas expectativas, frustrações, felicidades e todo tipo de sentimento que o envolve (MALARD, 2006).

Em moradias estudantis, encontram-se pessoas com diferentes idades, cultura, experiência e expectativa de vida. Sendo assim, o público universitário é bastante heterogêneo, possuindo diferentes necessidades. São pessoas que vêm de diferentes regiões do país ou, ainda, vêm de outros países, e têm que conviver com diferenças culturais, sociais e etárias. Estão em fase de transição e afirmação. A transição ocorre, principalmente, para aqueles que saem de suas casas e passam da convivência familiar para a convivência com os colegas e amigos, muitas vezes estranhos nos primeiros semestres da graduação; mas também ocorre no sentido do amadurecimento psicológico do adolescente que está entrando na fase do jovem-adulto. Já a afirmação passa pela transformação da personalidade (do caráter), pela necessidade de assumir maiores responsabilidades, de criar valores sólidos para uma vida adulta (SOUSA, 2005).

Para que as moradias estudantis possam atender de forma satisfatória usuários distintos é preciso atender a diversidade de necessidade do estudante. Tais necessidades vão desde a forma como cada usuário gosta de estudar até a maneira como utilizam a edificação como residência. Sommer (1973) exemplifica a diferença entre os estudantes através da forma como cada um prefere estudar, em locais silenciosos e isolados, ou em ambientes cheios e barulhentos; até a forma como interagem com seus companheiros, pessoas introvertidas preferem o isolamento, já os extrovertidos preferem a interação social.

A fim de melhor adequar a moradia aos usuários, além de trabalhar aspectos funcionais como flexibilidade e a variedade das residências estudantis faz-se necessário observar o comportamento dos moradores, seus desejos e necessidades, possibilitando compreender

como cada indivíduo utiliza a edificação (como habita nela) para propor melhorias nos projetos atuais e sugestões para projetos futuros.

No tangente a flexibilidade, esta pode se dar tanto em relação à quantidade de espaço (aumentando ou diminuindo conforme o número de moradores) quanto em relação à fixação dos mobiliários (mobiliários móveis permitem um maior número de arranjos, fazendo com que os moradores os ajustem as suas necessidades). Ambas tornam possível a alteração dos espaços conforme as necessidades de cada estudante. Já a variedade, consiste em apresentar diferentes tipologias, assim o aluno pode escolher entre dormitórios individuais ou coletivos.

Todavia, ainda existem as questões comportamentais, de desejos e de necessidades dos estudantes. Esse enfoque é necessário, pois facilita a compreensão do espaço, e possibilita diferentes percepções do mesmo ambiente. Essa abordagem parte da questão “Para que é isto?”, uma vez que consideramos o propósito de um objeto, todas as ações desencadeadas para obtê-lo levarão em conta esse propósito (MALARD et. al., 2002).

Para compreender como essa questão está associada ao projeto arquitetônico, é preciso entender como a dimensão simbólica do lugar relaciona-se com o indivíduo. Como já mencionado, o indivíduo espacializa seus desejos e necessidades, formando assim seus espaços. Eles são repletos de significados, os quais refletem na dimensão simbólica do espaço. Essa dimensão permite identificar relações de como o edifício é experimentado pelo usuário, e diz respeito às necessidades de estabelecer um interior e exterior, possuir relação de visibilidade e de apropriação do local. Essas relações criadas entre o usuário e o espaço estão ligadas ao comportamento humano e as suas necessidades (ALMEIDA, 1995). A seguir, exemplificam-se como essas relações são compostas, bem como se citam alguns elementos arquitetônicos que ajudam a interpretar o comportamento humano.

1. Estabelecer o **Interior/Exterior**: refere-se a interioridade e exterioridade ou a visibilidade e a invisibilidade, essa dimensão está relacionada com o estabelecimento de fronteiras (visíveis ou invisíveis) e pode ser observada no fenômeno de **territorialidade**, manifesta-se, principalmente, através de elementos como muros, portas, cercas, soleiras e marcas no chão;

2. Relação de **Visibilidade**: dimensão na qual onde o indivíduo possui o controle da exposição, podendo ser visível ou oculto; está relacionada aos fenômenos de **privacidade e identidade**. O primeiro refere-se à regulação de acesso a informações da pessoa ou do grupo de pessoas ao qual o indivíduo pertence. A ele, estão relacionados às aberturas, equipamentos, quantidade e disposição dos espaços. Já a identidade revela-se na expressão de valores pessoais ou do grupo e a ela estão relacionados elementos como acabamentos, dimensionamentos, adornos, etc.
3. Sentido de **Apropriação**: relaciona-se a dimensão de viver no espaço, de ordenação, conexão e conforto. Se expressa pelo fenômeno de **ambiência**, ou seja, através da qualidade dos espaços e da cultura dos indivíduos. Pode ser identificado através de elementos como cores, instalações, texturas, conforto (sensação psicofísica), etc..

Com foco na relação estudante x moradia, buscou-se entender como ocorre a regulação de limites e de acessos nesse ambiente. Assim, considerou-se a territorialidade e a privacidade aspectos que requerem proposição arquitetônica sensível às necessidades específicas dos estudantes. Para tanto, é necessário compreender esses comportamentos, com a finalidade de facilitar sua identificação quando da realização do estudo de campo.

2.2.3.1. Territorialidade:

Está relacionado com a demarcação e regulação de limites. Gifford (1987) afirma que a territorialidade pode ser entendida como a conduta ou atitude de um indivíduo ou grupo baseado no controle percebido, intencional ou real de um espaço físico definido, um objeto ou uma ideia e que pode resultar na ocupação habitual, defesa, personalização e sinalização deste. Complementariamente, Malard (2002) afirma que demarcando e diferenciando lugares, o indivíduo cria laços com o lugar e estabelece uma conexão existencial com eles.

Os limites controlados por indivíduos ou por grupos podem ser visíveis ou invisíveis. Os visíveis normalmente são estáticos, centralizados, e controlam quem pode interagir, ficam a cargo de muros, portas, paredes, degraus, soleiras entre outros elementos que Rapoport

(1984) define como o dentro e o fora, o sagrado e o profano, o público e o privado. Já os limites invisíveis relacionam-se com o **espaço pessoal**, que pode variar de pessoa para pessoa, bem como com a situação na qual o indivíduo está inserido e, ainda, com sua cultura, idade e sexo. Altman (apud GIFFORD, 1987) utiliza cinco classificações para os territórios, agrupando-os de acordo com o grau de privacidade, apropriação ou acesso permitido em cada caso, sendo eles:

- *Território Primário*: pertencente a uma pessoa ou um grupo, é claramente demarcado. Possui forte importância psicológica para seus ocupantes. É uma extensão do “eu”, da identidade e da autoestima;



Figura 2: Imagem ilustrativa

Fonte: <http://www.plazamoveis.com.br>

- *Território Secundário*: São menos importantes que o primário, mas ainda possuem importância para seus membros. Controlar esses territórios é menos essencial além de se permitir a ocupação compartilhada com pessoas estranhas;



Figura 3: Imagem ilustrativa

Fonte: <http://rgvweb.com.br>

- *Territórios Públicos*: São áreas abertas para qualquer pessoa da comunidade. Ocasionalmente, os territórios públicos podem estar fechados para pessoas com comportamento inadequado ou para aquelas que sejam consideradas uma ameaça a sociedade;



Figura 4: Imagem ilustrativa

Fonte: <http://www.urbanamente.net>

- *Território Internacional:* são áreas controladas por um grupo de pessoas que interagem umas com as outras;



Figura 5: Imagem ilustrativa

Fonte: portaldoprofessor.mec.gov.br

- *Território Corporal:* é limitado pela pele, por isso não pode ser confundido com espaço pessoal (considerado uma “bolha” ao redor do indivíduo), é controlado, defendido e personalizado.



Figura 6: Imagem ilustrativa

Fonte: betarq.blogspot.com

Para Gifford (1987), ainda existem dois tipos de território que não são reconhecidos universalmente, apesar de poderem ser considerados os mais humanos dos territórios, uma vez que são baseados nos processos cognitivos da relação do homem com o mundo. Os **objetos**, por serem marcados, personalizados, defendidos e controlados; e as **ideias**, defendidas através de patentes e direitos autorais.

Os territórios são defendidos por se tratarem de uma regulação natural que o ser humano criou para viver e conviver em sociedade, para se relacionar com o mundo. Qualquer invasão ao território estabelecido por um indivíduo ou grupo resulta em uma reação de defesa, que varia conforme a intensidade da intromissão ou com a importância que o território tem para esse indivíduo ou grupo. Gifford (1987) define três formas de intromissão:

- *Invasão:* quando um estranho entra fisicamente em um território normalmente com a intenção de tomar o controle;
- *Violação:* uma intrusão temporária, às vezes, com a intenção de chatear ou prejudicar;

- **Contaminação:** consiste em sujar ou estragar o território de outro, deixando algo desagradável no local, ou estragando permanentemente algo.

Assim como as formas de intrusão, também existem formas de defesa do território, que podem variar de acordo com quem invadiu, por que o fez e qual o tipo de território que foi violado. Gifford (1987) define dois tipos de defesa: a **prevenção**, são marcas e signos utilizados para prevenir a violação, são ações que param a invasão antes mesmo que ocorra; e a **reação**, é a resposta a violação já realizada.

Além dessas duas formas de defesa, Cashdan (apud GIFFORD, 1987) defende que as **fronteiras sociais** servem para separar, através de interações sociais, aqueles que são ou não bem-vindos.

Fica evidente a importância que a territorialidade tem para o indivíduo ou grupo, pois esse fenômeno facilita a ligação com o lugar e ajuda a desenvolver um sentimento de apropriação do espaço, trazendo benefícios psicológicos para as pessoas. Quando não é possível delimitar territórios, as relações usuário x ambiente podem ser prejudicadas, resultando em danos às relações interpessoais.

Okamoto (1997) afirma que temos uma tendência natural a ocupar um espaço, seja para atividades cotidianas como estudos e lazer, seja ocupando espaços para nossa família ou nossa propriedade, essa tendência é percebida, principalmente, quando dividimos espaços com outras pessoas. Em dormitórios universitários, onde se percebe uma diminuição do território primário e uma dificuldade de demarcação, é provável que o perigo da invasão torne a convivência entre os moradores frágil e instável, podendo provocar, em alguns casos, reações agressivas.

Além dos mecanismos de regulação/interação visíveis, como a demarcação propriamente dita, devem ser consideradas também as influências dos limites invisíveis do espaço pessoal. Sommer (1973, p. 35) define o espaço pessoal como *território portátil, pois o indivíduo o leva consigo onde quer que vá*. É uma área com limites invisíveis que circunda as pessoas; regula o quão próximo as pessoas podem interagir; e, na qual, estranhos não podem ter acesso. O espaço pessoal está ligado às questões psicofísicas do indivíduo, bem como às questões culturais. Sua relação com a cultura define quão próximo um indivíduo pode ficar de outro.



Figura 7: Imagem ilustrativa

Fonte: <http://www.sabado.pt/Cronicas>

Hall (1977) exemplifica essa questão expondo um estudo que aborda as diferenças das distâncias pessoais entre ingleses e sul-americanos. Esses mantêm distâncias mais curtas entre si quando em conversas informais, já aqueles se distanciam mais para realizar a mesma atividade.

No que diz respeito ao estado psicofísico dos indivíduos, Sommer (1973) afirma que o espaço pessoal pode ser usado como escudo, quando necessitamos de isolamento, ou como atrativo, quando queremos interagir com outras pessoas. Nesse caso, o território portátil conecta-se intimamente com os aspectos de privacidade, pois quando precisamos de isolamento ativamos mecanismos que irão regular o acesso tanto à informação quanto a proximidade que pessoas poderão ter a nós, tais como expressões faciais que irão atrair ou repelir aqueles a nossa volta. Ainda é possível citar um exemplo dado pelo mesmo autor, quando o espaço pessoal é invadido devido a grande aglomeração de pessoas em espaços públicos, a tendência natural é ignorarmos uns aos outros, a fim de suportar o incômodo causado pela intromissão. Assim, conseguimos nos distanciar/afastar psicologicamente da situação, tratando os demais como “não-pessoas”.

Outro estudo realizado por Sommer indica que quanto mais trocas e movimentação ocorrem em uma sociedade, maiores serão os conflitos por território, devido a necessidade que o ser humano tem de demarcar seu espaço para estabelecer o que é seu do que é do outro, e determinar dominação. Estudos feitos pelo autor em instituições prisionais demonstram que, a cada troca de prisioneiro ou de funcionário, surgia um novo conflito, até que o membro mais recente se adaptasse aos regulamentos.

Quando se faz uma analogia com dormitórios em moradias estudantis, é provável que existam conflitos de territorialidade tanto ligados a troca de moradores, como a diferença entre suas crenças, e seus valores, pois cada dormitório possui “regras de convivência” específicas. Dentro desse contexto, verifica-se necessário um período de adaptação tanto do novo morador quanto dos antigos ocupantes.

Dentro desse contexto, percebe-se que o espaço pessoal só existe quando existem outras pessoas no mesmo local, logo, pode-se dizer que é um espaço interpessoal que tem por funções controlar o acesso de outros; comunicar sentimentos e induzir ângulos de orientação entre os participantes (face a face ou lado a lado, por exemplo). Para Gifford (1987) o espaço pessoal/interpessoal é um fenômeno que garante o respeito ao espaço do outro, funcionando como um mecanismo anti-agressividade.

Assim, pode-se enumerar cinco características essenciais dos territórios, tais como: área espacial; são possuídos ou controlados por uma pessoa ou grupo; satisfazem necessidades; são marcados simbolicamente ou concretamente; e as pessoas os defenderão ou se sentirão desconfortáveis se forem ultrapassados (MOORE, 1984).

2.2.3.2. Privacidade:

Privacidade é um fenômeno existencial importante no cotidiano. É manifestada através do comportamento, das crenças, dos valores e das expectativas. Está intimamente ligada a territorialidade, a aglomeração e ao espaço pessoal, assim como ao estado psicológico, às emoções, à identidade e ao senso de controle; e também se manifesta na forma de se expressar verbalmente e no comportamento não verbal (GIFFORD, 1987).

Moore (p.75, 1984) define privacidade *como o desejo de pessoas, grupos ou instituições de controlar o acesso a si mesmo e determinar quando, como e quanta informação sobre eles mesmos será fornecida*. Assim, pode-se dizer que este fenômeno manifesta-se no desejo daquilo que deve ou não ser ocultado.

As diferenças pessoais de comportamento, idade, crenças, valores e expectativas, geram diferentes níveis de privacidade. Algumas pessoas, devido a sua cultura, personalidade ou outras características, precisam de mais privacidade ou expressam de maneira diferente suas necessidades. Para Gifford (1987), existem três situações distintas que

influenciam os níveis de privacidade que cada indivíduo necessita. São elas:

- **Influências pessoais:** dentro desse contexto existem dois aspectos relevantes a serem mencionados, a demografia e a personalidade. A influência da demografia é percebida naqueles indivíduos que cresceram em lugares muito cheios, pois quando adultos preferem espaços mais íntimos e reservados. Já aqueles que estão longe do local onde cresceram preferem menos intimidade, como ocorrem com pessoas que deixaram familiares e amigos. No que tange a personalidade, estudos demonstram que pessoas com maior necessidade de privacidade normalmente tem baixa auto-estima e são mais ansiosas.
- **Influências de situações:** as situações também influenciam na necessidade de privacidade. Discutir a situação financeira com um gerente requer mais privacidade que conversar com os amigos a respeito do último jogo de futebol. Podem ser citadas aqui a configuração do espaço e a situação social na qual as pessoas estão inseridas. A configuração do espaço influencia na preferência por mais ou menos privacidade à medida que ela pode ser alterada. Assim sendo, uma pessoa que está acostumada a habitar um dormitório só seu perceberá um decréscimo em sua privacidade quando passar a dividir seu espaço com outras pessoas. Todavia poderá adaptar-se a nova situação dependendo de sua personalidade. No que diz respeito à situação social, as informações privadas de cada pessoa ou grupo e o que será feito com essas informações quando elas forem expostas pode gerar uma necessidade por mais privacidade.
- **Influências culturais:** a cultura influencia na necessidade por privacidade que os indivíduos têm. Além da configuração espacial das edificações, que se modificam conforme a cultura e o clima, mecanismos de regulação do acesso podem ser encontrados no comportamento e na expressão dos indivíduos. Um exemplo claro de regulação é através da expressão facial: uma pessoa que quer manter certa distância das outras tem uma expressão facial mais fechada (carrancuda), já aquele que permite o acesso, possui um semblante mais ameno, alegre. Outras formas de regulação do acesso são as regras sociais. Em alguns lugares olhar para dentro de

um edifício sem que tenha sido permitido é considerada uma invasão a privacidade.

A necessidade de controle é explicada através da necessidade que o ser humano tem de regular os processos de interação e organização social do qual faz parte (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, a privacidade manifesta-se em muitas ações cotidianas, como a comunicação, o senso de controle, a identidade e a demonstração de sentimentos.

Quando nos comunicamos, o fazemos de várias formas, dependendo do assunto e do local onde nos encontramos. Se precisamos comunicar algo pessoal ou importante, normalmente, procuramos locais privados ou falamos baixo para que apenas o interlocutor escute. Caso o assunto não tenha tanta importância o fazemos em qualquer lugar, e não tomamos tanto cuidado com o tom de nossa voz.

Esse cuidado que temos quando nos comunicamos também pode ser considerado uma forma de controle, pois controlamos os locais onde estamos e o tipo de informação que damos. Gifford (1987) salienta que quanto mais pessoas estão ao nosso redor, menor é nosso nível de privacidade, menor é nossa capacidade de “controlar”, interferindo no nosso sentimento de autonomia e independência, porém, quanto mais nós nos encontramos, maior é nossa necessidade de privacidade e maior controle temos sobre as situações. Percebe-se que o controle, tanto sobre as informações quanto sobre o acesso a nós ou a um grupo, está ligado à necessidade de privacidade.

Essa necessidade também se manifesta quando criamos nossa identidade pessoal. A privacidade tem um papel relevante quando nos permite ter um espaço e um tempo para refletir sobre o significado de eventos, para trazê-los ao nosso entendimento de mundo e formular respostas consistentes para eles conforme nossa visão do evento.

Outra manifestação de privacidade encontra-se na demonstração de nossos sentimentos. A sociedade de hoje nos desencoraja a demonstrá-los publicamente, assim, quando estamos mal, por exemplo, buscamos locais reclusos onde poderemos chorar e controlar quem terá acesso naquele momento.

Através do acima exposto, pode-se concluir que a privacidade possui muitas variantes, desde físicas até psicológicas. A palavra chave que pode ser associada a esse fenômeno é “controle”. Desse modo, é através do controle que se pode obter maior ou menor nível de

privacidade de acordo com as expectativas, a idade, a crença, os valores e o comportamento de cada pessoa.

Segundo Chermayeff e Alexander (apud Moore, 1984) podem ser citados seis domínios da privacidade, que vão do espaço particular ao espaço público:

1. Áreas privativas individuais: relacionam-se com a pessoa;
2. Áreas privativas familiares ou de pequenos grupos: relacionadas a um grupo primário como, por exemplo, a casa;
3. Áreas privativas de grandes grupos: grupos secundários como um grupo de residentes em um condomínio;
4. Áreas públicas de grandes grupos: interação de um grande grupo com o espaço público, assim como passeio público semi-controlado;
5. Áreas urbanas semi-públicas: podem ser controladas por instituições como bancos, correios, aeroportos; e,
6. Áreas urbanas públicas: são de propriedade pública e possuem inteiro acesso, são os parques, praças, ruas e alamedas.

Para Almeida (2005) os elementos que melhor interpretam esse fenômeno existencial são: paredes, aberturas, disposição dos espaços e equipamentos, arranjo de mobília, dimensão das salas, etc.

2.2.3.3. Identidade:

Malard (apud Almeida, 1995) exemplifica de forma bastante elucidativa que identidade é toda a qualidade, crença e ideia que faz alguém sentir-se ao mesmo tempo indivíduo e membro de um grupo particular. No tangente ao nível individual a pessoa percebe-se como distinta dos outros, está relacionado com a afirmação do “eu”, e no nível grupal ela percebe-se integrada aos padrões do grupo.

Esse comportamento está relacionado com a possibilidade de personalizar espaços, imprimindo a ele características e mensagens facilmente reconhecidas pelos outros como sendo de determinado usuário. Assim, também é uma estratégia de demarcação de território.

Nesse processo de preservar ou comunicar identidade estão inseridos tanto elementos ambientais como os edifícios, quanto os não ambientais como linguagem, rituais e formas de vestir, por exemplo.

Para a arquitetura, o envolvimento com os elementos ambientais tem papel importante no desenvolvimento ou não do senso de identidade. Almeida (1995) relaciona o fenômeno de preservação da identidade com aquilo que deve ser mostrado ou com a imagem que se quer transmitir, expressando, assim, valores individuais ou de um grupo.

O espaço estudado expressa tanto identidades individuais, devido ao período de uso e sua proximidade com um espaço residencial; quanto identidades do grupo ao qual pertence. Dessa forma, além de se serem encontradas características próprias, individuais, encontrou-se características do grupo de pessoas que ocupa o dormitório. Assim, fica fácil identificar quais são os dormitórios masculinos e os femininos, por exemplo.

Podem ser relacionados a esse fenômeno, elementos como acabamentos, texturas, arranjo de mobília, qualidade dos espaços e muitos outros (ALMEIDA,1995).

2.2.3.4. Ambiência:

Conforme Malard (2002) *ambiência é a necessidade de se sentir confortável ao agir e ao cuidar*. Ainda segundo a mesma autora, quase todas as qualidades da casa são relativas à ambiência, já que a ambiência resume todas as demais qualidades.

Assim, para a casa ser habitável ela precisa ser confortável, tanto em termos de *layouts* funcionais, conforto térmico, lumínico e acústico quanto em relação a cores, ventilação e umidade. Para que a apropriação do lugar seja plena, o morador da residência irá modificar os espaços de acordo com suas necessidades, tentando minimizar os efeitos daquilo que não está funcionando corretamente.

Ainda pode-se dizer que a ambiência configura um conjunto de fatores necessários para deixar um ambiente mais agradável. Possui duas dimensões, sendo uma relativa à cultura do indivíduo que habita o lugar e a outra às dimensões físicas. Portanto, é possível relacionar a ambiência com elementos de iluminação, níveis de temperatura e ruído, cores e outros elementos que compõe o espaço habitado.

2.2.4. Aspectos relevantes retirados da revisão bibliográfica

A partir do entendimento das relações usuário x ambiente e das formas de comportamento dos indivíduos, é possível compreender que

os conflitos arquitetônicos decorrem da ausência ou inadequação de determinados elementos compositivos do espaço. Esses elementos podem ser concretos (portas, janelas, paredes) ou não (luz, temperatura, som). Os conflitos, então, serão percebidos quando as pessoas, na tentativa de melhorar e qualificar o espaço que estão habitando, modificam algo que foi projetado, mas que não está funcionando conforme a expectativa do morador. Assim, o projeto arquitetônico deve considerar a percepção que o usuário tem do espaço, a fim de qualificá-lo e suprir suas necessidades.

Em moradias estudantis não deve ser diferente. Apesar de ser um local provisório, no qual os moradores passam entre 2 e 5 anos, os espaços habitados por eles devem atender suas necessidades de espacialização. Observando os moradores e as formas como interagem com o espaço, acredita-se que seja possível identificar formas comportamentais relacionadas à territorialidade e à privacidade, principalmente, bem como compreender quais podem ser as relações desses comportamentos com as expectativas dos estudantes, sua cultura, idade e sexo.

Parte-se do princípio que esses fenômenos atingem tanto questões espaciais, formas de demarcação de território e de limitação de acessos a seus objetos ou a si; quanto às questões psicológicas, como o morador percebe seu dormitório e como isso pode influenciar em suas atitudes com o ambiente e com seus colegas de quarto.

Para o desenvolvimento deste trabalho procurou-se analisar/observar elementos compositivos da edificação, a fim de caracterizar o espaço e compreender como ele está sendo habitado, pois se acredita que as formas de comportamento relacionam a pessoa com o local habitado, sendo possível identificar conflitos arquitetônicos no espaço. Para efeito desta pesquisa, serão evidenciados os domínios privados, indo da área privativa individual a área privativa de grandes grupos. Desse modo, serão observados os dormitórios que compõe o bloco de apartamentos da Moradia estudantil e as áreas de convívio, tanto internas quanto externas, focando principalmente nas relações entre pessoas e entre pessoas e as coisas. Além das observações realizadas em alguns dormitórios, faz-se necessário a utilização de plantas e fotografias que são importante fonte de captura de elementos não percebidos durante as leituras espaciais. Esse estudo será detalhado no capítulo 3, com apoio de métodos e técnicas a seguir expostos.

2.3. ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA - QUESTÕES METODOLÓGICAS

Pesquisar é um processo de construção de conhecimento, de aprendizagem, tanto para o pesquisador como para os indivíduos envolvidos na pesquisa. Com a finalidade de construir novos conhecimentos, a pesquisa procura respostas para os problemas encontrados. Investigando o problema, o pesquisador utiliza referencial teórico e levantamento de dados que irão dar suporte para desenvolver seu estudo e produzir resultados que contribuirão para expandir os conhecimentos na área a que se dedica.

A metodologia e a técnica muitas vezes são confundidas, por estarem intimamente ligadas, mas cabe aqui fazer a diferenciação entre a metodologia e as técnicas que serão desenvolvidas na pesquisa. Gomes (2008) expõe de forma clara a hierarquia existente entre o método e a técnica. Para ele o método é amplo, abrangente, quer dizer “o meio para se chegar ao objeto” implicando em uma relação com o objeto, como ele é compreendido. A técnica, para o mesmo autor, implica a noção de instrumento, o qual irá ajudar no processo de um método.

Partindo-se do fato que a presente pesquisa pretende compreender os processos dinâmicos que ocorrem na Moradia Estudantil da UFSC, procurou-se utilizar estratégias que ajudassem a compreender a interação morador-moradia. Optou-se, então, pelo desenvolvimento do método de estudo de caso, empregando a este uma abordagem qualitativa que objetiva a interpretação e a compreensão dos dados coletados em campo. Através desta abordagem foi possível considerar o ambiente natural como fonte direta para a aquisição de informações, dispensando-se o uso de métodos e técnicas estatísticas (SILVA; MENEZES, 2005).

Esse método foi criado partindo-se do pressuposto que todo assunto só pode ser conhecido verdadeiramente em sua particularidade. Para Gomes (p.62, 2008) *a generalidade tende a esconder e a escamotear a realidade empírica das particularidades, e o que interessa mesmo é a particularidade*. Ainda segundo esse autor, o estudo de caso compõe uma análise da realidade, a qual só pode ser comprovada com o conhecimento de casos particulares. Através desses estudos pretende-se observar quais as relações existentes entre as atividades desenvolvidas e o local, buscando compreender como os elementos arquitetônicos

interferem no desenvolvimento de atividades e no estado psicofísico dos estudantes.

Para dar suporte ao estudo de caso e garantir a coleta de dados significativos à pesquisa, selecionou-se técnicas de trabalho relevantes ao desenvolvimento desta. Tais técnicas envolvem: levantamento de dados; leituras espaciais; estratégias de observação; diálogos e entrevistas.

2.3.1. Levantamento de dados.

Para Barros e Lehfeld (2007) a coleta de dados é a fase da pesquisa na qual se obtêm informações através da aplicação das técnicas escolhidas. Assim, o levantamento realizado adotou o seguinte roteiro:

1. Revisão bibliográfica tanto do aporte teórico para o embasamento da pesquisa quanto da metodologia utilizada, bem como levantamento de questões que envolvem a história da moradia estudantil da UFSC;

2. Contato com o responsável pela Moradia Estudantil (ME) na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) com a finalidade de obter autorização para a realização do estudo, bem como conseguir acesso a dados atuais da ME;

3. Contato com o aluno da graduação que auxilia na coordenação e desenvolvimento dos projetos do novo bloco de apartamentos;

4. Contato com estudantes-moradores membros da diretoria da ME, com a finalidade de explicar o desenvolvimento do trabalho e obter apoio para a realização das observações nos dormitórios;

5. Entrevista semi-estruturada com diretor de marketing do SECOVI a fim de compreender o panorama imobiliário no qual estão inseridos os bairros que circundam a UFSC. Essa entrevista foi essencial para obter informações relativas a valores e disponibilidade de imóveis, bem como para compreender as expectativas dos locatários da região, em sua maioria estudantes universitários;

6. Solicitação ao ETUSC (Escritório Técnico Administrativo da UFSC) o fornecimento dos projetos arquitetônicos da moradia, tanto do bloco existente quanto do bloco que está sendo construído;

7. Contato com os acadêmicos que mantém o AMA (Ateliê Modelo de Arquitetura), solicitando cópia dos projetos de mobiliários

desenvolvidos pelo grupo para as áreas de apartamentos e de convivência do bloco que está em construção;

8. Participação em assembleia geral na Moradia Estudantil, com a finalidade de explicar aos moradores o trabalho a ser desenvolvido bem como obter o contato dos voluntários para a realização das visitas.

9. Compatibilização do projeto fornecido pelo ETUSC com a realidade do local – confecção de plantas baixas atualizadas dos dormitórios visitados, com o *layout* atualizado do espaço interno;

10. Contato com Universidades do Sul do País para a obtenção de dados referentes às suas moradias, concorrência as vagas e cursos mais freqüentados pelos alunos-moradores.

11. Definição dos cenários a serem analisados;

12. Realização das visitas, leituras espaciais e diálogos;

13. Levantamento fotográfico do local;

14. Conversas informais com funcionários da ME, do Serviço Social e da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis para a obtenção de informações adicionais;

15. Descrição dos elementos observados;

16. Análise dos elementos;

17. Considerações e proposição de sugestões para novos projetos.

2.3.2. Leituras espaciais.

Sabe-se da necessidade do homem de espacializar seus desejos, pois são essas espacializações que dão significado ao lugar no qual se está habitando. Assim, todo espaço arquitetônico é significativo, revelando formas de comportamento e relações sociais.

Segundo Malard (2002), as observações dos espaços vêm sendo realizadas há muito por sociólogos e antropólogos, porém é recente o interesse dos arquitetos nesse campo de conhecimento. É a partir desse interesse que começam os primeiros questionamentos sobre a máxima modernista “a forma segue a função” e começa-se a compreender que existem influências que vão muito além de condicionantes físicos, tais como as necessidades psicológicas e os elementos simbólicos da arquitetura.

Se pensarmos que o edifício pode, de alguma forma, comunicar e expressar o sentimento dos moradores é possível identificar eventuais conflitos arquitetônicos que possam surgir nas interações usuário x

ambiente e nas relações interpessoais. Para identificar esses possíveis conflitos, torna-se necessário o entendimento do mecanismo de leitura espacial. Para realizar essas leituras são necessários registros fotográficos, croquis, entrevistas informais (que poderão ser gravadas ou ainda, anotados os pontos mais relevantes) e relatórios de observações. Essa técnica é bastante semelhante a observação participante, porém não existe a necessidade do pesquisador mudar-se para o local a ser observado. Malard (p.49, 2002) explica que essa técnica baseia-se *apenas na convicção teórica de que um item de um equipamento não pronto para o uso provoca conflito na sua relação com o morador*. Sendo assim as observações são eficientes para encontrar esses conflitos, todavia é necessário que elas ocorram em todos os ambientes e, preferencialmente, que envolvam todas as atividades durante o dia.

Para cada compartimento observado, cada sessão, é necessária a observação dos registros já mencionados (fotografias, croquis, relatórios, etc.), a fim de coletar o maior número de dados possíveis de serem alisados. Também se deve prestar atenção aos comentários emitidos pelos moradores, já que eles são considerados fontes de informação que apontam possíveis conflitos arquitetônicos (MALARD, 2002).

Esse método parece bastante apropriado para a qualificação de edifícios residenciais institucionais, como o caso da moradia estudantil da UFSC, pois se apoia na observação da relação que o indivíduo tem com o espaço. Assim, foram observados os elementos componentes da Moradia tais como acessos, o edifício, o mobiliário dos dormitórios e das áreas comuns (sala de estudos e hall de entrada), equipamentos e objetos decorativos. Essas leituras foram realizadas através de observação, diálogos, fotografias e posterior descrição pormenorizada dos eventos observados.

Para a realização dessas leituras, primeiramente foi necessário apresentar aos moradores dos apartamentos como a pesquisa seria desenvolvida e qual seria a contribuição deles. Para que ocorresse essa apresentação, entrou-se em com uma moradora integrante da diretoria da Casa e foi explicado a ela qual era a proposta do trabalho. A partir desse primeiro contato, percebeu-se a necessidade de marcar uma assembleia geral para expor aos moradores o trabalho que seria desenvolvido.

Na assembleia geral, marcada para o dia 06.07.11, explicou-se aos presentes como o trabalho seria desenvolvido nos dormitórios e nas áreas comuns da moradia, bem como solicitou-se voluntários para que

fossem realizadas as observações nos dormitórios. Assim, a amostra de 20% dos apartamentos foi atingida, correspondendo a visitação de 03 apartamentos, isto é, 06 dormitórios.

Assim, realizaram-se três leituras espaciais, contemplando esses três apartamentos, cada uma em horários e dias distintos a fim de abranger os momentos em que todos (ou quase todos) os moradores estivessem nos dormitórios. A primeira leitura foi realizada no dia 15.07.11 (sexta-feira) entre os horários de 19h e 22h no apartamento 340/341. A segunda leitura ocorreu no dia 20.07.11 (quarta-feira) entre as 10h e 12h e 30min no apartamento 130/131. E a terceira visita ocorreu no dia 25.08.11 (quarta-feira) entre 20h e 22h no apartamento 120/121.

Faz-se importante ressaltar que, como os moradores são estudantes, existe sempre um período em que os apartamentos ficam vazios, predominando o período matutino. Por essa razão, as visitas foram realizadas, em sua maioria, no período vespertino e noturno.

2.3.3. Estratégias de observação

Com a finalidade de melhor compreender os espaços a partir de leituras espaciais, Malard desenvolveu a estratégia de observação dos espaços sem questionamentos diretos. A autora observa que, com a aplicação de questionário, as perguntas feitas pelo pesquisador normalmente implicam em uma expectativa de resposta já conhecida. Assim, como serão observados locais onde não se tem muito conhecimento das relações e atividades desenvolvidas, muitas vezes não se sabe nem por onde começar um questionário, muito menos quais as perguntas mais adequadas ao tema, pois as respostas esperadas nos são desconhecidas.

Realizando-se observações diretas nos locais, as informações obtidas serão mais claras, sem a interferência de uma interpretação do morador. Porém é necessário saber que toda observação interfere no ambiente que está sendo observado, pois dependem do contexto no qual estão inseridas. As leituras espaciais interferem de alguma maneira nas relações de territorialidade e privacidade dos indivíduos, e isso deve ser levado em consideração quando da análise dessas observações, já que podem resultar em uma interpretação que não condiz com a realidade do local.

Portanto, para que se consiga um bom desempenho de análise através dessa observação se faz necessário a definição do contexto observacional, já que as observações dependerão desse contexto. Ainda segundo a mesma autora, não se pode descartar a utilização de dados quantitativos se o que se necessita saber são informações, tais como número de pessoas por quarto, idade, permanência no local entre outros itens. Porém somente a observação direta nos informará os níveis de satisfação das pessoas que estão habitando a moradia, ou seja, apenas através dessas observações será possível identificar fenômenos subjetivos – existências – dos grupos de pessoas que habitam a CEU.

Com a estratégia de não perguntar, optou-se por desenvolver um diálogo com os moradores, onde eles contaram desde a forma como foram convidados para preencher a vaga na moradia até informações de sua história de vida. Durante as conversas, os moradores desenvolviam atividades relacionadas ao seu dia a dia doméstico, tais como lavar a louça e arrumar o quarto. Foi através dessas atividades e dos diálogos mantidos que muitas questões referentes ao funcionamento e a relação que os moradores têm com o apartamento foram esclarecidas.

2.3.4. Diálogos e entrevistas

Os diálogos foram desenvolvidos durante as leituras espaciais e observações das atividades. São resultados da interação entre o pesquisador e o pesquisado e podem se tornar fonte de informações relevantes a pesquisa. Essa técnica leva em consideração que o conhecimento também se dá através de conversas informais. Os indivíduos da pesquisa não só agem como falam de si, dos outros, têm ideias, analisam situações e expõem sua cultura (GOMES, 2008). É a essas ações que o pesquisador deve estar atento para enriquecer e melhor compreender o que é pesquisado.

Optou-se por não desenvolver questionários com a finalidade de obter informações previsíveis, como quantidade de alunos por dormitório e idade dos estudantes, já que essas informações eram obtidas conforme o andamento da conversa.

Durante a realização das visitas, os diálogos revelaram-se a forma que mais se adequava para a obtenção de informações vindas dos estudantes, pois foram através das histórias de vida de cada um dos envolvidos que foi possível traçar seu perfil psicofísico. Esses diálogos ajudaram a complementar os dados obtidos junto a Pró-Reitoria de

Assuntos Estudantis (PRAE), possibilitando caracterizar o usuário da Moradia Estudantil.

Outra técnica utilizada para a coleta de informações foi a entrevista. Esta foi realizada tanto de forma estruturada como de forma não estruturada, conforme a situação encontrada. A entrevista estruturada foi utilizada para a obtenção de dados relativos ao mercado imobiliário nos arredores da UFSC. Como o tempo para a realização da entrevista com o Diretor de Marketing do SECOVI era restrito, elaborou-se questões que permitissem compreender como o mercado imobiliário estava afetando a necessidade e a oferta de vagas na Moradia da UFSC. Tal entrevista retornou resultados positivos ao bom entendimento do mercado imobiliário e das necessidades dos estudantes, proporcionando traçar os perfis do mercado e dos estudantes da UFSC.

Já as entrevistas não estruturadas partiram de diálogos com os responsáveis pela Moradia e pelo Serviço Social. A disponibilidade de tempo e a atenção dispensada por esses funcionários resultaram na coleta de informações para a pesquisa. As informações obtidas com o coordenador referem-se principalmente a dados estatísticos e a relação que os estudantes têm com a PRAE, já os dados obtidos com a responsável pelo Serviço Social dizem respeito às condições financeiras, sociais e emocionais dos estudantes. Com a análise desses dados foi possível estabelecer o perfil dos alunos-moradores da residência, bem como compreender sua situação familiar, suas expectativas e sua cultura.

2.3.5. Conexão estratégias x estudo de caso

Com a definição das estratégias de pesquisa, conseguiu-se compreender como se dá a relação do estudante-morador com sua moradia. As observações e as leituras espaciais ajudaram a compreender o funcionamento do ambiente e como ele é utilizado pelos moradores. Através delas, foi possível perceber adaptações feitas pelos moradores a fim de tornar o espaço adequado as suas necessidades.

Já os diálogos desenvolvidos durante essas observações permitiram entender como o morador percebe o espaço, qual sua relação com ele e com seus colegas de apartamento; como ele se sente e quais são suas expectativas. Por meio dessa técnica foi possível traçar um perfil psicofísico dos estudantes, elencando suas necessidades.

Partiu-se do entendimento que cada elemento arquitetônico possui um papel específico e desempenha uma função significativa. Portanto, se um elemento é proposto para determinada função e não a cumpre, a necessidade existencial se revelará. Almeida (p. 159, 2001) argumenta que *se o papel dos elementos arquitetônicos é de condicionamento, ele consiste em proporcionar, em ser para*, expressando comportamentos relativos a territorialidade, privacidade, identidade e ambiência. Desse modo, se um elemento não foi adequadamente projetado ou está ausente, ele deixa de propiciar a adequada interação do usuário com o meio.

A identificação dessa necessidade permite propor correções que qualifiquem o ambiente observado, bem como traçar estratégias de melhorias para as edificações futuras. A fim de melhor entender como os métodos auxiliaram na identificação de problemas e potencialidades, utilizou-se tabela que evidencia o problema/potencialidade, aponta quem identificou (pesquisador ou morador) e evidencia por qual método tal problema/potencialidade foi identificado. Essa tabela foi adaptada de Bertoletti (2011) e é assim estruturada:

Tabela 1: Esquema de estruturação de tabela.

Fonte: Adaptado de BERTOLETTI, 2011.

PROBLEMAS/ POTENCIALIDADES	POR QUEM	MÉTODO
Identificação do problema e/ou potencialidade	Quem fez a identificação? Morador, pesquisador e/ou funcionário	Qual o método utilizado para a identificação do problema? Diálogos, leituras espaciais, observações ou levantamento de dados?

A partir dessa identificação serão propostas sugestões para melhoria da Moradia Estudantil, como será exposto no capítulo 3.

3. ESTUDO DE CASO: A MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC

Neste capítulo, serão abordados aspectos relevantes da história da UFSC e de sua Moradia Estudantil. Será apresentado o local de implantação da Moradia Estudantil, sua localização no bairro, na UFSC, bem como suas características físicas. Será justificada a escolha do edifício em estudo - o bloco de apartamentos - definido para a coleta dos dados.

Após a apresentação do local serão identificados e caracterizados os cenários observados, serão expostas as formas comportamentais identificadas nesses espaços, buscando-se compreender as necessidades dos moradores. Por fim, serão realizadas considerações e sugestões sobre o espaço estudado, bem como serão feitas recomendações para futuros projetos ou projetos em situações semelhantes.

3.1. HISTÓRIA DA MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC

Historicamente, o Brasil constituiu uma exceção na América Latina. Enquanto os territórios colonizados pela Coroa Espanhola tinham universidades disseminadas por toda sua extensão, o território brasileiro apenas possuía escolas jesuíticas, mantendo total dependência da Coroa Portuguesa e com a Universidade de Coimbra no que diz respeito a formação superior.

Apenas em 1808, com a chegada da família real, foram criados os primeiros cursos superiores no território brasileiro, constituídos por escola de Medicina, e Academia Militar, a qual formaria além de oficiais, engenheiros civis. Essas escolas foram fundadas inicialmente no Rio de Janeiro, onde a corte havia se instalado em 1810.

Conforme Mendonça (2000) os cursos criados por D. João VI dariam origem às escolas e faculdades profissionalizantes que vão constituir o conjunto das nossas instituições de ensino superior até a República. Juntamente a esse conjunto, iriam somar-se os cursos jurídicos criados apenas após a independência.

Muitos anos iriam se passar até a criação da Universidade do Brasil em 1937, da USP (1934) e da Universidade do Distrito Federal (1935). As bases criadoras dessas instituições são bastante diferentes. Enquanto à UB seria conferida a finalidade de controle e padronização do ensino superior no país, as outras duas preocupavam-se mais quanto ao desenvolvimento da pesquisa e dos altos estudos (MENDONÇA, p.135, 2000).

Segundo Santos (1984) a década de 1950 pode ser considerada marco referencial no aprimoramento das universidades por ter representado o momento de modernização e industrialização da sociedade brasileira, repercutindo no modelo de educação e formação profissional. Tais modificações tinham como centro o mercado de trabalho e a formação de mão de obra mais especializada. Juntamente com esse panorama da classe média, vem o Estado com interesses em uma produção cultural e técnica de qualidade.

Mendonça (2000) afirma que sob o impacto do populismo, o ensino superior passou por um primeiro surto de expansão no país. As universidades continuavam a nascer do processo de agregação de escolas profissionalizantes. Na sua maioria, entretanto, eram universidades federais, criadas através do processo de federalização de faculdades estaduais ou particulares. A grande maioria das atuais universidades federais existentes hoje tem nesse processo a sua origem.

É nesse período que surge no país o conceito de Campus Universitário e a necessidade de viabilização de acesso à educação superior gratuita.

Nesse contexto, o papel da Universidade tem extrema importância quanto a garantia de permanência e conclusão do ensino superior. Assim, é a partir da década de 1960 que jovens de classes sociais mais baixas conseguem ter maior acesso a educação superior gratuita, bem como a assistência estudantil que garantia a manutenção de algumas necessidades básicas dos estudantes (OSSE, 2008).

Dentro desse panorama surge a UFSC. Ela é criada como instituição federal em dezembro de 1960 pela Lei nº 3.849, sancionada pelo então Presidente de República Juscelino Kubitschek de Oliveira. No ano de sua fundação, contava com as faculdades de: Direito, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Medicina, Engenharia e Serviço Social. Todas essas faculdades, com exceção da Engenharia, já existiam como instituições isoladas. A Lei de criação veio como forma de unir esses cursos, dando-lhes um caráter federal.

Todavia, antes que fosse efetivamente criada, era necessária sua instalação, conformando um campus. A esse respeito, muitos foram os debates sobre a possível localização da instituição. Somente em 1954, com o parecer favorável do governo do estado, a Lei nº 1.170 reserva terrenos (Fazenda Assis Brasil) no então subdistrito da Trindade para a futura instalação da instituição.



Figura 8: Fazenda Assis Brasil

Fonte: NECKEL e KÜCHLER, USFC 50 anos.

Após sua criação, tornou-se emergente a necessidade de conformação desse campus. Em 1962, o então reitor, João David Ferreira Lima, comunica-se com as faculdades integrantes de UFSC para decidirem o local de sua instalação. Duas alternativas receberam maior atenção: a instalação do Campus no aterro da Baía Sul (centro da cidade) e a implantação no bairro da Trindade (fazenda Modelo Assis Brasil). Após meses de discussões sem que uma solução fosse apresentada, ocorre o primeiro grande movimento estudantil na cidade de Florianópolis, no qual os estudantes se mostram favoráveis à instalação do campus no subdistrito da Trindade.

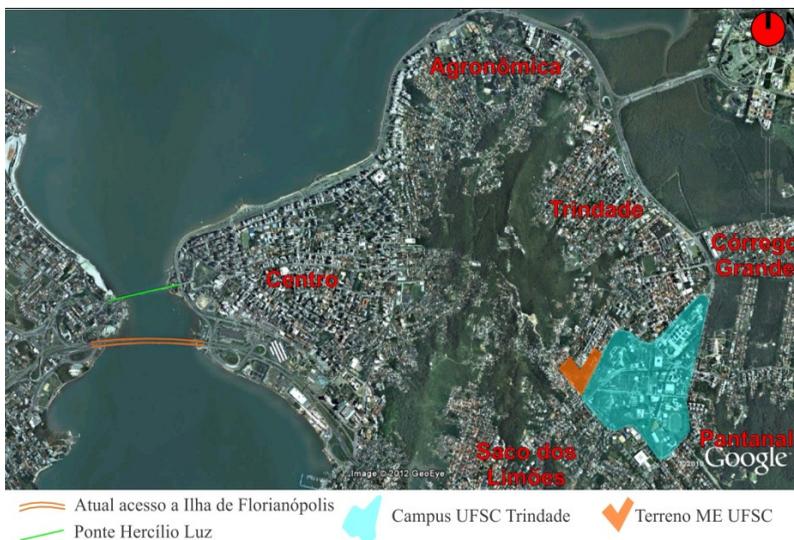


Figura 9: Mapa de situação da UFSC na cidade de Florianópolis

Fonte: Google Earth, modificado pela autora, 2012.

Porém, as obras da cidade universitária não seguiram. Ferreira Lima defendia a instalação da universidade no centro da cidade. Para ele, isso possibilitaria o deslocamento a pé, facilitaria o transporte dos alunos, manteria as faculdades já existentes em seus prédios; além de que, o terreno da Trindade, por ser muito alagadiço, encareceria o projeto, que contava, em seu plano inicial, com residência para alunos e professores, restaurante universitário, dentre outras instalações. Assim, em um discurso sugeria, para as instalações centrais:

Ali estariam os prédios das Faculdades, a Biblioteca Central, laboratórios, restaurante, auditório para festas e refeições de grau, servindo também para projeções de caráter científico e cultural, e ainda, à noite, funcionaria como cinema de bairro, dando receita à Universidade. Neste Centro, haveria, é claro, uma casa dos estudantes, destinada apenas aos estudantes pobres e que não tem família residente em Florianópolis. (UFSC, 2010, pg. 21 – UFSC Boletim Informativo. Florianópolis, v.1,n.1, 1962,p.103)

Após meses de negociações, em novembro de 1962, o Conselho Universitário decide pela instalação do campus na Trindade. O projeto inicial sofreu algumas alterações, e a mudança para o local foi gradativa, sendo as primeiras instalações das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Posteriormente começaram as construções do prédio da Reitoria e da Engenharia.



Figura 10: Fazenda Assis Brasil, década de 30 – Atual UFSC.

Fonte: IHG-SC, 2012.

Nesse movimento em prol de uma Universidade Federal, não se pode deixar de lado a participação dos estudantes florianopolitanos, que desde a década de 1940 mostram-se ativos. A exemplo disso, *em 1948, apoiados pelos professores, iniciaram uma organização em prol da*

“*Casa do Estudante*” (NECKEL; KÜCHLER, p.24, 2010). Desse primeiro movimento surge, em 1949, a União Catarinense de Estudante (UCE), que os representaria em diversas outras reivindicações.

Em 1956, foi fundada a primeira casa do estudante, uma residência de caráter provisório, que abrigava 15 estudantes homens e era por eles administrada. A Casa Provisória do Estudante Catarinense foi erguida em terreno doado pela Câmara Municipal.

Em 1962, foi fundada a Casa da Estudante Universitária, que contava com a ajuda de um grupo de senhoras e o pagamento do aluguel era feito pelo então governo de Celso Ramos. A moradia era vinculada a igreja Católica e tinha a denominação de “Casa da Estudante da Juventude Católica de Florianópolis (CEJCF)”. Tinha como principais finalidades servir de abrigo as estudantes do interior do estado e atender àquelas que não dispunham de recursos financeiros para custear seus estudos (UFSC, História da Moradia Estudantil, 2011).

Como a demanda por vagas na casa do estudante era maior do que se poderia suprir, em 1964, é firmado um contrato provisório entre a universidade e representantes do Hotel Mário. Nesse local foram abertas mais quarenta vagas para os estudantes. Após essa contratação, foi necessária a locação de uma residência na Rua Bocaiúva para abrigar 24 alunas da universidade. Um ou dois anos depois (1965/66), alunas, de outras cidades que haviam prestado vestibular para a Instituição, procuraram o reitor para pedir abrigo na casa da estudante. Não havendo vagas para abrigar essas estudantes, ficou acordado que seriam construídos novos alojamentos em terrenos adjacentes a casa da Rua Bocaiúva.

Ainda, na história das universidades, destaca-se o período de 1964, com o golpe militar. A ditadura imposta pelos militares e a grande repressão desse período fazem diminuir os movimentos estudantis nos primeiros anos do novo regime. Nesse período as casas estudantis sofrem grandes mudanças em sua organização e estrutura dentro do campus, passando a ser indesejável a vivência e convivência do estudante com o ambiente universitário. A organização estudantil era vista como ameaça pelos militares, já que eram dentro dos campi que se encontravam pensamentos que iriam de encontro com o regime em vigor. Passado o período de repressão dos primeiros anos, as organizações estudantis se reestruturam, e rearticulam a UNE (União Nacional dos Estudantes) para lutar, dentre outras coisas, pelo direito às moradias estudantis.

Conforme Santos (1984), o plano piloto do conjunto universitário, de 1964, visava a integração universitária, sendo que o alojamento universitário seria implantado no bairro da Trindade. Esse plano piloto foi elaborado pelos arquitetos Nelson Souza e Castelar Peña. Porém, como a construção do campus acontecia simultaneamente ao plano piloto, o alojamento estudantil acabou por ser esquecido.

Na década de 1970, a universidade, na intenção de suprir a necessidade de moradias, passou a oferecer bolsas de habitação para alunos carentes, que foram substituídas, posteriormente, por bolsas de trabalho e crédito educativo. Em fins da década de 1970, movimentos estudantis realizados em centros maiores, acabaram por repercutir em pressões por moradias estudantis na UFSC. No ano de 1978, com o então Reitor Caspar Stemmer, foi elaborado o primeiro projeto da casa do estudante, previsto para ser implantado nas áreas do Itacorubi pertencentes à Universidade. O projeto, no entanto, foi vetado, por estar prevista sua implantação em uma área de preservação permanente, o mangue do Itacorubi.

Com a mudança de gestão, o novo Reitor Ernani Bayer, em 1980, formou uma comissão multidisciplinar com os objetivos de levantar dados sobre os possíveis moradores da casa do estudante, para que fosse elaborado um perfil socioeconômico dos estudantes.

Após a coleta desses dados, determinou-se o envolvimento de vários setores da universidade para desenvolver o projeto para a casa do estudante. Dentre esses setores, encontrava-se o Departamento de Arquitetura e Urbanismo como o objetivo de levantar áreas e alternativas; a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) com a finalidade de levantar os recursos necessários; o Departamento de Serviço Social com a tarefa de fazer o cadastro socioeconômico e o DEC com o estudo de formas de manutenção e administração da casa.

Em 1985 começa a construção da primeira etapa do projeto elaborado pela comissão: O centro comunitário estudantil. A previsão de término das obras era para o final do corrente ano, o que não aconteceu.

No ano de 1987, estava previsto o começo das obras de terrapleno do bloco 1 da moradia estudantil, já no terreno da UFSC. Essa primeira etapa de construção do bloco contaria com a arrecadação de verbas, através de campanhas, junto aos estudantes, bem como com recursos da universidade, arrecadação junto a prefeitura municipal e ao governo Estadual, além de pedidos junto ao governo Federal.

Porém, até a década de 1990, não havia perto do campus da universidade qualquer moradia estudantil. É apenas na gestão do Reitor Antônio Diomário de Queiroz (1992-1996) que um pequeno prédio é instalado perto do campus da Trindade. Essa edificação é resultante do primeiro projeto desenvolvido pelo departamento de Arquitetura e Urbanismo. Anteriormente a esta data, apenas planos pilotos e projetos previam a construção da Casa do Estudante, porém nenhum saiu do papel até 1996. O projeto parcialmente implantado previa dois blocos, sendo um o bloco de apartamentos e o outro o bloco de lazer e atividades sociais. O único construído, o Bloco Social, acabou por ser apropriado pela CEU abrigando trinta e duas alunas que se encontravam em edificações até então alugadas no centro da cidade. Outra edificação, pré-existente no campus e próximo a área ocupada pelas alunas, também recebeu adaptações para abrigar quatorze alunos vindos do interior do estado.



Figura 11: Bloco Social do primeiro projeto da ME.

Fonte: UFSC, jornal da CEU, primeira edição, ano I, 2009.

Somente em 2003, o projeto desenvolvido em conjunto com os alunos do departamento de arquitetura e de engenharia civil, ficou pronto. O atual prédio da moradia estudantil abriga 96 estudantes,

divididos em apartamentos de dois quartos, com cozinha e banheiro compartilhados. Cada apartamento tem capacidade para seis moradores, dividindo-se três para cada quarto. Ainda funcionam como moradia estudantil a casa feminina (bloco social do primeiro projeto), a chamada casa do bosque (da época da instalação da universidade que foi adaptada para os alunos do sexo masculino) e a casa do zelador.

Observa-se que o número de alunos atendidos pela Moradia Estudantil da UFSC ainda é pequeno. Esse fato contribui para que fatores externos a Instituição aumentem ou se agravem, como é o caso dos aluguéis ou a falta de apartamentos no entorno da universidade. A seguir faz-se algumas consideração que dizem respeito a esses e outros fatores associados a Moradia.

3.2. FATORES ASSOCIADOS À MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC.

Não é de hoje que os estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina reivindicam espaços para moradia. Desde sua criação, a UFSC lida com o problema dos alojamentos para os estudantes que vem de outras cidades, bem como para àqueles com maiores dificuldades econômicas.

Muitas foram as medidas tomadas pelos reitores para minimizar esse problema, desde casas provisórias até auxílio com bolsa moradia. Todavia, hoje, mesmo com a instalação efetiva da casa do estudante, a falta de vagas é uma constante. A universidade oferece 151 vagas para estudantes de graduação, o que não atinge 1% dos alunos regularmente matriculados na instituição em cursos presenciais, 23.123 estudantes de graduação no ano de 2010 segundo informações do DIG¹.

O problema agrava-se ainda mais considerando-se fatos que vão além do alcance da instituição universitária. Dentre eles destacam-se a especulação imobiliária nos arredores do campus e a precária mobilidade urbana que atinge toda a cidade.

No que tange a especulação imobiliária, informações obtidas através de entrevista com o diretor de Marketing do SECOVI² (apêndice

¹ Departamento de Informações Gerenciais da Secretaria de Planejamento e Finanças (SEPLAN).

² Sindicato da Habitação – representa as empresas de compra, venda, locação e administração de imóveis, loteadoras, incorporadoras, urbanizadoras, colonizadoras, shopping centers, condomínios residenciais, comerciais e administradoras de condomínios.

1) confirmaram que existe maior procura que oferta de apartamentos nos bairros próximos a universidade. Essa procura por imóveis aumentou há alguns anos, principalmente pela formação de um pólo tecnológico com a instalação da ELETROSUL e da EPAGRI, e pelo aumento no número de vagas disponíveis nas universidades (tanto na UFSC como na UDESC).

Apesar de encontrarem-se geograficamente afastadas, essas quatro instituições colaboram com o aumento populacional principalmente nos bairros da Trindade e Córrego Grande. O diretor de marketing também ressaltou que os valores de aluguéis são entre R\$ 650,00 e R\$ 1.500,00 variando entre conjugados de quarto/sala (25m²) e apartamentos de três dormitórios (85m²), todos semi-mobiliados e com cobrança de condomínio a parte. Tal cobrança é de cerca de R\$250,00, podendo variar até R\$600,00 dependendo do que o condomínio oferece aos moradores. Portanto, percebe-se que o valor dos imóveis próximos a UFSC são bastante elevados, além de, algumas vezes, apresentarem um baixo padrão construtivo. Dessa forma, a alternativa para o estudante, considerando que não existem vagas suficientes na CEU da UFSC, acaba sendo dividir um apartamento com colegas de faculdade ou ainda com alunos de outros cursos, formando as conhecidas repúblicas estudantis.

Não raro também são os casos em que esses estudantes procuram imóveis em outros bairros (mais distantes), na busca de preços mais baixos e melhores condições dos imóveis. Porém, é de conhecimento geral que a mobilidade urbana na cidade de Florianópolis é bastante precária, assim, quanto mais longe o estudante aluga um imóvel, mais tempo ele tem que despender para chegar à universidade, aumentando também seu gasto com as passagens de ônibus.

Esses dois fatores associados, especulação imobiliária e mobilidade urbana, justificam a ocorrência das mobilizações em prol de mais vagas na Casa do Estudante Universitário. Foram através dessas mobilizações que, por meio do projeto governamental REUNI, pensou-se no novo bloco da moradia estudantil. Porém, o projeto desse novo bloco contribuirá apenas com um aumento de 53% nas vagas atuais, ou seja, de 151 vagas, passarão a existir 231 vagas. Um número ainda insuficiente, considerando o contingente de alunos que deveria atingir.

Segundo o Decreto n.º 7.234/2010 que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil, é dever das Universidades Federais: *democratizar as condições de permanência dos jovens na educação*

superior pública; minimizar efeitos de desigualdades; reduzir taxas de evasão e contribuir para a promoção de inclusão social. Para isso, o PNAES deverá atuar nas áreas de: moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, cultura entre outras.

Pensar no aumento do número de vagas faz pensar na qualidade dessas vagas, ou melhor, na qualificação desses espaços, tanto de áreas comuns como de áreas privativas. É nesta direção que essa pesquisa foi desenvolvida. Os processos de ampliação da moradia estudantil estão ocorrendo, e é necessário munir-se de informações relevantes a respeito da moradia existente para qualificar os espaços tanto daquela que está em processo de construção quanto da que existe. Assim, as observações realizadas nos dormitórios e nas áreas de uso comum da moradia podem ajudar a revelar como as interações entre usuários X espaço habitado estão ocorrendo, possibilitando a identificação de possíveis conflitos arquitetônicos que permitirão sugerir melhorias e qualificação tanto dos locais observados quanto para novas instalações.

Percebe-se que, para compreender a interação usuário x ambiente, faz-se necessário, além de entender para que serve o local, conhecer o usuário desse local, buscando informações sobre sua cultura, expectativa de e para a vida e sua relação com os outros, ou seja, compreender como o usuário percebe o ambiente em que mora. Para isso, busco-se caracterizar os usuários de moradias estudantis de universidades federais do Sul do Brasil, focando-se nos usuários da ME da UFSC.

3.3. O LOCAL

Após grande período realizando estudos em terrenos pertencentes a Universidade Federal de Santa Catarina para verificar a pertinência desses em receber o complexo dos edifícios da moradia estudantil, foi no ano de 1984 que professores do departamento de Arquitetura e Urbanismo concluíram que a melhor área para a implantação na CEU estava localizada no bairro da Serrinha, separado da UFSC apenas pela rua Desembargador Vitor Lima. Segundo Santos (p. 25, 1984) este terreno *está localizado a uma distância de 700m do centro geográfico do campus, possibilitando o acesso a todos os serviços de apoio da Universidade (...), bem como a outros serviços da comunidade (...)*. Ainda para esse autor esse terreno está separado do campus de forma a configurar características próprias do local *e atender*

a necessidade de privacidade e relativo isolamento da comunidade universitária (SANTOS, p.26, 1984).

O terreno sugerido pelo estudo desenvolvido por Santos e demais professores em 1984, foi considerado adequado pela UFSC para a implantação do projeto da Moradia Estudantil. Esse terreno conta com uma área de aproximadamente 58.000m² segundo dados do Plano Diretor da UFSC (2005). Está localizado em uma área de encosta, com declividade total de aproximadamente 72,5m e, devido a esse fato, grande parte do local não pode ser utilizado, dessa foram preservar-se a vegetação existente, e impede-se o deslizamento de terra (figuras 15 e 16).



Figura 12: Situação da Moradia Estudantil da UFSC no Bairro.

Fonte: Google Earth – modificado pela autora. Acesso: 30.05.11.

No terreno destinado a moradia estudantil existiam casas pertencentes a fazenda modelo Assis Brasil, que serviram e servem até hoje de habitação para os alunos. Com o passar do tempo foram construídas outras edificação como a atual casa da estudante universitária, até que em 2003 foi inaugurado o primeiro bloco do prédio de dormitórios. A figura a seguir, mostra como estão implantados no terreno as várias edificações utilizadas como moradia de estudantes, bem como a edificação utilizada pela administração da casa.

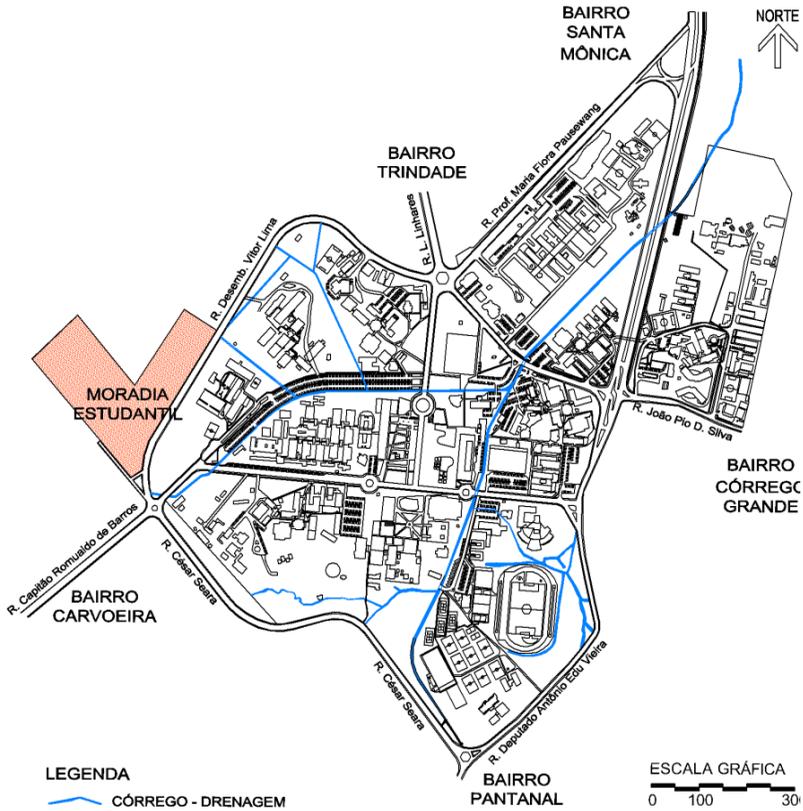


Figura 13: Planta de situação da Moradia Estudantil da UFSC.

Fonte: DPAE – modificado pela autora, 2011.

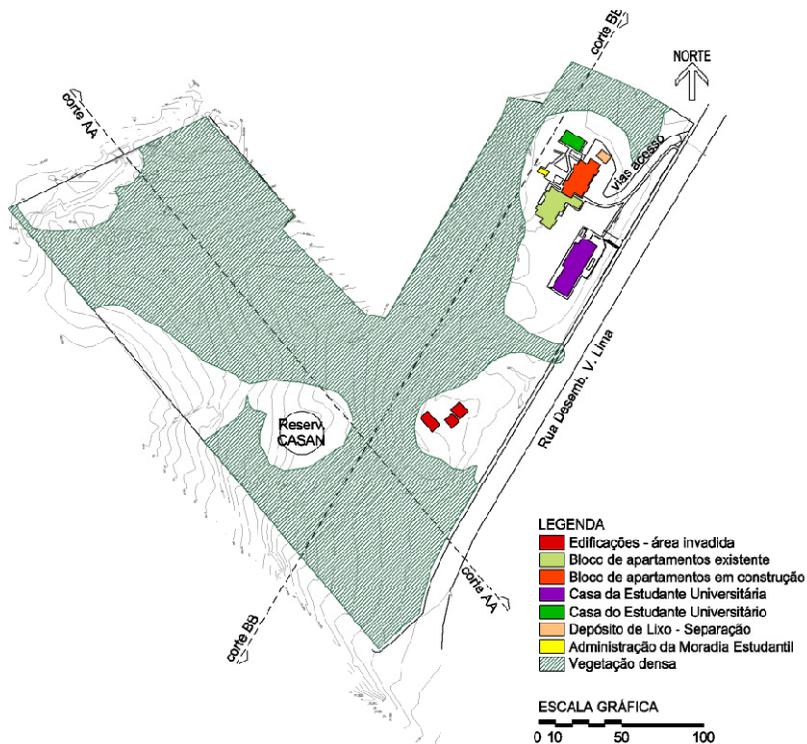


Figura 14: Planta de localização das edificações no terreno.

Fonte: DPAE – modificado pela autora, 2011.

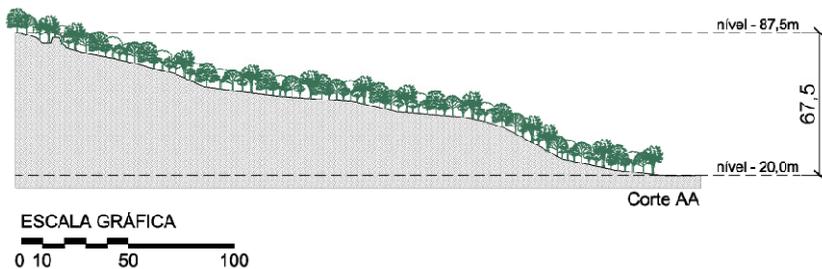


Figura 15: Corte AA – Corte esquemático do terreno.

Fonte: Autora, 2011.

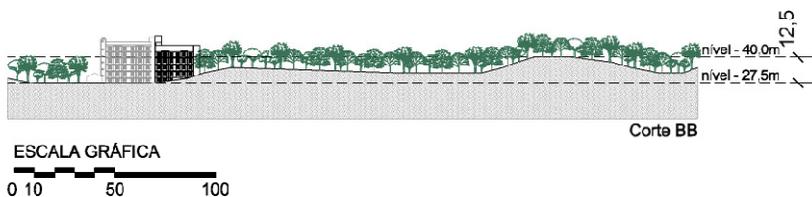


Figura 16: Corte BB – Corte esquemático do terreno.

Fonte: Autora, 2011.



Figura 17: Imagens do bloco de dormitórios.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

3.4. O USUÁRIO DA MORADIA ESTUDANTIL DA UFSC

Como já mencionado, o público alvo das moradias estudantis são jovens adultos, na faixa etária de 18 a 24 anos e que passam por um período de transição e de formação de caráter que os acompanhará por toda sua vida.

Os jovens, moradores das residências estudantis das instituições de ensino superior público no sul do País, vêm de cidades, normalmente, pertencentes ao mesmo estado no qual a instituição está localizada e têm em comum a condição socioeconômica (pré-requisito para a vaga em

uma moradia estudantil). Essa condição socioeconômica é definida pelo MEC e pelas universidades federais, e consiste em uma avaliação de renda *per capita*, das condições de vulnerabilidade as quais os estudantes estão expostos, e na existência de pessoa com doença na família.

Portanto, pode-se dizer que, em sua grande maioria, os moradores vêm de famílias com poucos recursos financeiros, que por interesse próprio ou por influência de pais e familiares, buscam melhorar sua atual condição de vida através de um curso superior. Além disso, também é notável que boa parte dos alunos, residentes em moradias estudantis no sul do país, está cursando as faculdades de agronomia e aquelas relacionadas às ciências sociais e humanas, como história e letras, por exemplo. A esse fato pode-se associar sua origem, predominantemente interiorana, onde tais cursos são mais apropriados para o desenvolvimento de atividades profissionais na sua região natal.

Na UFSC essa situação não é diferente. Contando com 153 alunos residentes, constatou-se que grande parte encontra-se na faixa etária de 20 a 30 anos e vem de cidades do interior do Estado de Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Cursam principalmente as faculdades de Serviço Social (13 alunos), Agronomia (10 alunos) e Letras (9 alunos). Esses estudantes também passam por uma avaliação socioeconômica promovida pelo setor de Serviço Social da UFSC, na qual são avaliadas além da renda per capita, o número de dependentes, as despesas que o aluno teria com moradia e a distância da moradia, bem como os agravantes sociais (situação de doença na família, desagregação familiar, entre outros) a que esses jovens estão expostos.

Para concorrer a uma vaga na moradia estudantil da UFSC alguns critérios são regulamentados em forma de edital e de regimento interno. Segundo o Regimento Interno da moradia (2003) a finalidade da casa é alojar estudante do sexo masculino e feminino, regularmente matriculados nos Cursos de Graduação, provenientes de outros municípios, e que, comprovadamente, apresentem dificuldades socioeconômicas. Assim, apenas alunos matriculados na graduação e que provêm de outros municípios (fora da grande Florianópolis) poderão concorrer às vagas. No Edital de 2010 (anexo 1) ainda existe o critério de não ter concluído qualquer outro curso de graduação. A seleção para ingressar na Moradia ocorre sempre no início de cada semestre letivo, de acordo com a disponibilidade de vagas (UFSC, 2003), e cabe a

Divisão de Serviço Social analisar a condição socioeconômica familiar do estudante.

No que tange a renda familiar, segundo informações fornecidas pelo Coordenador de Apoio à Política Estudantil, o MEC sugere que a renda *per capita* máxima da família do estudante não ultrapasse um salário mínimo. Todavia, considerando-se que cada região do país possui um índice de desenvolvimento humano diferente e, conseqüentemente, variação nas rendas mínimas cabe a instituição universitária definir qual será o valor mínimo por pessoa a ser considerado na avaliação socioeconômica.

Caso o número de vagas seja insuficiente se comparado ao número de requerentes, a UFSC concede uma bolsa de Auxílio Moradia no valor de R\$200,00 (duzentos reais) aos alunos que se enquadram nos itens estipulados pelo edital e que não tenham sido contemplados com a vaga na moradia.

No caso de alunos selecionados para a vaga na moradia, esses deverão ocupar a habitação em um prazo máximo de 15 dias, caso não o façam, perderão sua vaga. Para permanecer na casa do estudante o aluno deverá: renovar seu cadastro socioeconômico a cada dois anos; apresentar comprovante de frequência suficiente nas disciplinas matriculadas; cumprir as normas do regimento interno; não poderá fixar domicílio em Florianópolis; não poderá efetuar trancamento do curso e não poderá afastar-se por mais de trinta dias da moradia sem justificativa prévia.

Através dos requisitos acima expostos percebe-se que os alunos-moradores provêm de famílias com dificuldades financeiras ou, ainda, de famílias pouco estruturadas, já que um dos itens discorre sobre situação de degradação familiar.

As condições de vida que esses estudantes estão expostos antes de ingressar na universidade parecem ter repercussão na forma como cada um deles percebe seu local de moradia. Alguns moradores relatam que ter um local para ficar em condições agradáveis e com infraestrutura adequada, como nos dormitórios da UFSC, ajuda-os a permanecer na universidade e a dedicar-se integralmente a sua formação. Esses moradores provêm, normalmente, de famílias carentes, onde, possivelmente, dividiam um cômodo com muitas pessoas. Outros acreditam que os dormitórios poderiam atender de forma adequada as necessidades dos estudantes, proporcionando espaços maiores e com um número menor de usuários por dormitório. Nota-se que ambos os

usuários tendem a comparar sua situação atual com a anterior, sendo inevitável a existência de percepções controversas sobre os mesmos ambientes.

Ainda existe, entre os estudantes-moradores, o problema financeiro. Em sua grande maioria, dependem de recursos disponibilizados pela universidade, tais como bolsa permanência e isenção no restaurante universitário, pois não podem solicitar ajuda financeira de seus responsáveis. Todavia, quando alguns dos serviços são paralisados, como quando os servidores do RU entram em greve, o valor destinado aos estudantes torna-se escasso, e muitos acabam procurando algum trabalho temporário para cobrir suas despesas com alimentação e fotocópia.

Percebe-se, também, um pré-conceito relacionado aos estudantes-moradores da residência universitária. Existe uma falsa ideia de liberalismo em relação à moradia que afeta a decisão dos estudantes de morar ou não no local. A responsável pelo programa de serviço social confirma que alguns alunos, quando chamados para assumir a vaga, preferem permanecer no local onde estão a mudar-se para a residência. Esse fato pode estar relacionado tanto a essa ideia de que a moradia é um ambiente muito liberal, como também a condição de ter que dividir um dormitório com mais de um estudante. A responsável relata que alguns estudantes preferem permanecer no local onde estão, em condições precárias se comparadas a infraestrutura oferecida pela UFSC, pois têm maior privacidade e, em sua maioria, não dividem o espaço com outras pessoas, ou quando o fazem, é com, no máximo, uma pessoa.

Também é perceptível o desacordo dos moradores com relação a decisões tomadas pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis quando não ocorre um debate prévio com os alunos ou quando não existe a anuência dos moradores. Eles acreditam ser de extrema importância sua participação quando da tomada de decisão referente às regras de convivência na moradia. Assim, demonstram sua capacidade de tomar decisões, bem como afirmam sua posição (status) perante a comunidade acadêmica.

Considerando todos os fatores aqui descritos, os responsáveis pelo serviço social prestado na UFSC acreditam na importância da convivência dos estudantes em dormitórios comuns a duas ou três pessoas, pois assim, eles têm garantias de convívio social, bem como de troca de conhecimento e valores. Atualmente, cada dormitório abriga três estudantes, porém a responsável pelo serviço social relata que, para

melhorar a convivência e melhor atender os objetivos da moradia estudantil, o ideal seria disponibilizar dormitórios para dois alunos, assim, a convivência e as atividades extraclasse serão facilitadas. A opção por quartos individuais pode gerar a sensação de abandono e isolamento frutos da distância que os estudantes-moradores estão de suas famílias e de pessoas queridas, como amigos.

3.5. LEITURAS ESPACIAIS SOB A ÓTICA DO PESQUISADOR

As descrições a seguir são resultado das leituras espaciais e das estratégias de observação realizadas na área de implantação da Moradia Estudantil e no bloco de dormitórios existente. Esse bloco foi escolhido pelo fato de ter sido o único edifício projetado para abrigar os dormitórios. As demais áreas foram propostas para outros usos e, devido a falta de vagas, foram ocupadas pelos estudantes e servem até hoje de habitação. Por não terem sido projetadas para o fim proposto de moradia, optou-se por não realizar as leituras espaciais nesses locais.

O bloco de dormitórios analisado está orientado paralelamente a rua Desembargador Vitor Lima, isso faz com que as fachadas possuidoras de fenestração tenham orientação Sudeste e Noroeste. A esse respeito verificou-se que, devido a trajetória solar, os dormitórios orientados a Sudeste possuem pouca insolação durante todo o ano, já os dormitórios orientados a Noroeste possuem excessiva insolação no decorrer do período. Porém, os dormitórios que se encontram nos pavimentos inferiores, nessa orientação solar, (térreo, primeiro e segundo) não possuem insolação direta, devido ao fato da edificação estar próxima a uma área de vegetação densa e ser sombreada por ela no período da tarde. Outro fator relevante é a ventilação predominante na cidade de Florianópolis: Nordeste. Como pode-se perceber nas figuras 18 e 19 os ventos predominantes são ‘barrados’ pela fachada sem fenestração, fato que desfavorece a ventilação cruzada nos dormitórios e que pode colaborar para que estes se tornem abafados.

Como características gerais desse edifício, observa-se que possui cinco andares, sendo o andar térreo destinado a dois apartamentos adaptados aos moradores com algum tipo de deficiência e a uma sala de estudos (figura 18). O primeiro, segundo, terceiro e quarto andares possuem quatro apartamentos por pavimento, perfazendo um total de 18 apartamentos (figura 19). Já o quinto pavimento é destinado a área de lavanderia e terraço. O bloco de apartamentos é misto, porém

existe uma divisão das áreas masculina e feminina. Os estudantes do sexo masculino habitam os apartamentos localizados no primeiro e segundo pavimentos, já as estudantes utilizam os apartamentos do terceiro e quarto pavimentos. Como os apartamentos do térreo são para pessoas com algum tipo de deficiência, esse andar é considerado misto, podendo ser um apartamento para estudantes do sexo masculino e um para o feminino.

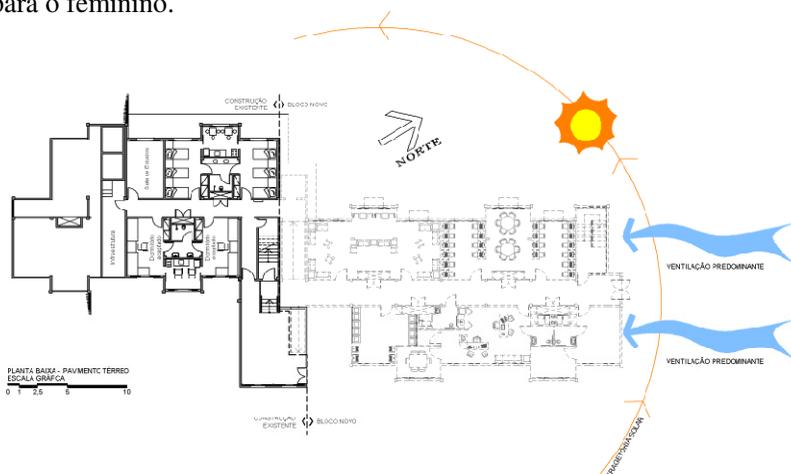


Figura 18: Planta pavimento térreo bloco existente e em construção.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

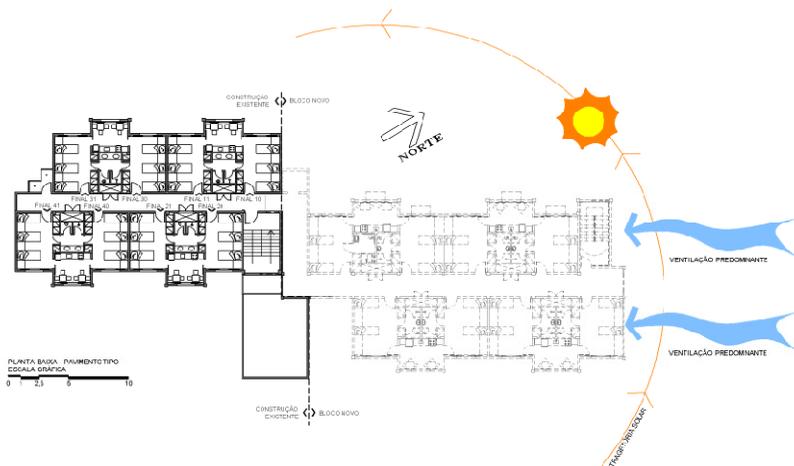


Figura 19: Planta pavimento tipo bloco existente e em construção.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Os apartamentos visitados encontram-se no primeiro e no terceiro andares. Dois possuem a orientação Sudeste e um a orientação Noroeste. No dia em que as visitas foram realizadas, dois dos apartamentos encontravam-se semi-ocupados, possuindo de 2 a 5 moradores por apartamento; e 1 era ocupado por 6 estudantes, número máximo de alunos que comporta o local.

Como os apartamentos e as áreas comuns da edificação possuem ambientes bem definidos (acesso, hall, circulações, dormitório, cozinha e banheiro), optou-se pela configuração de três áreas de observação: a **comum**, ambiente que compreende as áreas de uso comum da moradia, como áreas externas, lavanderia e sala de estudos; a **compartilhada**, ambiente ocupado pelos moradores do apartamento compreendendo os ambientes de banheiro e cozinha; e a **íntima**, ambiente de dormitório, que é frequentado, principalmente, pelos estudantes que ali dormem. Dentro dessa delimitação das áreas, criaram-se cenários, essa configuração é importante para poder caracterizar melhor o ambiente pesquisado, além de ajudar o pesquisador a ter um mesmo ângulo de observação de cada local.

Percebe-se que as características físicas dos apartamentos visitados se mantêm, optou-se por caracterizar, de forma genérica, as áreas quanto a seus aspectos físicos e logo após descrever as particularidades de uso/comportamento de cada uma através dos cenários definidos em planta. Assim, as áreas de atividades serão descritas a seguir, ordenadas do coletivo para o individual.

3.5.1. Áreas comuns

São ambientes externos ou internos a edificação, ocupados por todos os estudantes da Moradia. Configuram áreas de encontro, circulação e serviço. Foram observados durante os dias que ocorreram as visitas nos apartamentos e em outros dias durante o período da tarde. Para essas áreas foram elencados 7 cenários:

Cenário 01 - Acesso: É uma área externa, que compreende a guarita, área coberta para a identificação de visitantes e via de acesso aos módulos de dormitórios. Tem como limites a Rua Desembargador Vitor Lima e a porta de acesso ao hall de entrada do bloco estudado. Possui três fluxos principais, sendo dois provenientes da Rua Desembargador Vitor Lima e um da entrada lateral da UFSC através do CFM (centro de

Ciências Físicas e Matemáticas). É um área que pode ser considerada semi-pública, pois apenas moradores e pessoas autorizadas podem ter acesso, porém é visível a qualquer um que esteja andando pela rua. O local é facilmente identificado através de placas que informam a destinação daquele espaço, como pode ser observado na platibanda da guarita.



Figura 20: Imagens do acesso a Moradia Estudantil.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 02 – Hall: Área interna ao bloco de apartamentos, limitada pela porta principal, porta de acesso ao corredor térreo, escadas de acesso aos andares superiores, paredes externas e janelas. Nesse ambiente existem sofás, normalmente ocupados para a realização das assembleias e para a socialização dos moradores, bem como televisão, telefone público e um espaço destinado à correspondência dos moradores junto à porta principal.



Figura 21: Imagem hall.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 03 – Escada/Circulação vertical: Área interna a edificação, limitada pelas paredes internas e externas e pelas portas de acesso as circulações dos apartamentos. Não possui iluminação natural e a ventilação é feita através das portas de acesso aos andares. Serve apenas como área de passagem, de circulação vertical.

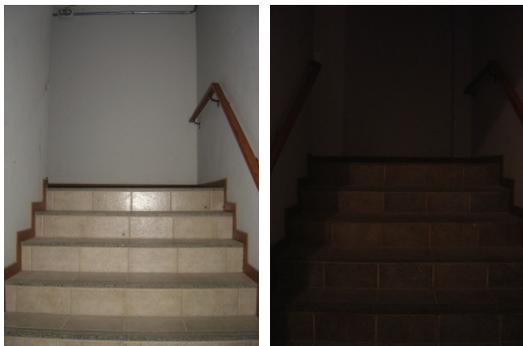


Figura 22: Imagens da escada – com luz acesa e apagada.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 04 – Corredores: Área interna a edificação, limitada pelas paredes internas e externas e pelas portas de acesso aos apartamentos. Possui apenas uma janela no final de cada corredor, voltada para sudeste, que ajuda na ventilação do ambiente. Sua iluminação é feita por lâmpadas com sensor de movimento.



Figura 23: Imagem do corredor de acesso aos dormitórios.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 05 e 06 - Lavanderia: Possui área interna e externa ao bloco. Localiza-se no último pavimento da edificação. A área interna (cenário 5) é limitada por paredes externas, porta e escada, possui oito máquinas de lavar e quatro tanques, além de prateleiras para aparar as roupas. Já a parte externa (cenário 6) é limitada por muros e pela porta que dá acesso a escada. Existem ainda nesse local os dutos que fazem a ventilação dos banheiros, uma área coberta por laje (sobre a qual foram colocados os painéis solares) e uma churrasqueira.



Figura 24: Imagem interna lavanderia – Cenário 05.

Fonte: Acervo da autora, 2011.



Figura 25: Imagem externa lavanderia – Cenário 06.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 07 - Sala de estudos: Área interna a edificação, localizada no pavimento térreo, orientada a Noroeste. Tem como limitantes: parede externa, paredes internas, porta de acesso e janela. Possui cinco baias, sete cadeiras, uma bancada para aproximadamente três alunos e uma

prateleira superior para apoio de material de estudo. É um local bem iluminado e ventilado, o que garante boas condições de estudo.



Figura 26: Imagem sala de estudos.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

3.5.2. Áreas compartilhadas

São áreas internas dos apartamentos que configuram um módulo úmido, onde se concentram as atividades relativas ao ambiente de cozinha e banheiro. Esse módulo é repetido em cada apartamento e encontra-se entre os dormitórios, conformando uma área ocupada por todos os estudantes-moradores do apartamento, pois possui acesso para os dois quartos.

Nessas áreas, optou-se por criar um cenário para cada ambiente. Obteve-se, assim, 6 cenários que possuem algumas características físicas comuns e que serão apresentados a seguir.

Cozinha: Área interna a edificação, limitada por paredes externas e internas, janela externa e vidro fixo interno (voltado para a iluminação do banheiro), além de portas de correr que servem de acesso dos dormitórios. Conta com geladeira, fogão, micro-ondas, pia com balcão inferior e duas mesas com três cadeiras cada. Esses equipamentos são fornecidos e mantidos pela instituição (UFSC). Na figura 27, observa-se a proposta de disposição desses mobiliários para o ambiente.

Banheiro: Área interna, limitada por paredes internas, vidro fixo para iluminação e portas de acesso aos dormitórios. É compartimentado, permitindo o uso do chuveiro, do vaso sanitário e da pia ao mesmo tempo. Possui vaso sanitário com caixa acoplada, chuveiro de

aquecimento a gás, pia com balcão inferior com portas de correr venezianas, mas sem prateleiras e espelho na parte superior do balcão. Sua ventilação é feita através de placas furadas no teto e movimentação de ar através de ventilação mecânica e pelo efeito chaminé, que capta o ar através de fenestração na cozinha que é conduzido até o posso de ventilação junto ao banheiro por um shaft no forro. Sua iluminação é feita por um vidro fixo localizado junto ao teto, na parede que divide com a cozinha.

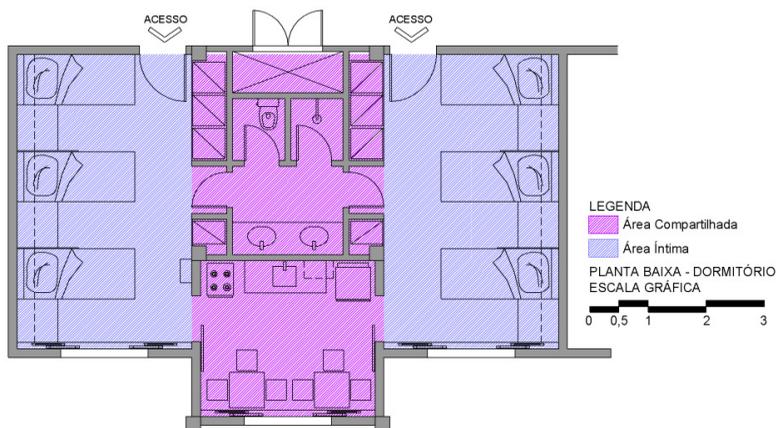


Figura 27: Planta baixa do dormitório – área compartilhada e íntima.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

3.5.3. Áreas íntimas

Constituem as áreas internas dos apartamentos, os **dormitórios**. Limitados por paredes externas e internas e por portas de acesso tanto da circulação para o dormitório como deste para as áreas compartilhadas do apartamento. Possuem como mobília fixa 3 camas de solteiro, com cabeceira embutida, 3 escrivaninhas para computador de mesa, com bandeja para teclado, painel separador em formato trapezoidal e duas prateleiras sobre as cabeceiras das camas. Ainda conta com um armário de 3 portas embutido na parede com cabideiro e prateleira, um armário aéreo com seis portas e um armário próximo a cozinha com uma porta estreita e seis prateleiras (normalmente utilizado para guardar mantimentos). Para as áreas íntimas configuram-se seis cenários, sendo um para cada dormitório.

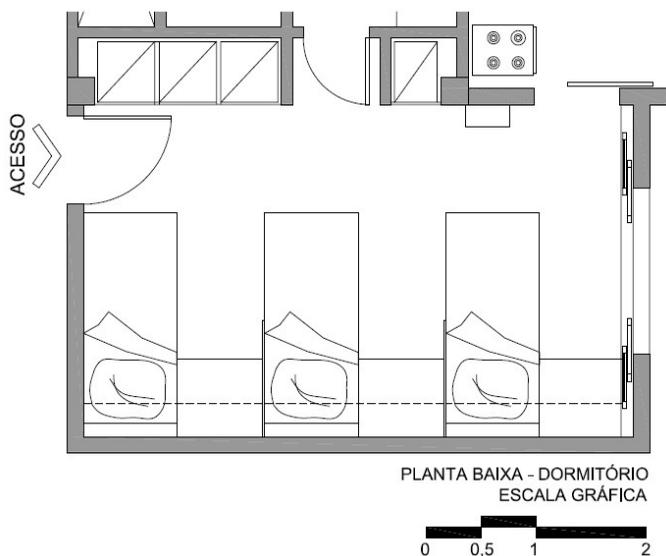


Figura 28: Planta baixa do dormitório – layout sugerido pela UFSC.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

A seguir, serão descritas as relações usuário x ambiente, observadas na Moradia Estudantil. Essas leituras do comportamento dos estudantes-moradores ajudarão a compreender suas necessidades e, dessa forma, será possível identificar elementos que podem ser modificados ou substituídos com a finalidade de melhorar o espaço habitado.

3.6. OBSERVAÇÕES DA RELAÇÃO MORADOR X MORADIA INTERPRETAÇÃO DOS DIÁLOGOS

A partir das observações realizadas na moradia estudantil nos meses de Julho e Agosto de 2011 e dos diálogos desenvolvidos com os moradores durante as observações, foi possível identificar formas comportamentais que demonstram como a edificação está sendo usada e percebida por seus usuários. Através dessa identificação será possível propor mudanças projetuais que primem pela melhora no ambiente com a finalidade de adequá-lo às atuais necessidades de seus moradores.

Para tanto, a seguir serão descritas tais observações, mantendo-se o ordenamento anteriormente exposto, que parte do público em direção ao privado.

3.6.1. Áreas Comuns

Cenário 1- Acesso:

Nesse cenário, percebe-se que não existe um local adequado para estacionar bicicletas (meio de transporte mais utilizado pelos estudantes-moradores). Também nota-se que a segurança que se encontra na guarita não possui um ângulo de visão adequado à rápida identificação de visitantes. Para visualizar os visitantes a segurança obriga-se a levantar de seu posto, pois a guarita está em um nível mais alto que o nível da rua, e o mobiliário de apoio ao funcionário encontra-se em frente a janela de identificação, impedindo sua efetiva aproximação. Também se observa que o acesso possui inclinação superior a recomendada na norma brasileira de acessibilidade NBR 9050 (figura 20 na página 87), dificultando o deslocamento de pessoas com alguma deficiência, principalmente daquelas em cadeira de rodas.

Ainda na área de acesso, observa-se a existência de mesas e bancos para a prática de xadrez e para contemplação, ou mesmo para serem utilizadas com outra finalidade, como a leitura ao ar livre. Porém, nos meses em que ocorreram as observações, nenhum morador foi visto utilizando essas mesas. Uma das questões levantadas por um dos moradores é que nessa época (inverno) o local fica muito sombreado e frio, fato que inibe sua utilização. Todavia, pode-se associar a não utilização deste espaço a fatores culturais, evidenciando a falta de interesse dos usuários da moradia estudantil nessas áreas.



Figura 29: Imagem área externa com estar.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 2 - Hall:

O ambiente do hall de acesso não é muito utilizado pelos moradores, principalmente por sua configuração formal. A disposição do mobiliário em “L” impede sua utilização de forma plena, pois junto ao canto não existe espaço suficiente para uma pessoa sentar-se confortavelmente. Outra questão que deve ser ressaltada é que essa configuração é indesejável para a socialização, já que os estudantes ficam lado a lado para desenvolver conversas, quando o ideal seria frente a frente. Isso é percebido quando da ocorrência de reuniões e assembleias. Os moradores viram os sofás a fim de configurar um “U” e melhor observar e conversar com seus colegas. Esse *layout* facilita a interação dos moradores, porém a forma em “L” predomina a fim de evitar conflitos de fluxos e usos, pois a porta de acesso encontra-se posicionada próximo aos sofás. Talvez esse conflito possa ser resolvido deslocando-se a porta de entrada para a área em azul da imagem 30, já que é um espaço que, hoje, não está sendo ocupado para nenhum fim.

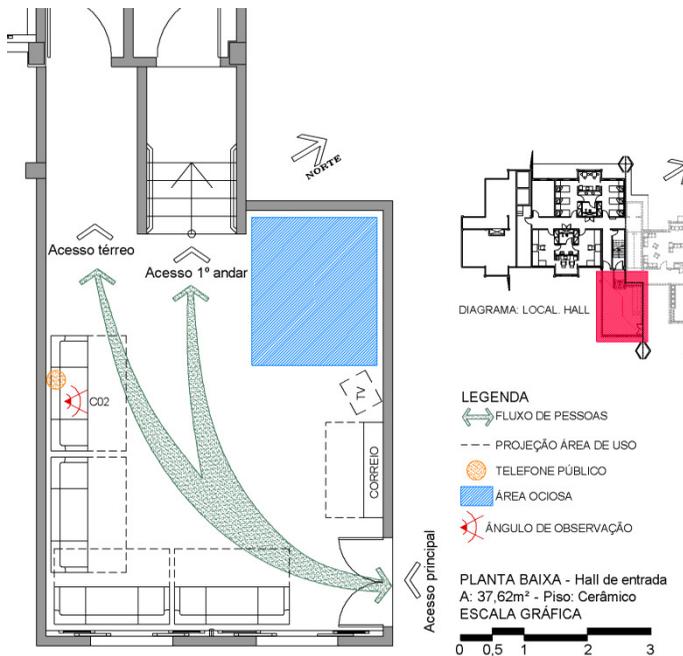


Figura 30: Planta baixa hall – marcação do ponto de observação.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Observa-se, ainda, que os estudantes pouco utilizam este espaço como área de lazer/descanso, principalmente pelo fato de ser um local de passagem, sempre com grande movimento de pessoas. Esse acúmulo de funções (sala de estar, hall, e sala de espera) dificulta sua utilização como área de lazer, pois interfere na necessidade de privacidade do indivíduo quando se quer ter conversas particulares com outras pessoas, por exemplo.

Percebe-se também que o telefone público disponível para os estudantes-moradores não é usado por eles. Em sua grande maioria, possuem telefones celulares e os utilizam em seus próprios dormitórios, dispendo de maior privacidade. Crê-se, também, que este telefone é pouco (ou nada) utilizado por estar em um local de passagem, com grande fluxo de pessoas, o que diminui a sensação de privacidade do morador que o utiliza.

Outros elementos importantes que se observaram, foram as janelas. Em madeira, sofrem dilatação ou retração durante o ano e conforme as mudanças de tempo, isso afeta tanto as condições de controle quanto de conforto. O conforto é afetado pois essas alterações no dimensionamento da esquadria permite ou impede a passagem de ar. Assim, no inverno, quando ocorre a retração, existe a passagem de ar indesejada, apesar das janelas estarem fechadas. O controle é afetado justamente pela dificuldade de abrir ou fechar a janela que sofreu alteração em sua dimensão.



Figura 31: Imagem hall de acesso.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Apesar desses conflitos, deve-se considerar que este hall é o único lugar coberto existente na moradia que possibilita a confraternização e interação dos estudantes, e poderia, com algumas modificações ser melhor utilizado pelos estudantes-moradores. Essa alteração poderia partir do posicionamento da porta de acesso, simplesmente, reposicionando esta a fim de ficar onde hoje existe uma área ociosa (figura 30). O fluxo, então, ficaria restrito aquela área e os sofás poderiam ser reposicionados de maneira a garantir conforto aos estudantes quando de sua utilização.

Cenário 3 – Escada/Circulação vertical:

Apesar de este local configurar apenas uma área de passagem, observa-se que a circulação vertical não possui janelas que permitam a ventilação e a iluminação natural do local, deixando-o com uma sensação de lugar enclausurado e abafado. Também se percebe que não é possível o acesso de pessoas com deficiência nos andares superiores. Isso não seria um problema se a lavanderia não ficasse no último pavimento do edifício, uma vez que deve ser permitido o acesso de pessoas com deficiência a todos os espaços comuns de uma edificação.

Observa-se que são utilizadas lâmpadas com sensor de movimento para a iluminação dessa área, o que reflete uma preocupação em não consumir mais energia que o necessário, evitando maiores gastos. Porém, quando esses sensores não estão regulados, o ambiente fica bastante escuro o que dificulta a visualização dos degraus, consequentemente atrapalha o ato de descer/subir até o andar desejado.

Cenário 4 - Corredores:

Os corredores da Moradia possuem grande comprimento e são relativamente largos (1,5m) o que facilita o deslocamento de objetos grandes, como camas, geladeiras e outros equipamentos. Sua iluminação e ventilação são feitas por janelas que ficam no final do corredor. Devido ao comprimento do lugar, essa iluminação não é efetiva, necessitando de lâmpadas equipadas com sensor de movimento para iluminar o espaço.

Nesse ambiente percebe-se como os estudantes-moradores se apropriam do espaço, utilizando-o para acomodar objetos que são indesejados dentro do apartamento, tanto por seu tamanho (bicicletas),

como por sua utilização (guarda-chuva molhado, ou cadeiras de praia, por exemplo). Na figura 23 (p.88), percebe-se ainda que os moradores colocam na área do corredor seu lixo, assim, quando saem de casa já o destinam de forma correta, evitando que permaneçam por muito tempo no apartamento.

Observa-se que a atitude de se apropriar de um espaço que, em princípio, é público remete a necessidade de expandir seus territórios. Como será exposto a seguir, os dormitórios possuem uma área relativamente pequena para acomodar adequadamente todos os objetos dos moradores. Assim, eles acabam por assumir áreas públicas como semi-públicas, ou privadas, a fim de melhor acomodar seus objetos de uso pessoal.



Figura 32: Imagem corredor de acesso aos dormitórios.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 5 e 6 - Lavanderia:

Na lavanderia, optou-se por criar dois cenários, a fim de melhor avaliar como se dá a relação do usuário com o local. A imagem abaixo marca os pontos de observação dos ambientes (C05 e C06).

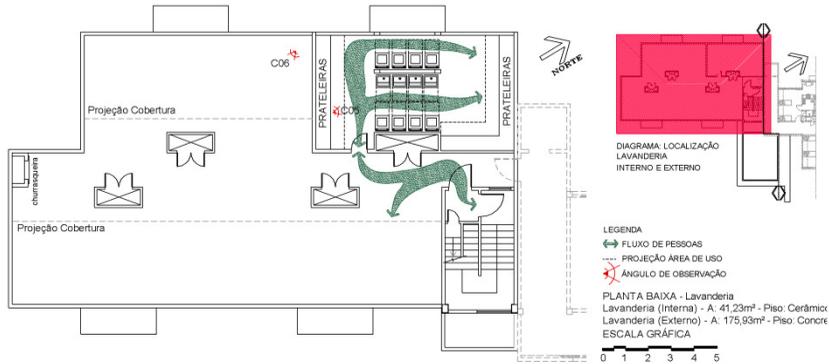


Figura 33: Planta baixa lavanderia – marcação dos cenários.

Fonte: DPAAE – modificado pela autora.

No **cenário 5** observa-se que o espaço é multifuncional, abrangendo as atividades de guardar, lavar e estender as roupas. Nesse ambiente, percebe-se que os estudantes-moradores se apropriam do espaço a medida que levam e deixam roupas estendidas nos varais, bem como levam material para limpeza dessas roupas.

Porém, é notório que este espaço torna-se pequeno para o número de usuários. A figura 34 elucida essa situação. Nela percebe-se que existem poucos varais na área interna para que os usuários possam estender suas roupas, assim como estes estão em locais que atrapalham a utilização das máquinas de lavar quando estão sendo ocupados.

Observa-se também que nessa área inexistem armários individuais para que os alunos possam guardar seus pertences de lavanderia. Foram projetadas apenas prateleiras abertas que servem de apoio para as roupas e materiais de limpeza, mas inibem a possibilidade dos alunos deixarem seus objetos ali por falta de privacidade, ou pela possibilidade de alguém mexer. Percebe-se também que não existe área própria para passar roupas, essa tarefa deve ser realizada no dormitório quando for desejada.

Apesar disso, pontos positivos são encontrados nesse local, como a ótima iluminação e ventilação, garantidas pelas janelas basculantes que permitem uma ventilação cruzada, o que ajuda a secar as roupas que ficam na área interna da lavanderia. A quantidade de máquinas de lavar (8) para atender aos moradores do edifício é suficiente, considerando que uma máquina atende no máximo 11 pessoas em momentos intercalados. Além de esses equipamentos serem

fornechos e mantidos pela universidade, sem resultar em custos para os estudantes.



Figura 34: Imagens da lavanderia – área interna – cenário 5.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

No **cenário 6**, percebe-se a multifuncionalidade que essa área pode ter. Além de ser a área externa a lavanderia, também existe no local a possibilidade de ser área de lazer (churrasqueira). Todavia, o local é mais utilizado como pátio de serviço pelos moradores. Nesse sentido, observa-se a dificuldade de circulação no local quando os varais estão ocupados, pois não há uma lógica de organização dos fios que servem para estender as roupas, ficando sobrepostos em alguns pontos, impedindo o uso pleno e diminuindo a área a ser utilizada pelos estudantes. Percebe-se também a relação que existe em expor as roupas e a privacidade dos usuários, pois poucas são as roupas íntimas estendidas nos varais, ratificando o uso dos espaços de dormitórios para a lavagem e secagem dessas peças.



Figura 35: Imagens da lavanderia – área externa – cenário 6.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Observa-se ainda manifestação de territorialidade quando as peças de roupas estão estendidas. É fácil perceber onde começa e termina o espaço que cada usuário está ocupando. Os estudantes deixam pequenos espaços entre suas roupas e as roupas dos outros, a fim de demarcar aquilo que é seu e o que é do outro. Dessa forma, também evitam conflitos relacionados a esse comportamento, e garantem uma convivência tranquila entre todos.

A área externa é bastante utilizada pelos moradores em dias ensolarados, ou com bastante vento. Por estar localizada no último pavimento, garante-se no lugar insolação e ventilação necessárias a atividade de secar roupas. Essa área ainda pode ser utilizada em dias de chuva, já que possui cobertura que permite estender roupas sem que estas sejam molhadas.

Cenário 7 - Sala estudos:

O ambiente da sala de estudos é pouco ocupado pelos moradores da casa. Apesar de possuir bancadas de estudos e baias para computadores, ser bem ventilado e iluminado, o número de alunos que podem utilizar o local é pequeno se comparado ao número de alunos que habitam a moradia. Nesse ambiente não se percebe qualquer manifestação de apropriação do lugar. Pensa-se que a esse fato podem estar associadas manifestações de territorialidade.

A territorialidade pode ocorrer, pois cada aluno tem sua forma de estudar. Uns necessitam mais espaço que outros e isso pode gerar conflitos quando uma mesma bancada é dividida. Também se deve considerar que algumas atividades produzem mais barulho que outras, como um trabalho em grupo, por exemplo. Esse fato pode atrapalhar a concentração dos demais estudantes. Assim, muitos alunos-moradores optam por desenvolver seus trabalhos e estudos em locais como a Biblioteca Universitária, laboratórios ou no próprio dormitório.

“(...) prefiro estudar com meus colegas na BU, acho que as baias dessa sala dão uma sensação ruim, de aperto, me limitam muito (...)”

“(...) prefiro ir no laboratório ou na BU, lá tenho os livros que preciso pra estudar, não tenho que ficar carregando para acasa (...)”

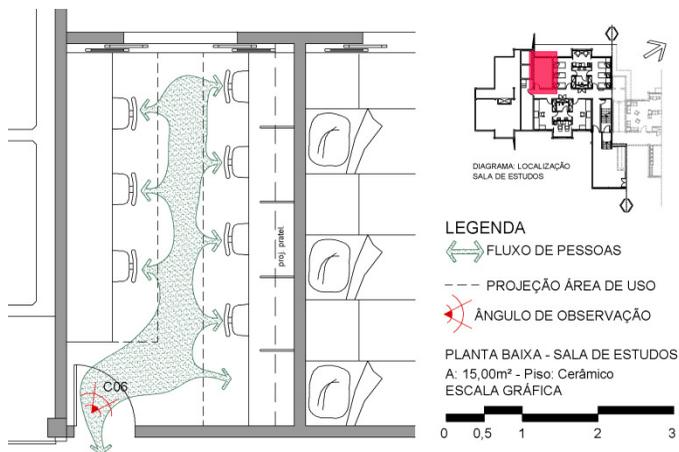


Figura 36: Planta baixa sala de estudos.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

3.6.2. Áreas compartilhadas e áreas íntimas

Essas duas grandes áreas que abrangem os apartamentos terão suas leituras descritas juntas. Apesar de algumas áreas serem parecidas em sua conformação, a interação dos moradores e a percepção que eles têm do espaço é diferente. Por essa razão, optou-se por agrupar tais áreas, avaliando-as no seu contexto enquanto parte do apartamento, e não isoladamente.

A partir das leituras espaciais, conseguiu-se avaliar o funcionamento dos apartamentos, e identificou-se as principais atividades desenvolvidas pelos estudantes-moradores dentro de cada unidade. Observou-se que o espaço do apartamento foi criado para ser multifuncional, abrangendo atividades de lazer, socialização, descanso e estudos, além de ser local onde os moradores devem acomodar seus objetos pessoais. A figura 37 elucida a relação existente entre os espaços e as atividades suportadas por ele.

Nota-se, também, que a quantidade de espaço e de mobiliário não é suficiente para acomodar os objetos pessoais dos moradores. O espaço físico (17m²) do dormitório é restrito quando este é ocupado por 3 pessoas, podendo gerar alguns conflitos de fluxos e usos (figura 38). Já o mobiliário, torna-se inadequado quando observado em relação ao volume de objetos que suporta, ou em relação as suas dimensões. À exemplo disso, avaliam-se as bancadas de estudo, pequena e alta, dificultando o uso correto de um *notebook*, ou a acomodação de mais de um livro quando do estudo. O volume dos armários também interfere na quantidade de objetos/roupas que os moradores podem ter. Assim percebe-se manifestações de privacidade a medida que terão que escolher o que deixarão a mostra, ou seja, a qual informação permitirão que os demais tenham acesso.

Percebe-se também que existe uma forte relação entre a distância interpessoal (espaço pessoal) e a privacidade, porque quando existem dois moradores ocupando um dos quartos, elas preferem ficar nas camas laterais, deixando a central vazia e ampliando seu espaço pessoal. Já quando a cama central é utilizada, nota-se um afastamento dos objetos dos ocupantes das camas laterais, diminuindo o espaço pessoal e reforçando a necessidade de maior espaço nos dormitórios.

Observa-se, ainda, que os painéis divisores das camas revelam tanto comportamentos de privacidade quanto identidade. Segundo os estudantes, quando querem estudar, ou quando não querem interagir com os demais, se “escondem” atrás do painel para ficarem “sozinhos”. Além disso, utilizam os painéis como mural para fotos e recados, dando identidade ao seu espaço e ficando perto de pessoas queridas. Essa identidade com o local varia com o tempo de permanência no dormitório. Alunos de intercâmbio, que utilizam o dormitório por, no máximo, 5 meses não personificam seu espaço como aqueles alunos que habitam o local a mais de 1 ano.

Da mesma forma que nos dormitórios, a **cozinha** também é um espaço multi-função, onde atividades de cozinhar, preparar e guardar alimentos, comer e receber amigos são realizadas. Porém, nesse espaço não se observam conflitos quando essas atividades são realizadas ao mesmo tempo. Pelo contrário, muitas delas acontecem juntas por um desejo dos moradores, como cozinhar e receber amigos.

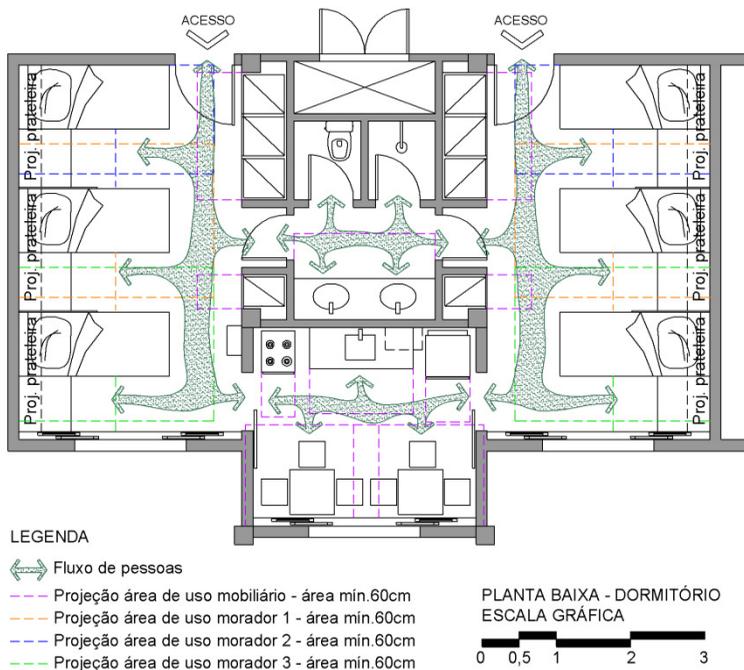


Figura 38: Planta baixa do dormitório – áreas de uso.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Observa-se que os estudantes preferem receber amigos e parentes em suas cozinhas que na área do hall, já que no ambiente do apartamento sentem-se a vontade para conversar, dividir problemas e alegrias. Percebe-se também, que é a cozinha o cômodo mais utilizado pelos moradores para a atividade de ‘receber’, a esse fato associa-se o comportamento de privacidade, já que nessa área é possível o isolamento dos dormitórios fechando-se as portas. Assim, mantém-se a privacidade tanto na área íntima quanto na área compartilhada.

Também percebe-se que muitas das atividades relacionadas a preparação, cocção e conservação dos alimentos se sobrepõe neste cenário. À exemplo disso, nota-se que a mesa, primeiramente destinada as refeições, é utilizada como apoio e local de preparo de alimentos, já que a pia é pequena para acumular as tarefas de limpar louças e preparar alimentos. Existe, ainda, a sobreposição de atividades quando analisa-se

o local onde as estudantes guardam os mantimentos, como na cozinha não há espaço suficiente para guardar os utensílios e mantimentos, estes são armazenados no quarto, no armário próximo a porta da cozinha.

No que diz respeito ao conforto, nota-se que muitos objetos ficam fora do alcance das mãos, ou geram dificuldade no manuseio, como é o caso do micro-ondas, que está instalado em local alto, dificultando a retirada de pratos quentes, por exemplo. Também percebe-se que o ambiente é pequeno para ser ocupado por todos os moradores ao mesmo tempo e que, nesse caso, a sobreposição de atividades gera grande conflito de territorialidade. Alguns equipamentos não são grandes o suficiente para serem ocupados por 6 moradores, como é o caso da geladeira, pequena para guardar mantimentos dos residentes nos apartamentos.

Percebe-se que, como em outros locais, a janela não proporciona o efetivo controle de ventilação e iluminação. Outra observação que se pode fazer é com relação ao *layout* do ambiente. A pia localizada na posição oposta a janela prejudica a visualização dos alimentos quando estes são preparados, pois a posição da pessoa quando do preparo do alimento projeta sombra sobre o balcão, intensificando o uso de iluminação artificial em horários desnecessários.

Na área destinada ao **banheiro** são perceptíveis espacializações relacionadas à privacidade. Elas ficam evidentes na forma como o local é mantido fechado. Isso ocorre pelo fato desse cômodo ser comum aos dois dormitórios, possui duas portas de acesso, que os estudantes-moradores mantêm fechadas. O banheiro, sendo compartimentado, propicia o uso por até 4 pessoas, porém esse uso é evitado com a finalidade de manter a privacidade no local. Dessa forma, quando um estudante está utilizando o local, os demais não fazem uso dele.

O armário sob as cubas é utilizado principalmente para guardar roupas sujas e produtos de limpeza, pois não possui prateleiras que permitam a organização de objetos pequenos como sabonetes e xampus.

Com relação a ventilação e iluminação desse ambiente, observa-se que o vidro fixo que divide o banheiro da cozinha é um importante mecanismo de iluminação, mantém o local bem iluminado durante o dia e inibe o uso de iluminação artificial nesse período. Já com relação a ventilação, o mecanismo adotado, forro com chapas furas, duto de ventilação com efeito chaminé e ventilação mecânica não são efetivos para retirar os odores e a umidade do ambiente, ficando úmido, o local é propício para o desenvolvimento de micro-organismos.

Após uma análise geral dos apartamentos, as leituras espaciais realizadas em cada um deles serão a seguir descritas evidenciando os comportamentos e as percepções dos usuários de cada apartamento.

Apartamento 340/341

Esse apartamento localiza-se no terceiro andar, com orientação sudeste. Foi visitado no dia 15.07.11 no horário entre as 19hs às 21h e 30min. Era habitado por 5 moradoras, das quais 3 encontravam-se no local durante o horário da visita.

A característica marcante desse apartamento é a destinação de duas camas (uma em cada dormitório) para estudantes de intercâmbio. Essa característica faz com que, a cada semestre, novas moradoras ocupem o espaço que é dividido com estudantes da UFSC. Percebe-se que a troca de experiências e culturas é bastante intensa, já que a cada semestre novas alunas mudam-se para o apartamento.

No dia da visitação, as duas meninas, vindas da Argentina, que moravam no apartamento estavam arrumando suas coisas, pois teriam que voltar ao seu país, já que o intercâmbio havia terminado. Por esse motivo, estavam preparando uma janta de despedida. A realização dessa atividade no horário da visitação ajudou na compreensão de como o espaço era utilizado por essas estudantes.

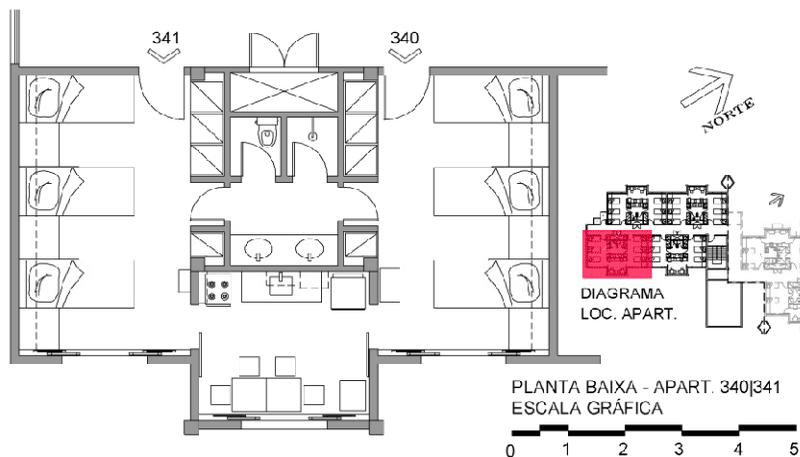


Figura 39: Planta baixa apartamento 340/341.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Cenário 08 – Cozinha: Além dos mobiliários já mencionados na descrição geral do espaço, existem ainda nesse local: 1 frigobar (pertencente a uma das moradoras); 1 filtro de água, prateleiras e ganchos que servem de apoio para os mantimentos, além de eletrodomésticos portáteis (liquidificador) e utensílios domésticos.

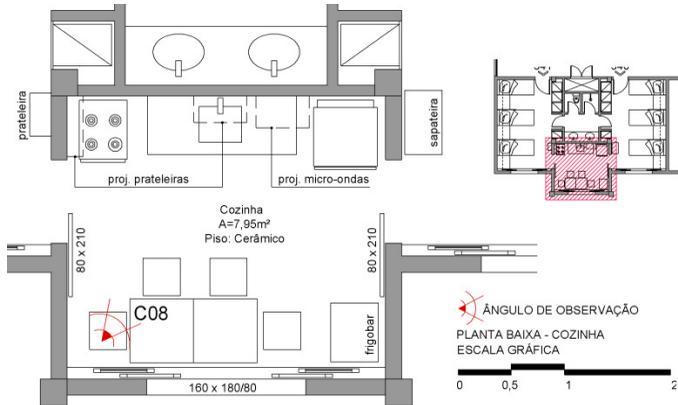


Figura 40: Planta baixa da cozinha.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 41: Imagens da cozinha.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Nesse ambiente, observa-se que a questão relativa a quantidade de espaço para guardar alimentos foi parcialmente resolvida, pois uma das estudantes possui um frigobar, que é utilizado por todas a fim de melhor atender as necessidades das alunas, além de garantir a regulação do acesso aos produtos que ali se encontram.

Percebe-se também que elas preferem manter as mesas juntas, melhorando a área de apoio dos mantimentos e diminuindo circulações entre as mesas, fato que é devido, também, a área que o frigobar ocupa ao lado delas.

Observa-se adaptações feitas no ambiente com a finalidade de melhor acomodar objetos e alimentos. As moradoras se utilizam ganchos e prateleiras extras para apoiar utensílios domésticos, garantindo maior organização do espaço.

“(…) quando entrei no apartamento, essas prateleiras já estavam aí. Acho que as antigas moradores que pediram pra colocar, mas são ótimas para deixar os temperos, sal e óleo (…)”

Nota-se, ainda, a forma como as estudantes se apropriam do espaço, dando identidade a ele. Elas utilizam imãs de geladeira com fotos e panos de crochê sobre frigobar e geladeira. Essas manifestações deixam o apartamento com um ‘ar de casa’ e ajudam as moradoras a se identificarem com o lugar, fazendo com que o ambiente seja percebido como parte de uma casa e não apenas como um local de passagem.

Nesse cômodo, observa-se a existência de conflito na área da pia, pois as moradoras separam o lixo, e devido ao espaço reduzido, uma das lixeiras fica sobre a pia, conflitando com a área de preparo de alimentos, que deveria ser um local livre de sujeira.

Cenário 9 – Banheiro: Neste cenário, encontram-se caixas organizadoras que melhor acomodam os produtos de higiene pessoal das moradoras. Não existe qualquer móvel que modifique o projeto original deste espaço.

Percebe-se maior influência do fenômeno de privacidade. Na bancada, são poucos os locais apropriados para guardar objetos de higiene pessoal, fazendo com que as moradoras utilizem-se de caixas para organizar seu espaço e limitar o acesso das demais a seus pertences.

Nota-se também a personalização do espaço feita através um vaso de flores, que deixa o ambiente visualmente agradável, e remete a uma atmosfera familiar.



Figura 42: Planta baixa do banheiro | Imagem.

Fonte: DPAAE – modificado pela autora | Acervo da autora, 2011.

Cenário 10 – Dormitório 340: Ocupado por duas moradoras, sendo uma delas estudante de intercâmbio. Este espaço, além da mobília básica fornecida pela UFSC, possuía uma cômoda (sapateira) e ganchos na porta do banheiro e na parede que divide o dormitório com o corredor que possibilitam as moradoras pendurar seus objetos. A cama (ocupada pela estudante da UFSC) que se encontra junto à janela possui uma prateleira a mais sobre a cabeceira. Além disso, as moradoras possuem eletrodomésticos como ventilador e aquecedor e ambas fazem uso de notebook.

Neste cenário, nota-se, em especial, a relação de privacidade com a necessidade de secar roupas íntimas. Como mencionado no cenário 5, muitos estudantes-moradores preferem lavar e secar suas roupas íntimas no próprio dormitório, a deixá-las expostas no varal comum. Também é notável a necessidade de móveis que acomodem os objetos das moradoras.

Como a estudante vinda para intercâmbio estava arrumando suas malas, a cama central desse dormitório, por não estar ocupada, servia como apoio para acomodar roupas, ventilador e aquecedores que não possuem espaço nos armários e que estavam sendo organizadas. Ganchos foram incorporados ao mobiliário para pendurar bolsas e toalhas. As prateleiras são repletas de caixas que guardam objetos que não devem ou os quais as moradoras não querem deixar a mostra, evidenciando a privacidade requerida pelos estudantes.

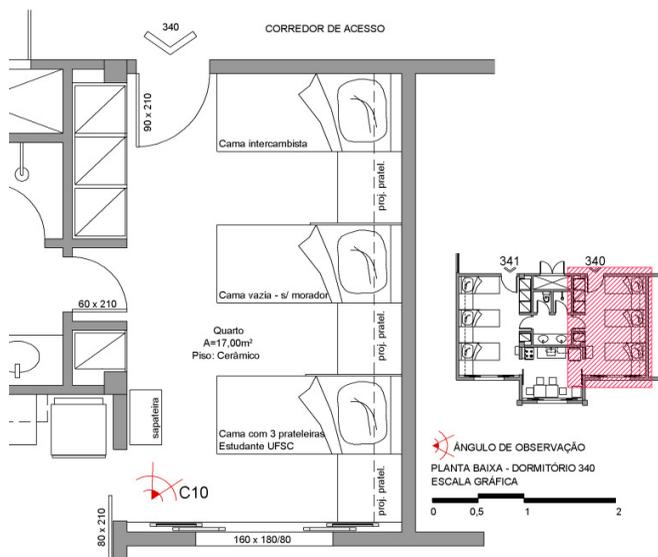


Figura 43: Planta baixa do dormitório 340.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Observa-se também, que as moradoras deste quarto, preferiram as camas laterais à cama central. Esse comportamento remete a necessidade de garantia de espaço inter-pessoal (espaço pessoal), a fim de controlar territórios e evitar conflitos.

“(…) preferi ocupar a cama da janela porque tinha uma prateleira a mais, assim pude organizar melhor minhas coisas, e também porque é perto da janela, tenho mais visão e é mais ventilado que no outro canto (…)”

Percebe-se ainda como as moradoras dão identidade ao dormitório. Do mesmo modo como ocorre na cozinha e no banheiro, os painéis divisores das camas servem como mural para fixar fotos e recados, personalizando o espaço.

“(…) coloco as fotos no painel, porque, quando dá saudade de casa eu olho pra elas (…)”



Figura 44: Imagens do dormitório 340.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 11 – Dormitório 341: Ocupado por três estudantes, sendo uma delas estudante de intercâmbio. No dia da visita, duas das três moradoras encontravam-se no dormitório. Esse cômodo conserva boa parte do mobiliário fornecido pela Universidade, sendo acrescida apenas uma prateleira sobre a cabeceira da cama que está junto à porta de entrada. Não foram encontrados objetos como ventilador e/ou aquecedor, porém, assim como no dormitório 340, todas as estudantes utilizam notebook.

Neste dormitório, percebe-se o desconforto em utilizar o *notebook* em uma bancada projetada para um computador de mesa. Alta, ela impede o posicionamento adequado dos braços (figura 46).

Também pode-se perceber a influência da luz direcional nas demais camas, que pode atrapalhar o sono de algum dos moradores quando utilizada em horários noturnos.

Fato curioso é a utilização da cama por uma das moradoras. Ela relata que dorme em posição invertida a projetada, ou seja, com os pés da cabeceira da cama e a cabeça nos pés da cama. Segundo ela, a diferença de altura existente entre a cama para a escrivaninha, e o fato de sua cama estar encostada na parede causa uma sensação de sufocamento, evitada com a troca de posição.

“(…) prefiro dormir com a cabeça nos pés da cama, essa escrivaninha me dá a sensação de sufocamento (...)”

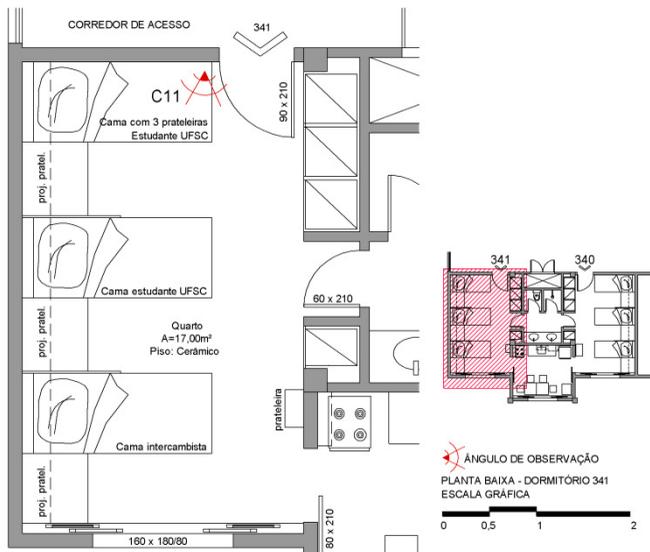


Figura 45: Planta baixa do dormitório 341.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 46: Imagem do dormitório 341.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

A privacidade no uso da internet para conversas com familiares também é prejudicada quando existe mais de um estudante no dormitório, pois é possível escutar o que se está conversando. No dia da visita, uma das meninas utilizava o computador para falar com familiares. Apesar de ela utilizar fones de ouvido, era possível escutar o que estava falando, interferindo em sua privacidade.

Percebeu-se também que as moradoras utilizam o painel como forma de dar identidade ao local, bem como de ter mais privacidade. Todavia, esse painel é empecilho quando utilizado por uma pessoa canhota.

“(…) quando não quero conversar com as meninas, me ‘escondo’ aqui no canto, assim consigo ficar quietinha (…)”

“(…) esse painel me atrapalha quando escrevo. Sou canhota, daí prefiro ficar escrevendo com o caderno no colo e com os pés na cama (…)”

Observa-se, ainda, que quando a moradora da cama central não se encontra (como era o caso), seu espaço é ocupado pelas demais estudantes, a fim de melhorar a organização do dormitório e ter mais espaço disponível para cada uma. É possível perceber, ainda, que quando uma das estudantes sai de férias (cama do meio) poucos são os objetos deixados nas prateleiras. Acredita-se que isso revela a necessidade de mais móveis, e que estes garantam maior privacidade ao usuário, permitindo que ele saia sem ter que levar consigo parte de seus objetos.

“(…) a quantidade de armário aqui é pouca, temos estações bem definidas, e uma porta só é pouco para guardar casacos de inverno e roupas de verão.”

Apartamento 130/131

Esse apartamento está localizado no primeiro andar do bloco de dormitórios, orientado a noroeste. Pelo fato do bloco de dormitórios estar próximo a uma área verde bastante densa, esse apartamento (apesar de sua orientação solar) não recebe insolação diretamente, sendo apenas

iluminado, pois as árvores de grande porte sombreiam todo o primeiro pavimento e o pavimento térreo desse bloco.

O apartamento configurado pelos dormitórios 130 e 131, foi visitado no dia 20.07.11 no período da manhã entre às 10h e 12h. Era ocupado por 2 moradores, sendo que apenas o morador do apartamento 131 encontrava-se no dormitório no horário marcado. É importante salientar que, dentre os apartamentos visitados, esse contava com o menor número de ocupantes por quarto – apenas 1. Esse está associado ao período de realização da visita, pois a seleção para a moradia é realizada semestralmente. O morador que se encontrava no dormitório confirmou que dois dos antigos estudantes-moradores haviam colado grau de saído da moradia há pouco tempo.

Esse apartamento é marcado pela impessoalidade dos dormitórios, sendo percebido como um local de passagem e não de moradia.

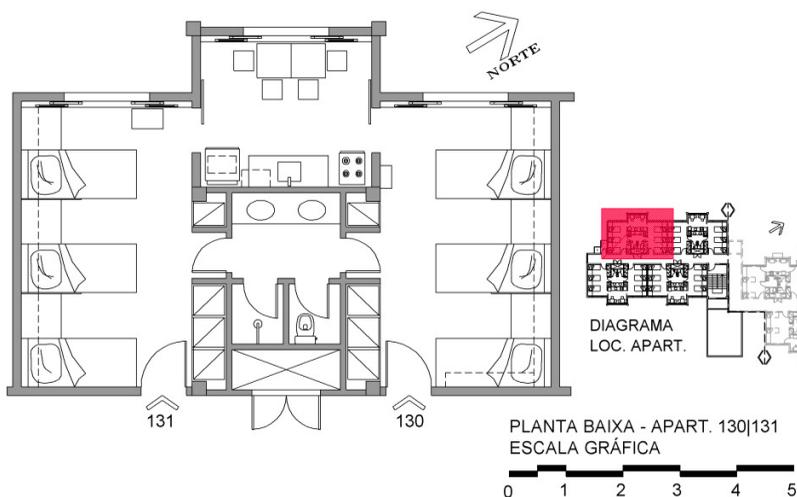


Figura 47: Planta baixa apartamento 130/131.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Cenário 12 – Cozinha: Esse local, além de contar com o mobiliário básico, contava com um micro-ondas (pertencente a um dos moradores) e alguns eletrodomésticos portáteis como panificadora, liquidificador, torradeira e *juicer*.

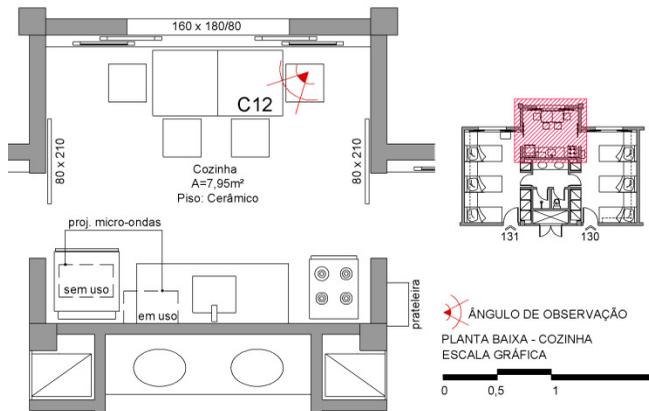


Figura 48: Planta baixa da cozinha.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 49: Imagens da cozinha.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Neste cenário percebe-se que os moradores juntaram as mesas, criando maior espaço de circulação ao redor destas e melhorando a área de apoio de utensílios domésticos. Por ser ocupado apenas por 2 estudantes, nota-se que havia menor número de utensílios sobre geladeira, mas ainda assim, por falta de espaço, muitos equipamentos como torradeiras e micro-ondas foram acomodados sobre outros eletrodomésticos, evidenciando a necessidade de locais adequados para acomodar tais aparelhos.

Diferentemente do apartamento anteriormente exposto, nessa cozinha não são encontradas prateleiras ou ganchos para auxiliar na

acomodação de objetos pequenos como potes e peneiras. Esses objetos ficam sobre a pia, ou guardados no balcão abaixo dela, acomodados nas gavetas ou nas prateleiras.

Percebe-se que estes estudantes-moradores não se apropriam totalmente do espaço, assim não se observa manifestação de identidade no local, permanecendo a aparência institucional e impessoal inicial. Isso talvez ocorra pelo fato dos moradores estarem a pouco tempo no local ou por considerarem o apartamento um local de passagem, no qual não permanecerão por muito tempo.

Quanto ao conforto, percebe-se que é um ambiente pouco iluminado, necessitando de iluminação artificial mesmo em dias ensolarados e em horários de grande luminosidade, a isso pode-se associar sua localização no primeiro pavimento e voltado para a área de mata existente atrás da moradia. Apesar disso, é um local de vista agradável, de pouco ruído e boa ventilação.

Cenário 13 – Banheiro: O espaço destinado ao banheiro, não foi modificado pelos moradores, nem teve acréscimo de objetos. Apenas foram encontrados sobre a pia produtos de higiene pessoal dos moradores.

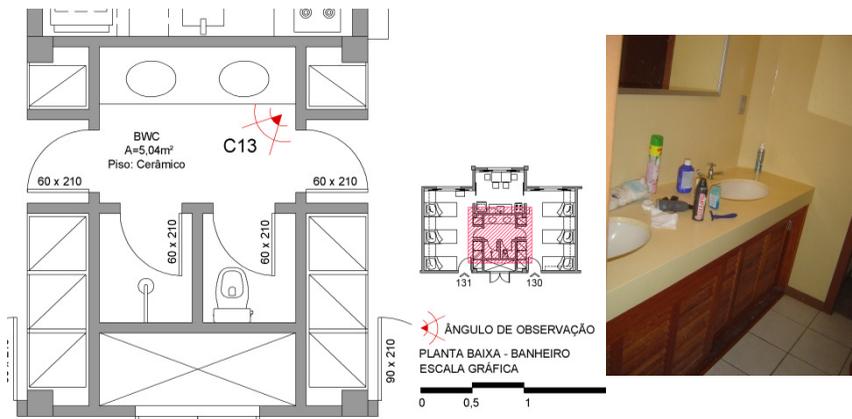


Figura 50: Planta baixa do banheiro | Imagem.

Fonte: DPAE – modificado pela autora | Acervo da autora, 2011

No banheiro deste apartamento percebe-se formas de comportamento relacionadas a privacidade. Essa se manifesta na forma

como os estudantes dispõem seus objetos pessoais na bancada da pia, sem a necessidade de separá-los com caixas organizadoras. A esse fato pode-se associar o número de moradores no apartamento, o que garante maior privacidade aos usuários.

Observam-se também manifestações de territorialidade quando percebe-se que, a fim de definir e limitar o acesso a seus produtos, os estudantes-moradores organizam seus objetos de forma que cada lado da pia ‘pertença’ a um dos moradores. Isso só é possível porque o banheiro é utilizado apenas por dois moradores, diminuindo os conflitos relacionados a esse comportamento.

Cenário 14 – Dormitório 130: Utilizado por apenas um estudante. Possui, além do mobiliário básico fornecido pela universidade, uma prateleira a mais junto à cama que se encontra próximo a porta de entrada. O morador possui um computador/monitor de mesa e um *netbook*.

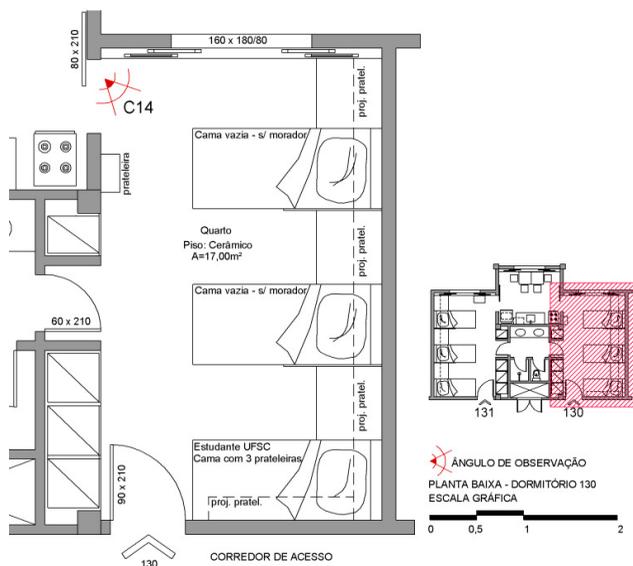


Figura 51: Planta baixa do dormitório 130.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

“(…) hoje não estou dividindo o quarto com ninguém, mas quando tem mais gente, prefiro estudar na cozinha ou na sala de estudos, porque gosto de ler de noite (…)”



Figura 52: Imagem do dormitório 130.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Nesse cômodo, por ser ocupado apenas por um estudante, percebe-se que ele fazia uso de todo o dormitório com seus pertences, ocupando prateleiras, escrivaninhas e camas para apoiar e acomodar livros, caixas, roupas e outros objetos. Aqui se ressaltam questões relacionadas a privacidade, onde o estudante, por encontrar-se sozinho, possui um nível (uma sensação) de privacidade maior e pode deixar a mostra seus objetos, sem a preocupação de limitar/regular o acesso a informações pessoais.

Nota-se que esse morador, apesar de estar a mais de um ano no dormitório não utiliza os painéis e paredes como murais, deixando esses espaços vazios, sem personalizá-los. Porém utiliza de equipamentos eletrônicos e livros para delimitar seu espaço e afirmar seu local, esse fato é percebido, pois, é sobre a cama utilizada por ele que se encontra a maioria de seus pertences e objetos pessoais.

Percebe-se que, mesmo morando sozinho no dormitório, esse estudante escolheu a cama que se encontra junto a parede para utilizar, porque essa possui uma prateleira a mais para acomodar seus objetos, principalmente quando novos moradores chegarem, e por não gostar da cama central. Isso aponta para a necessidade de mais espaço para acomodar tais objetos.

“(…) nessa cama tenho mais espaço para guardar meus livros. Ah! Também não gosto da cama do meio, porque de manhã o pessoal liga a luz do banheiro e vem direto no olho (…)”

Cenário 15 – Dormitório 131: Habitado por apenas um morador, possui: uma televisão 14" que se encontra sobre uma mesa, próximo a janela do dormitório e a porta da cozinha e ganchos presos a porta de entrada do dormitório que possibilitam o estudante pendurar seus objetos. Não foram encontrados eletro-portáteis como notebook, ventilador e aquecedor.

Nesse cômodo, percebe-se espacializações mais contidas que no anterior. Mesmo estando sozinho no dormitório, observa-se que o estudante fazia uso de apenas uma das camas (junto a janela - única que possui o lençol colocado, as demais apresentam apenas o colchão, sem qualquer proteção contra poeira), concentrando seus objetos na prateleira e escrivaninha que estava utilizando. Nesse quarto, percebe-se que a escolha pela cama que está junto a janela pode estar relacionada a quantidade de espaço que pode ser utilizado, já que essa parede poder acomodar mais objetos que as demais, sem atrapalhar a circulação do colega, como é o caso da televisão que o morador possui.

Nota-se, ainda, a utilização da bandeja móvel da escrivaninha para guardar pequenos objetos, como livros e cadernos. Fica nítida a adaptação que esse estudante faz de seu espaço, já que essa bandeja não é mais utilizada para sua função original: apoiar o teclado de um computador de mesa.

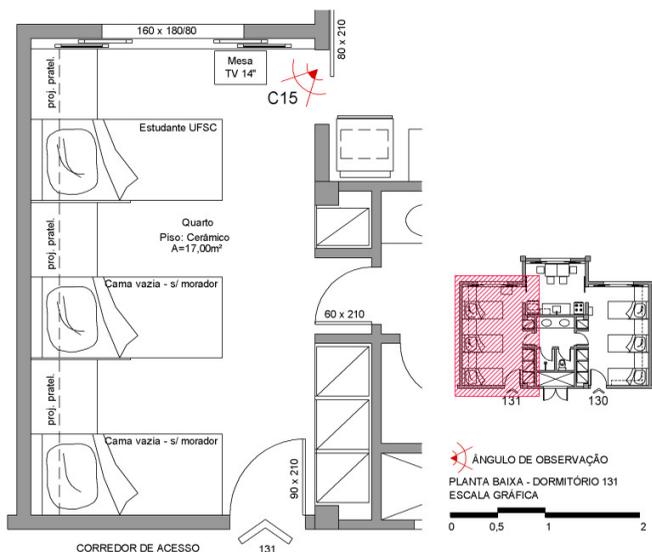


Figura 53: Planta baixa do dormitório 131.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 54: Imagem do dormitório 131.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Apartamento 120/121

Esse apartamento foi visitado no dia 25.08.11 entre as 19h e 30min e às 22h. Localiza-se no primeiro pavimento do bloco de dormitórios, em frente ao apartamento 130/31, possuindo orientação solar sudeste.

No dia da visitação era habitado por 6 moradores, dos quais 3 encontravam-se no local durante o horário da visita. Sendo um morador do dormitório 121 e dois do dormitório 120. A característica marcante desse apartamento é a destinação de duas camas (ambas no dormitório 120) para estudantes de intercâmbio. Contrariamente ao que planejou a PRAE, os estudantes-moradores desse apartamento preferiram que os intercambistas ficassem no mesmo dormitório, evitando-se (pelo menos em um dos quartos) trocas muito seguidas de moradores, o que gera uma necessidade de adaptação menor. Assim, a cada semestre, novos moradores ocupam o espaço do apartamento 120, dividido com um estudante da UFSC.

“(…) a gente preferiu deixar os intercambistas num quarto só. Todo semestre eles se mudam e a gente tem que se adaptar, falar regras, acaba sendo cansativo (…)”

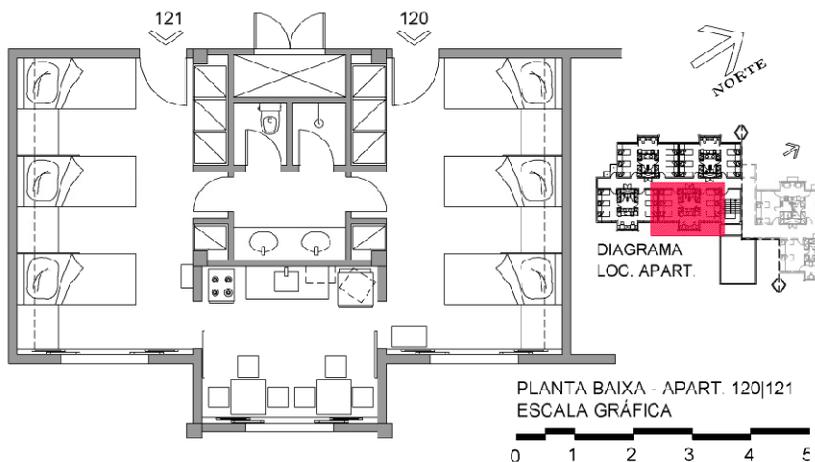


Figura 55: Planta baixa apartamento 120/121.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.

Cenário 16 – Cozinha: A cozinha desse apartamento, além do mobiliário básico, também continha uma televisão. Todos os utensílios domésticos eram guardados no móvel que está sob a pia. As mesas encontravam-se separadas, permitindo a utilização por 6 pessoas ao mesmo tempo.

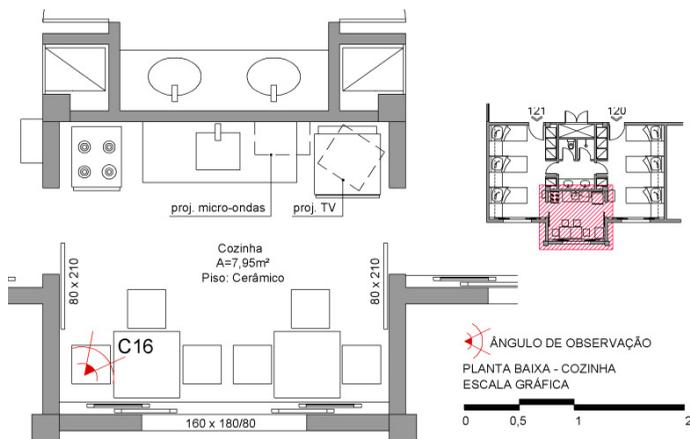


Figura 56: Planta baixa da cozinha.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 57: Imagens da cozinha.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

No dia da realização das observações e leituras espaciais, a disposição das mesas chamou a atenção, pois foram encontradas separadas na cozinha, já que nos demais apartamentos esse mobiliário encontrava-se sempre junto com a finalidade de aumentar a circulação dos moradores no ambiente. Porém, nesse local, essa disposição é justificada pelo fato de ser ocupado por seis estudantes, dessa forma, todos podem utilizar as mesas ao mesmo tempo, apesar do espaço reduzido.

Percebe-se que, apesar de ser o apartamento com maior número de moradores, é o que possui menor quantidade de eletrodomésticos pertencente aos moradores, sendo visível apenas uma televisão, disposta sobre a geladeira. Observa-se também que a forma de apropriação do espaço é contida, sendo marcada principalmente pelo trilho em frente a pia. Nesse ambiente, os moradores não utilizam objetos de decoração para dar identidade ao lugar. Diferentemente do apartamento 340/41 onde as moradoras utilizavam imãs de geladeira para colocar fotos, por exemplo.

Pelo fato de ser habitado por seis pessoas, o grande conflito encontrado relaciona-se ao uso da geladeira, incluindo tanto questões de territorialidade, quantidade de espaço destinado a cada morador; quanto de privacidade, dificuldade em regular o acesso dos demais a seus mantimentos. Faz-se uma ressalva para explicar que é diferente a

utilização desse equipamento por uma família de seis pessoas e por seis pessoas que dividem um local, pois na família tudo é de todos, o que não ocorre quando pessoas dividem um apartamento, assim sendo o espaço para cada morador aumenta.

“(...) a geladeira é muito pequena quanto todo mundo está usando. Fica muito ruim de saber quem pegou o quê, o pessoal acaba abusando (...)”

Percebe-se ainda, que este espaço estava mais organizado que os demais. Acredita-se que isso se deve ao fato do apartamento ser ocupado por seis moradores, assim é necessário mantê-lo organizado a fim de garantir espaço de uso e circulação.

Cenário 17 – Banheiro: O espaço do banheiro não foi modificado pelos moradores. Encontraram-se apenas alguns objetos de higiene pessoal, organizados de maneira que cada um sabe o que lhe pertence.

Percebe-se que nesse ambiente, diferente do encontrado nos outros, os moradores tendem a ‘recolher’ seus produtos para não ocupar tanto espaço no local. Assim, apenas os objetos daquele que está usando o banheiro fica sobre a pia, sendo logo recolhido ao dormitório. Desta maneira, os moradores mantêm o cômodo organizado, deixando a bancada livre para todos e evitam conflitos de territorialidade, onde um poderia utilizar o espaço do outro.



Figura 58: Planta baixa do banheiro | Imagem do banheiro.

Fonte: DPAE – modificado pela autora | Acervo da autora, 2011.

Cenário 18 – Dormitório 120: Esse espaço é ocupado por 3 estudantes, sendo que dois são estudantes de intercâmbio vindos da Argentina. Não existe alteração no mobiliário básico do dormitório (tal como acréscimo de prateleiras), encontrou-se apenas um aparelho de televisão que pertence ao estudante da UFSC. Todos os estudantes possuem *notebook*.

Nesse dormitório, percebe-se que os estudantes de intercâmbio não personalizaram seus espaços, deixando paredes e painéis livres de fotos ou recados, porém o estudante da UFSC personaliza e dá identidade ao local, utilizando o painel para pendurar bonés e a parede como mural para fotos e recados. Percebe-se que os estudantes de intercâmbio têm menos objetos, justamente por habitarem os dormitórios por tempo determinado e curto, assim questões relacionadas à quantidade de espaço não se tornam um problema para esses estudantes.

“(...) gostamos desse apartamento, o espaço para nós é muito bom (...)”

Observa-se também que os estudantes preferem sentar na cama para utilizar a bancada de estudos quando estão com *notebooks*, a isso se pode relacionar o fato da bancada ter sido projetada para a utilização de um computador de mesa; sendo alta, torna-se desconfortável ao uso de um computador portátil.

Nesse dormitório, a cada semestre, novos moradores de intercâmbio ocupam o espaço, requerendo do morador que irá dividir o dormitório bastante flexibilidade e fácil adaptação, já que cada indivíduo tem uma forma de perceber o lugar que está habitando.

“(...) eu gosto de dividir o espaço com o intercambistas, sempre aprendo bastante. Gosto da troca cultural (...)”

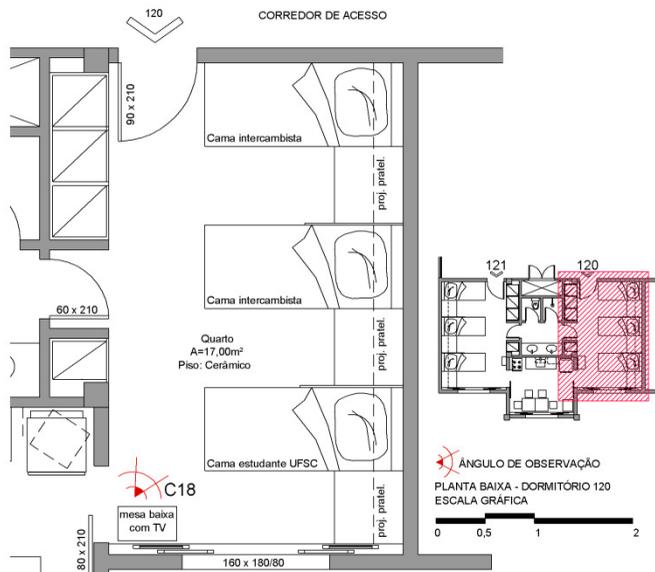


Figura 59: Planta baixa do dormitório 120.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 60: Imagens do dormitório 120.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Cenário 19 – Dormitório 121: O dormitório é utilizado por 3 estudantes da UFSC. Assim como no dormitório 120, não existem acréscimos no mobiliário do dormitório. Apenas foram encontrados

eletro-portáteis, tais como: televisão e aparelho de som. Um dos estudantes possui computador de mesa e os demais têm *notebooks*.

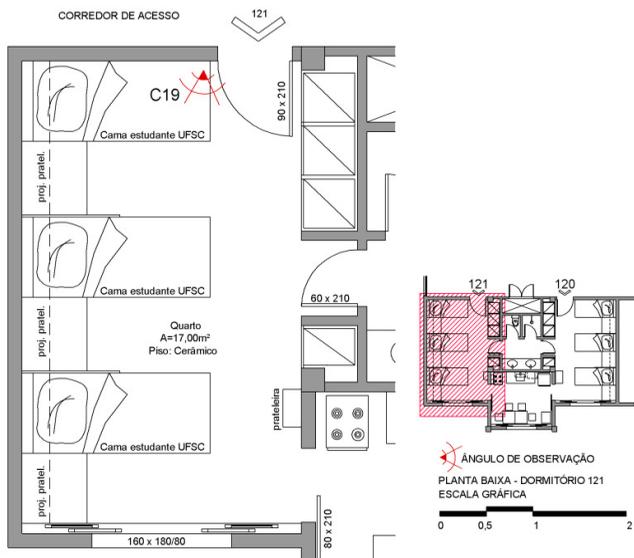


Figura 61: Planta baixa do dormitório 121.

Fonte: DPAE – modificado pela autora.



Figura 62: Imagem do dormitório 121.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Observa-se que nesse dormitório os estudantes-moradores se apropriam do espaço, personalizando e dando identidade a este, para isso, eles utilizam as paredes e painéis como mural para dispor fotos, recados e mapas. Percebe-se que, aqui, esse comportamento está ligado ao fato dos usuários permanecerem por um período maior no dormitório. Eles criam um sentimento de apropriação com o lugar, e acabam por dar a ele maior identidade. Nota-se que a quantidade de material/objetos pessoais em relação ao dormitório anterior aumenta, ocupando todas as prateleiras disponíveis, assim como espaço ‘ociosos’, como é o caso dos objetos junto a parede da janela. Essa área de circulação é ocupada, principalmente, pelo usuário da cama lateral mais próxima, e, por não ser uma circulação ‘comum’, esse morador pode utilizá-la em sua quase totalidade, já que não irá atrapalhar os demais.

Porém, percebe-se que o estudante que ocupa a cama central possui alguns objetos que não puderam ser guardados em armário por falta de espaço, e por isso ele também ocupa a área junto da janela para acomodar tais pertences, contudo esse local atrapalha a circulação do colega que ocupa a cama junto a ela, gerando alguns conflitos relacionados ao comportamento de territorialidade.

“(…) eu sei que ‘tô’ atrapalhando, mas é o único lugar que consegui acomodar isso, não tenho mais espaço (...)”

“(…) não gosto de estar na cama do meio, mas foi a que sobrou, o pessoal já ‘tava’ no quarto quando eu cheguei (...)”

Nota-se que os estudantes improvisaram pequenos varais para secar toalhas de rosto, já que os ganchos existentes na porta do banheiro não são suficientes para acomodar todos os objetos. Ratifica-se, também, a necessidade de privacidade manifestada nas roupas estendidas nesses ganchos e varais, os usuários preferem secar suas roupas íntimas na área do dormitório a deixá-las na área comum da lavanderia.

Nesse dormitório fica nítida a necessidade de maior espaço tanto para os moradores, como para os objetos desses usuários. O dormitório torna-se pequeno quando utilizado plenamente por todos seus usuários.

Durante a observação o morador que se encontrava no dormitório comentou que preferia estudar nos laboratórios ou

bibliotecas da UFSC a estudar no dormitório, pois a concentração de pessoas nesse espaço é bastante grande e desfavorece sua concentração. Além disso, comentou que preferia tais locais à sala de estudos, pois neles tem acesso fácil e direto a materiais de pesquisa, como livros, jornais e revistas.

3.7. CONSIDERAÇÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES

No desenvolver desta pesquisa, que englobou o método de estudo de caso apoiado pelas técnicas de leituras espaciais, observações, diálogos e entrevistas, verificou-se que os problemas encontrados na Moradia Estudantil da UFSC englobam principalmente a escala da unidade habitacional, ou seja, os apartamentos utilizados pelos estudantes. Observou-se que alguns desses problemas envolvem a questão perceptiva do usuário, isto é, a forma com a qual ele percebe e se apropria do espaço, assim como também se encontrou problemas na forma de organização proposta pela Instituição e mantida pelos usuários.

Percebeu-se, nessa edificação, que existe uma necessidade intrínseca dos usuários de demarcar seu ‘território’, de mostrar para o outro qual é seu espaço, assim como de ter controle sobre suas coisas, ou seja, de ter sua privacidade garantida. Observou-se, ainda, que em alguns apartamentos os estudantes buscam ‘decorar’ o local com objetos pessoais a fim de se identificar com o espaço, de criar laços, de se apropriar. Essas necessidades manifestam-se, principalmente, no espaço do apartamento, mas também podem ser percebidas em alguns ambientes comuns da moradia.

Através das observações realizadas percebeu-se que alguns dos elementos componentes da edificação desempenham função diferente daquela para a qual foram projetadas, resultando em conflitos entre como se deveria e como se está utilizando tais elementos.

Um elemento projetado para determinado fim, que não cumpre sua função original prejudica a maneira como o usuário espacializa suas necessidades, interferindo na forma como utiliza e percebe o espaço. Essa interferência altera as expectativas que o morador possui do lugar, que passa a receber adaptações a fim de suprir as necessidades daquele usuário. Percebeu-se, então, que o usuário da moradia estudantil está se adaptando ao ambiente e não o ambiente ao usuário, prejudicando, muitas vezes, seu equilíbrio psicofísico.

Evidencia-se que um edifício deve ser proposto observando-se primeiramente o “para quê?” serve, a fim de melhor atender as necessidades físicas e psicológicas de seus usuários, permitindo aos moradores espacializar suas necessidades, sem que tenham que se adaptar, ou adaptar suas necessidades, ao edifício.

Respondendo-se a pergunta de pesquisa: qual a relação que os estudantes estabelecem com a moradia? Pode-se dizer que existe apropriação do espaço por parte dos moradores, eles espacializam suas necessidades principalmente nos espaços destinados a unidade habitacional (apartamentos), procuram demarcar seu ‘território’ neste ambiente utilizando-se de objetos, bem como, em sua grande maioria, procuram dar identidade ao espaço que lhes pertence, utilizando fotos, recados e outros adornos. Percebeu-se também que, para suprir suas necessidades, muitos dos dormitórios receberam móveis ou objetos extras, tais como sapateiros, ganchos, frigobar e prateleiras. A adição desses objetos nos dormitórios deixa clara a necessidade de mais espaço para os estudantes guardarem seus pertences, evidenciando que a privacidade é um elemento importante quando se divide um local com outras pessoas.

A partir dessas considerações, elaborou-se um quadro onde são elencados os problemas e as potencialidades encontrados na moradia. A seguir, serão propostas modificações projetuais para o edifício estudado, com a finalidade de melhorar a relação que o estudante-morador possui com esta moradia, bem como serão feitas recomendações para futuros projetos de moradias estudantis em contextos semelhantes.

3.7.1. Identificação de problemas e potencialidades

Durante as visitas a Moradia Estudantil, foi possível observar problemas e potencialidades desse espaço. Abaixo, organizaram-se dois quadros no qual se evidenciam os pontos positivos e negativos da moradia. Esses quadros foram estruturados de forma a identificar o problema ou a potencialidade (coluna 1), evidenciar quem percebeu (coluna 2) e através de qual método foi percebido (coluna 3). Após, serão sugeridas modificações que visam propor adequações aos problemas aqui identificados.

Tabela 2: Identificação dos Problemas da ME.

Fonte: Adaptado de BERTOLETTI, 2011.

PROBLEMAS	POR QUEM	MÉTODO
Guarita do vigia – adequação do ângulo de visualização do visitante.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
Via de acesso ao bloco de dormitórios – inclinação inadequada.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos
Mobiliário da área externa – sob árvores com folhagem perenes – desconforto térmico no inverno.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos
Localização da porta de acesso ao hall de entrada – inibe a utilização do hall como área de socialização.	Pesquisadora	Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.
<i>Layout</i> área do hall de entrada – inibe o convívio social.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
Iluminação e ventilação da circulação vertical (conforto).	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos
Sala de estudos – mobiliário não favorece a sensação de territorialidade e privacidade desejada.	Pesquisadora	Referencial teórico. Observação e leituras espaciais.
Quantidade de espaço no dormitório quando habitado por 3 estudantes – pouca sensação de privacidade e territorialidade.	Pesquisadora	Referencial teórico. Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos
Pouca flexibilidade dos mobiliários do dormitório – inibe espacialização e criação de identidade.	Pesquisadora	Referencial teórico. Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.
Quantidade de mobiliário para acomodar pertences – pouco espaço, evidenciando-se a necessidade de privacidade.	Pesquisadora	Referencial teórico. Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.
Altura de alguns equipamentos na cozinha – desconforto em sua utilização.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.

Continuação tabela 2.

PROBLEMAS	POR QUEM	MÉTODO
Localização da bancada da pia – sombreamento dos alimentos na hora do preparo, desconforto visual.	Pesquisadora	Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.
Ventilação do banheiro insuficiente para retirar umidade e odores – necessária a proposição de janelas.	Pesquisadora	Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos

Tabela 3: Identificação das Potencialidades da ME.

Fonte: Adaptado de BERTOLETTI, 2011.

POTENCIALIDADES	POR QUEM	MÉTODO
Localização da Moradia no tecido urbano.	Pesquisadora	Referencial teórico. Observação e leituras espaciais.
Guarita do vigia – proporciona segurança.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos
Mobiliário da área externa – incentivo ao convívio social.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
Hall de entrada – proporcionar o convívio – adequar mobiliário é necessário.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
	Moradores	Diálogos
Localização da lavanderia – adequada insolação para o fim proposto	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
Sala de estudos – local tranquilo para estudos e acessível a todos – adequação do mobiliário é necessária.	Pesquisadora	Observação e leituras espaciais.
Dimensão do banheiro – proposta viabiliza a utilização por mais de um morador.	Pesquisadora	Levantamento dados. Observação e leituras espaciais.

A metodologia utilizada permitiu que a observação sistemática da moradia, evidenciasse seus problemas e potencialidades. Além disso, alguns elementos tiveram sua análise ratificada através de informações obtidas com os diálogos desenvolvidos com os moradores durante as observações e leituras espaciais.

A seguir, serão apontadas algumas sugestões projetuais para cada um dos problemas, e serão justificados os itens definidos como potencialidades, assinalando alterações que podem ajudar a melhorar o espaço.

3.7.1.1. Problemas

As questões identificadas como problemas, têm sua resolução prática dificultada, pois dependem de reformas, e ou reestruturação do projeto. Muitos deles resultam de decisões projetuais tomadas em fase de estudo, e podem ter sido direcionadas por questões políticas, por prazos exíguos no desenvolvimento do projeto ou ainda por motivos de limitação de verbas para a execução da obra.

Serão sugeridas, então, modificações projetuais baseadas nas observações realizadas durante as visitas, bem como na rotina dos moradores. Assim, propõem-se alterações para as seguintes áreas:

Acessos, guarita e áreas de convívio:

Alteração no mobiliário da guarita, com a finalidade de aproximar o vigia da janela de identificação, aumentando seu ângulo de visualização, permitindo que ele identifique os que se aproximam com maior rapidez.

Já a via de acesso aos dormitórios deveria seguir a NBR 9050, que prevê uma inclinação máxima de 8,33% para rampas de acesso de pedestres, permitindo que qualquer pessoa possa utilizar o local. Em conversas informais desenvolvidas com uma ex-moradora cadeirante, ela deixa claro que a inclinação é muito acentuada, e que muitas vezes precisou de ajuda tanto para subir até o bloco quanto para descer até a rua. Essa diretriz deve estar presente durante a concepção do projeto, pois sua adequação a norma pode ser, muitas vezes, inviável.

Com relação às áreas de convívio externo, observou-se a pouca utilização desse espaço por parte dos moradores. Como já mencionado esse fato pode estar associado ao local onde o mobiliário está localizado, embaixo de árvores de folhas perenes, tornando o ambiente frio no inverno (período de observação), ou ainda se relacionar a uma questão cultural, onde não existe o hábito de praticar leituras ao ar livre, ou mesmo sentar-se para contemplação do espaço. Assim, sugere-se que sejam previstas a utilização de árvores nativas com folhas caducas, permitindo que o sol – desejável no inverno – possa estar presente nos locais de estar externos e a criação de espaços atrativos aos moradores, buscando desenvolver o hábito de conviver em áreas públicas.

Hall de acesso:

Já nas áreas internas da edificação, percebeu-se que a utilização do hall como área de socialização fica prejudicada, pois a porta de entrada configura uma área de fluxo de pessoas bastante grande, além do *layout* proposto inicialmente não favorecer o convívio social e a troca cultural entre os moradores (figura 30 página 94). Como proposta para melhorar essa área e convidar os estudantes a utilizar o espaço, sugere-se o deslocamento da porta, conformando, assim, uma área de circulação menor, e possibilitando o rearranjo do mobiliário de forma a permitir o encontro dos estudantes-moradores (figura 63).

Nesse local é desejável que os indivíduos possam encontrar-se para trocar experiências, para conviver, assim sendo, a demarcação de territórios individuais deve ser inibida. Essa inibição deve partir da proposição de um *layout* que prime pela convivência, ou seja, essa organização do mobiliário deve ser tal que permita a interação com aqueles que ali se encontram, e, ao mesmo tempo, garanta a privacidade para que os estudantes possam conversar e se relacionar.

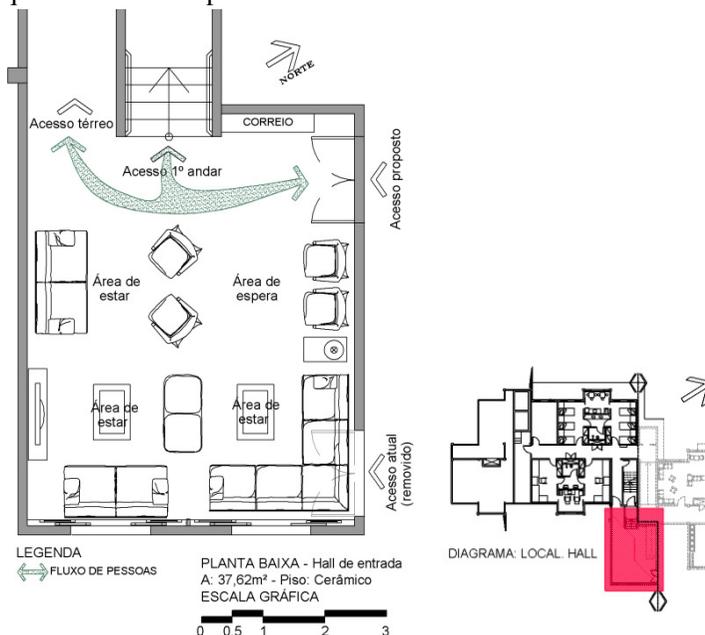


Figura 63: Sugestão de *layout* para o hall de acesso – Reposicionamento porta de entrada.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Circulações:

Observando a circulação vertical, percebeu-se que o local é bastante escuro, produzindo sensação de claustrofobia e de risco no deslocamento. Notou-se também que a ventilação só é efetiva quando as portas de acesso aos andares estão abertas, caso contrário, o efeito chaminé (proposto em projeto) não é efetivo. Com a finalidade de melhorar essa área de passagem, sugere-se que janelas sejam dispostas na parede externa, junto aos patamares da escada. Acredita-se que a iluminação e a ventilação possam ocorrer de forma efetiva, evitando ainda o consumo de energia em horários desnecessários.

Lavanderia:

Com relação a localização da lavanderia, percebeu-se que, apesar de ser bem localizada em função de insolação e ventilação, a proposição desta para ocupar o último pavimento do bloco dos dormitórios impede o acesso de pessoas com alguma deficiência locomotora. A sugestão para que todos tenham acesso ao ambiente é a instalação de um elevador, assim, não só a lavanderia será acessível, como também os demais pavimentos o serão.

Ainda nesse ambiente, observou-se que existem poucos espaços para os estudantes-moradores guardarem os produtos de limpeza a serem utilizados. O mobiliário disponibilizado a eles compõe-se por prateleiras abertas, na qual todos tem acesso a tudo, logo, sugere-se para o local, a disposição de armários fechados com chave, a fim de garantir a privacidade dos moradores.



Figura 64: Prateleiras utilizadas como apoio e para guardar produtos.

Fonte: Acervo da autora, 2011.



Figura 65: Sugestão para armários individuais.

Fonte: www.revistatechne.com.br.

Nesse local, também se observaram manifestações relacionadas a necessidade de demarcar territórios. Quando se avaliou a forma como os estudantes utilizam os varais, percebeu-se que é deixado um espaço entre as roupas de diferentes moradores, evidenciando a necessidade de definir aquilo que é seu daquilo que é de outro (figura 66). Percebeu-se ainda que, devido a falta de lógica na organização dos varais, alguns espaços não são utilizados por transpassarem outros. Sugere-se então que essa área seja organizada com fios paralelos entre si, buscando dividir o local por andares, ou mesmo por apartamentos, demarcando territórios individuais ou de grupos e evitando-se conflitos.



 Espaços entre os pertences de dois moradores.

Figura 66: Definição de territórios.

Fonte: Acervo da autora, 2011.



Figura 67: Sugestão para ordenamento dos varais.

Fonte: www.colheitaespecial.com

Sala de estudos:

Observando a sala de estudos, percebeu-se que a não utilização do local está vinculada a disposição do mobiliário. Mesas únicas são desconfortáveis quando devem ser divididas, trazendo uma sensação de ‘descontrole’ da regulação de acessos. Além disso, as baias destinadas ao estudo individual possuem divisórias altas que provocam uma sensação de confinamento.

Sugere-se que nesse ambiente sejam dispostas mesas de estudo individuais, móveis (permitem a adequação as necessidades dos alunos, seja para estudos em grupo ou individuais) e com luz focal que ajuda a definir o território de cada estudante que ocupa o espaço, assim como permite ter controle da situação. Também é necessário prever espaços para que os alunos deixem seu material de estudo, como móveis com portas e gavetas com chave, assim garante-se a privacidade do estudante-morador e incentiva-se o uso deste espaço.



Figura 68: Mesas com luz focal – áreas de trabalho definidas.

Fonte: HERTZBERGER, 1999.



Figura 69: Sugestão de mobiliário móvel – mesas e cadeiras.

Fonte: mobflex.blogspot.com.br

Apartamentos - dormitórios:

Com a realização das observações nos apartamentos, percebeu-se que os maiores problemas encontram-se relacionados a quantidade de espaço; ao número de usuários do espaço e a quantidade de mobiliário disponível para esses moradores, refletindo em comportamentos relacionados a privacidade e a territorialidade, principalmente.

Através das leituras espaciais e dos diálogos, identificou-se que o dormitório é pequeno quando atende ao número de alunos para o qual foi proposto. Ou seja, quando é habitado por três estudantes, a necessidade de definir os territórios individuais e a falta de privacidade deixam evidente que o espaço está pequeno. Percebeu-se que é difícil para os moradores definir seus territórios individuais, utilizando apenas o espaço ‘destinado’ a ser seu. Logo, eles acabam invadindo o espaço do outro, ou mesmo invadindo áreas consideradas “públicas” como os corredores.

Na comparação entre os dormitórios habitados por três estudantes (figura 70) e outros habitados por um ou dois estudantes (figura 71) percebeu-se que, quanto mais moradores utilizam o mesmo ambiente, maior é a necessidade de aumentar o espaço entre seus objetos. Dessa forma, há uma diminuição do espaço pessoal dos estudantes e, conseqüentemente, um aumento da necessidade de marcar territórios.



Figura 70: Definição de territórios - dormitórios com 3 estudantes.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Nesse dormitório, observou-se a preocupação dos moradores em não ocupar um espaço que não é seu. Boa parte dos pertences dos alunos ocupa apenas a área de cama e escrivaninha, buscando não ‘invadir’ o espaço do colega. Percebeu-se, inclusive, que os estudantes preferem secar as toalhas no ‘seu espaço’ ratificando a necessidade de marcar seu lugar.

Já nos dormitórios habitados por dois estudantes-moradores, observou-se que eles dividem o espaço excedente, tentando se apropriar de algo que, *a priori*, não é seu. Nesses dormitórios, normalmente, a cama excedente é a que se encontra na área central, sendo este o espaço a ser dividido entre os estudantes. Percebeu-se que a ocupação das camas laterais evidencia a necessidade de aumentar o espaço pessoal dos usuários, aumentando, conseqüentemente seu sentimento de apropriação e a necessidade de defender seu espaço.



Figura 71: Definição de territórios - dormitórios com 2 estudantes.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Nos dormitórios ocupados por dois moradores, observou-se ainda que a divisão do espaço normalmente leva em consideração a área da cama e sua circulação. Assim, o morador que está na cama próxima a parede utiliza-se do espaço da cama, enquanto que aquele que ocupa a cama próxima a janela, utiliza o espaço de circulação.

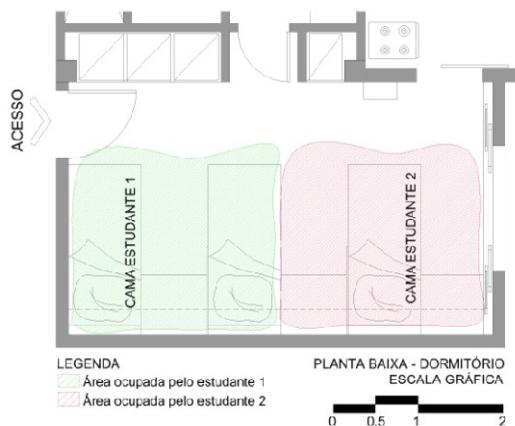


Figura 72: Definição de territórios – ocupação do espaço.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

A esse respeito da necessidade de espaço necessária nos dormitórios sugere-se a definição de uma área mínima maior quando da proposição do projeto, visto que $5,6\text{m}^2$ por pessoa não são suficientes. Ou ainda, a diminuição do número de moradores por dormitório para dois.

Ainda relacionado ao dormitório, percebeu-se que a quantidade de mobiliário é insuficiente para acomodar roupas, materiais de estudo e objetos pessoais, bem como a inflexibilidade desse mobiliário impede seu rearranjo, inibindo espacialização e diminuindo o sentimento de apropriação e identidade com o lugar. Nesse sentido, aponta-se para a decisão projetual de adquirir, pelo menos, camas, criados-mudos e mesas de estudo prontas, a fim de permitir que os estudantes modifiquem o *layout* do dormitório conforme suas necessidades e desejos, imprimindo ao local maior identidade e criando o sentimento de apropriação.

Apartamentos – cozinha:

No ambiente da cozinha percebeu-se que a altura de alguns equipamentos é desconfortável e oferece risco de uso. Como exemplo, cita-se o micro-ondas, que está localizado sobre a geladeira. Essa posição dificulta a retirada de pratos quentes, e pode, inclusive, provocar acidentes com o derramamento de alimentos. Sugere-se que esse tipo de equipamento seja instalado a meia altura possibilitando o fácil acesso, assim como a possibilidade de troca da posição quando os moradores desejarem, propiciando a adequação do local às necessidades de espacialização dos moradores.

Observou-se ainda que a bancada da pia encontra-se em posição contrária a janela, fazendo com que seja projetada sombra sobre os alimentos que estão sendo limpos e preparados. Percebeu-se que esse *layout* foi assumido a fim de manter uma parede hidráulica única (junto com as pias do banheiro). Porém, acredita-se que para garantir o conforto e maior acuidade visual na hora do preparo dos alimentos esse mobiliário deveria encontrar-se junto à janela, proporcionando, inclusive, economia de energia, já que não seria necessário o acendimento de luz durante o dia.

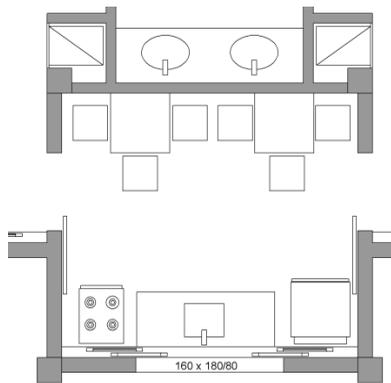


Figura 73: Proposta de *layout* para a cozinha.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Apartamentos – banheiro:

Por fim, percebe-se que, apesar de existir um sistema de ventilação forçada nos banheiros, ele não é efetivo para retirar a umidade e os odores desse local. Quando do levantamento de dados, observa-se que existe, junto ao espaço do box do chuveiro e da bacia sanitária, um poço de ventilação que proporcionaria maior circulação de ar se ali fossem instaladas janelas. Essa sugestão foi ratificada quando se visitou o local e ouviu-se o barulho do vento passando pelo poço que tem portas para o corredor dos dormitórios.

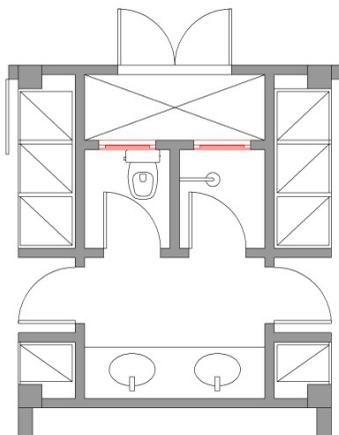


Figura 74: Proposta de ventilação para o banheiro.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

3.7.1.2. Potencialidades

Inserção urbana e segurança:

Observou-se que a Moradia Estudantil da UFSC está bem localizada no tecido urbano. Está junto ao campus universitário da Trindade, próxima a mercados, pontos de ônibus, farmácias e praças. Possui bastante conexão com o restante da cidade, pois o local é bem atendido pelo transporte público.

Além disso, observou-se que o terreno, apesar de sua declividade, é grande e tem potencial para abrigar mais estudantes. Porém é necessário que se realizem estudos de impacto ambiental antes do desenvolvimento de novos projetos para a área, evitando futuros problemas de deslizamentos de terra.

Percebeu-se que a presença dos vigias nos três turnos (manhã, tarde e noite) é essencial para a segurança dos estudantes-moradores. Segundo relatos dos usuários, quando a vigilância não era 24h existiam muitos problemas relativos a furtos e assaltos, o que foi minimizado (quase extinto) com a presença dos vigias durante todo o período. Nesse sentido os vigias cumprem um papel essencial, controlando o acesso dos moradores e dos visitantes. Dessa forma, pode-se relacionar a

necessidade de controle com a necessidade de marcação de território, evitando-se, assim, que pessoas estranhas tenham acesso a área da moradia.

Áreas de convívio:

Notou-se que existiu, na proposição do projeto, uma preocupação em configurar áreas de estar e socialização ao ar livre. Essas áreas, como já exposto, são compostas por mesas e bancos e encontram-se espalhadas na área de jardim da moradia. São desejadas, quando da proposição de projetos dessa natureza, pois auxiliam o convívio entre os estudantes e permitem a troca de experiências, desenvolvendo um sentimento de apropriação do lugar, e proporcionando maior identificação com este. Propôs-se, então, que essas áreas sejam planejadas a fim de configurar áreas de estar que possam ser utilizadas durante todo o ano.

Ainda com relação ao incentivo do convívio social, percebeu-se que o hall poderia ser uma área de socialização se tivesse seu mobiliário reorganizado. Nesse local, é possível a conformação de um *layout* que favoreça a interação entre os alunos e que não atrapalhe a circulação de pessoas. Pode-se propor aqui a utilização de sofás menores e mais aconchegantes, formando áreas de estar distintas, bem como a relocação de equipamentos como a televisão, como mostra a figura 75.

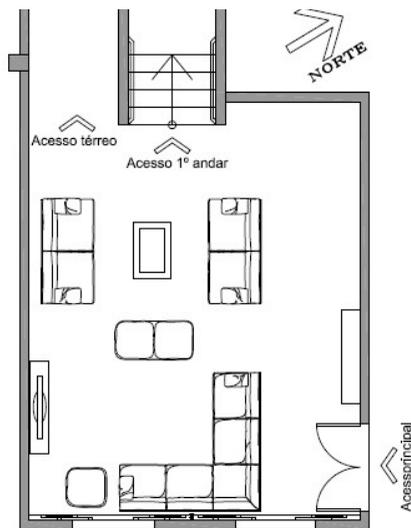


Figura 75: Sugestão de *layout* para o hall de acesso.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Sala de estudos:

Já a sala de estudos poderia ser organizada com mesas individuais, possibilitando a demarcação de um território por parte dos estudantes e garantindo a privacidade necessária à concentração. Nesse espaço, não é imperativo o atendimento dos 93 moradores do bloco, já que é improvável a utilização deste por todos os moradores ao mesmo tempo, deste modo, apenas algumas mesas seriam suficientes para atender aos estudantes-moradores.

A utilização de mesas individuais permite aos estudantes-moradores várias formas de organização do espaço. Essa proposição garante a eles:

- *Privacidade*: quando querem estudar só podem ocupar apenas uma mesa e ter controle daquele espaço, evitando que outros estudantes se aproximem. Ou mesmo quando estão em grupos, podem ocupar as mesas necessárias, evitando que outros se aproximem e garantindo a sensação de controle na área de estudos e da situação;
- *Territorialidade*: À medida que possuem controle do espaço, também garantem que outros estudantes não o ‘invadam’, demarcando aquilo que está em uso, inibindo possíveis invasões ou violações do espaço ocupado.

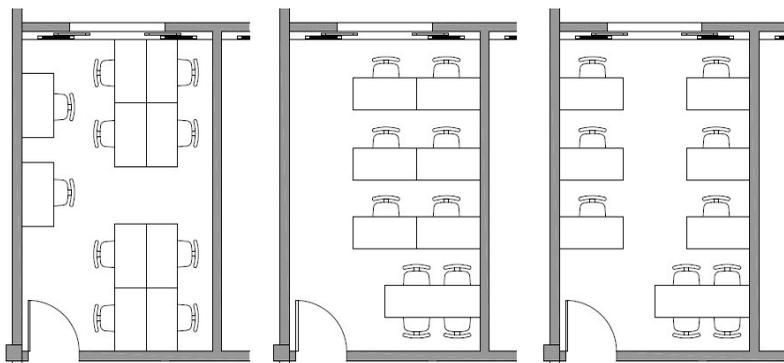


Figura 76: Propostas de *layout* para a sala de estudos.

Fonte: Acervo da autora, 2011.

Lavanderia:

No tangente a localização da lavanderia (5º pavimento), observou-se potencialidades relativas a questão de insolação, já que é desejável que a área externa possua boa insolação para atingir o objetivo de secar as roupas. O local é considerado apropriado, pois a área externa de pátios torna-se muito sombreada devido à proximidade de vegetação densa no entorno da edificação. Contudo, como exposto anteriormente, existe o problema do deslocamento até o pavimento onde este ambiente se encontra.

Apartamentos – banheiro:

Por fim, observou-se que o arquiteto projetista preocupou-se em permitir a utilização do banheiro por mais de um morador, tentando evitar possíveis conflitos de uso. A divisão desse ambiente em três áreas – bacia, chuveiro e pias – permite que 4 estudantes utilizem esse espaço. Porém, a necessidade de privacidade nesse cômodo faz com que os estudantes utilizem o ambiente individualmente, na grande maioria das vezes. Percebeu-se, assim, comportamentos relacionados à necessidade de privacidade, não proporcionadas pelos elementos arquitetônicos providos.

Destaca-se ainda, que as sugestões apontadas aqui não devem ser tomadas como única solução possível para a melhoria da edificação estudada. Pois, deve-se levar em consideração que, em um projeto arquitetônico, muitas são as variáveis envolvidas, e as decisões tomadas com base em diretrizes norteadoras tendem a ser legítimas quando de sua proposição. Assim sendo, no item seguinte, procurou-se fazer recomendações gerais para futuros projetos de moradias estudantis.

3.7.2. Recomendações para futuros projetos

Para traçar recomendações gerais para projetos de moradias estudantis precisa-se, primeiramente, entender que as necessidades e a forma como a edificação é percebida pelos seus usuários modifica-se com o passar dos anos e com a mudança de moradores, principalmente, por este ser um local de moradia transitória e a temporalidade ser um forte condicionante nesse tipo de projeto. Nesse sentido, deve-se primar pela **flexibilidade** dos ambientes, permitindo que cada usuário

modifique o espaço a fim de adequá-lo as suas necessidades e percepções.

A flexibilidade pode estar presente na utilização de sistemas de vedação que possam ser reposicionados ou retirados; permitindo, inclusive, aumentar ou diminuir o espaço dos apartamentos conforme a quantidade de indivíduos que nele irão habitar, possibilitando a criação de diferentes ambientes, diminuindo apartamentos onde habita apenas um estudante e aumentando aqueles onde habitam mais de dois moradores. Logicamente, essa reorganização dos espaços deve ser prevista na fase projetual, pois, é nesse período que são definidas as estruturas a serem utilizadas. Para os sistemas de vedação leve, não portantes, é recomendado prever o uso de estruturas do tipo laje nervurada, que distribui as cargas ao longo do sistema e permite variações de *layout* nos pavimentos, tornando desnecessária a proposição de plantas de pavimentos ‘tipo’. Todavia, esse sistema estrutural necessita de mão de obra especializada para sua instalação, o que não ocorre com o tradicional sistema pilar - viga.



Figura 77: Sistemas de vedação DRYWALL.

Fonte: <http://imoveis.culturamix.com/dicas/sistema-drywall> (imagem esquerda)

Fonte 2: <http://www.isar.com.br/index.php?servicos/drywall>

A flexibilidade também é conseguida através da mobilidade e variedade dos móveis, permitindo rearranjos que garantam aos moradores definir seus territórios individuais, assim como permitindo a multifuncionalidade do espaço. Essa flexibilidade pode ser conseguida com mobiliário não fixo, como camas e criados-mudos que podem ser rearranjados, ou ainda, utilizando-se dos chamados ‘móveis inteligentes’, que permitem utilizar o mesmo espaço para a realização de

diferentes atividades, como mostram as imagens abaixo, onde o móvel pode ser bancada de estudo ou cama.



Figura 78: Utilização de mobiliário inteligente – flexibilidade e funcionalidade.

Fonte: <http://carolmendoncadesign.blogspot.com.br>

Também é possível adotar uma proposta projetual que prime por tipologias diferentes, prevendo diversas situações. Como ocorre em outros países, as moradias estudantis são compostas por edificações com apartamentos que variam conforme a quantidade e o público que irão atender. Nesse sentido, existem edifícios com dormitórios que serão divididos entre colegas; edificações com apartamentos para estudantes de pós-graduação que já possuem família; prédios com apartamentos para aqueles que preferem morar sozinhos, dentro tantas outras configurações que atendem a diversidade da população acadêmica. A flexibilidade das edificações encontra-se na disponibilidade de diferentes tipos de apartamentos, e garante o direito de escolha daquele que irá usufruir de uma moradia estudantil.

Como exemplo, pode-se observar o projeto do escritório francês Olgga, de 2010, que utiliza contêineres com diferentes mobiliários para atender tanto alunos com algum tipo de deficiência quanto aqueles que não possuem nenhuma deficiência.

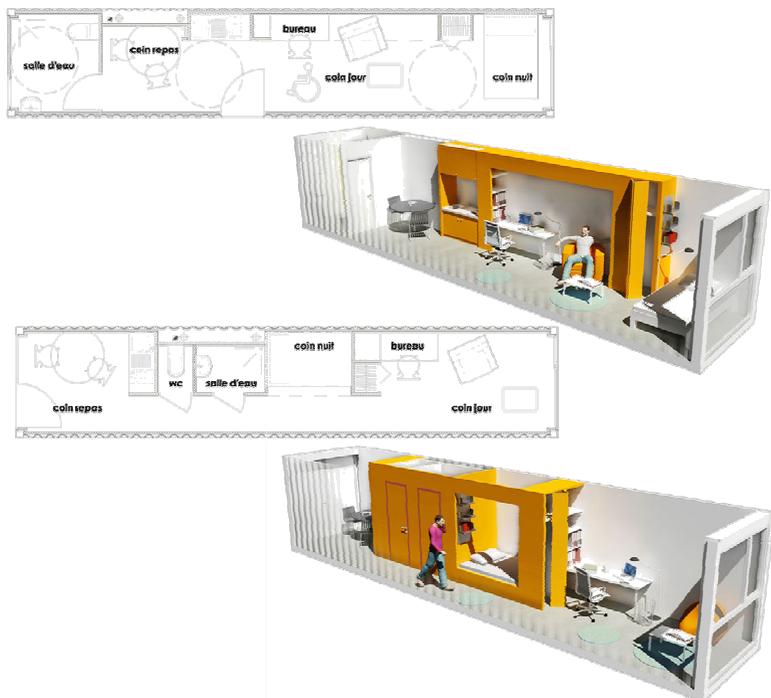


Figura 79: Projeto para moradia estudantil em contêineres.

Fonte: Banco de dados Escritório Olga, 2012.

Ou ainda, o projeto do escritório Cattani Architects, também desenvolvido com contêineres e que permitem diferentes arranjos de mobiliários, deixando os usuários livres para espacializar suas necessidades.

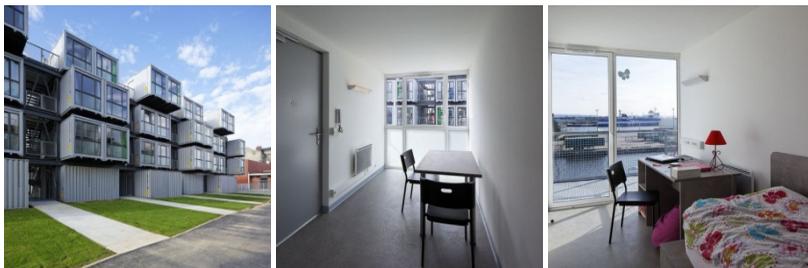


Figura 80: Projeto para moradia estudantil em contêineres.

Fonte: Banco de dados Cattani Architects, 2012.

Além de garantir aos ambientes flexibilidade ou diferentes tipologias, deve-se pensar em **quantidade de espaço**. Em edificações destinadas ao uso de moradia estudantil, percebe-se que se faz necessário aumentar o espaço previsto por aluno-morador, garantindo-se a qualidade dos ambientes, assim como as relações proveitosas e sadias entre os estudantes, evitando-se conflitos por espaço, proporcionando real apropriação dos moradores, mesmo que transitoriamente, bem como um período de formação universitária em que eles usufruam de condições propícias ao aprendizado tanto profissional quanto como cidadãos.

A quantidade de espaço por morador deve ser tal, a fim de permitir que os estudantes acomodem seus pertences sem se apropriar de espaços que, *a priori*, não são seus. Neste sentido, percebe-se que a demarcação de territórios pode melhorar o convívio social na medida em que cada estudante toma consciência de seu espaço e do espaço do outro. Essa demarcação pode ocorrer tanto com mobiliário quanto com objetos pessoais que identifiquem que aquele espaço ‘pertence’ a alguém. Na imagem a seguir, observa-se a demarcação de territórios através de diferentes objetos, e pinturas nas paredes, além de dar identidade ao lugar, proporcionando maior apropriação do espaço. Mesmo nas áreas comuns, esta demarcação deve existir, pois ajuda a definir os usos e, conseqüentemente, melhorar o convívio com os demais moradores.



Figura 81: Demarcação de territórios e apropriação do espaço.

Fonte: babies.constancezahn.com, 2012.

Proporcionar aos estudantes-moradores a possibilidade de demarcar seus espaços ajuda a manutenção da boa convivência em dormitórios divididos com diferentes pessoas. Evitam-se, assim, conflitos por espaços, bem como permite que o usuário se aproprie e dê

identidade ao local, buscando um sentimento de lar, de acolhimento e proporcionando real apropriação do espaço.

As áreas comuns, ou **áreas de convívio social**, são outra recomendação para futuros projetos de habitações estudantis. Além de essas áreas serem importante meio de troca entre os estudantes, elas devem ser o local no qual os usuários receberão visitas de amigos e parentes. Essas áreas permitem que os estudantes interajam entre si, que aumentem seu campo de conhecimento através de informações que os demais moradores compartilham. São espaços que garantem a troca de experiências, bem como desenvolvem e estimulam a cooperação, o intelecto, o sentido de segurança e criam inspirações. Sendo bem propostas, ajudam na formação não só acadêmica como social do morador, formando pessoas para conviver em sociedade.

Essas áreas devem estar presentes tanto na edificação quanto na unidade habitacional. Na edificação são espaços de estar, salas de jogos, áreas de interação com os demais moradores, podem ser configuradas até mesmo em zonas de serviços, como cafés ou espaços multimídia. Devem ser tanto internas quanto externas ao edifício, proporcionando sua ocupação durante todo o ano. Como já mencionado, esses espaço estimulam a troca entre os moradores, permitem conviver com diferentes culturas e valores e estimulam o sentimento de comunidade.

No espaço da unidade habitacional devem ser configuradas áreas que integrem os ambientes de estar e cozinha. Culturalmente essa integração é desejada, pois são nesses espaços que os indivíduos desenvolvem conversas, interagem com colegas, amigos e parentes. Por meio dessa interação, o indivíduo sente-se livre para expressar suas necessidades, para dividir suas alegrias ou decepções.

Pensando no convívio em sociedade/comunidade, deve-se propor que as moradias estudantis localizem-se em áreas **próximas ao campus universitário**, e que estejam **inseridas** no tecido urbano – como ocorre na ME da UFSC. Essas edificações devem estar próximas ao campus para facilitar o acesso dos estudantes-moradores ao local, evitando-se grandes deslocamentos e priorizando, inclusive, deslocamentos que possam ser realizados à pé ou em bicicleta. Também devem estar inseridas no tecido urbano da cidade a fim de garantir acesso a todas as localidades, evitando-se o isolamento em relação a urbe e a sociedade. Assim sendo, os usuários dessas edificações podem ter acesso facilitado a parques, praças, *shoppings centers*, mercados,

hospitais, farmácias, lojas, e toda a infinidade de serviços oferecidos nas cidades.

Com relação às **áreas de espaços específicos**, deve-se prever que todas as atividades relativas ao habitar possam ser desenvolvidas em uma moradia estudantil, sejam elas dormir, estudar, lavar e secar roupas e cozinhar. Dessa maneira, uma edificação destinada ao uso de moradia estudantil deve ser proposta de forma a garantir que esses espaços possam ser utilizados de forma plena por seus usuários, garantindo o acesso de todos em qualquer espaço da moradia. Para que isso ocorra, deve-se prever, em fase de projeto, acessibilidade aos moradores, seja ela através de acessos facilitados, com a utilização de rampas ou com entradas em nível. É possível também lançar mão de sistemas como elevadores, porém, deve-se considerar sua manutenção e futuros gastos.

Além de garantir o acesso, deve-se prever que em espaços de uso comum, seja mantida a privacidade dos estudantes-moradores, permitindo que eles possam escolher aquilo que os demais terão acesso, ou seja, que cada usuário possa controlar e regular o acesso a seus pertences. Deste modo, por exemplo, a previsão de armários que possam ser fechados ou chaveados, em locais como lavanderias e cozinhas comuns garante o controle e possibilitam a sensação de privacidade.

No desenvolver da pesquisa, vislumbrou-se que as sugestões traçadas aqui deveriam atender as necessidades atuais dos moradores, bem como suas necessidades futuras. Assim, deveriam ser flexíveis, de forma que a edificação pudesse se adaptar aos seus moradores que se constituem em uma população não fixa.

A mobilidade desses estudantes se deve ao fato deles permanecerem na moradia apenas no período da graduação, gerando um ciclo que pode variar de um a cinco anos, dependendo do semestre que o estudante encontrava-se quando se mudou para a edificação. Percebe-se, portanto, que, a cada novo ciclo, novas necessidades aparecerão, assim sendo, a edificação deverá permitir que os estudantes-moradores modifiquem os espaços a fim de adaptá-los as suas necessidades e expectativas.

Ressalta que, além das diretrizes apontadas neste trabalho, devem ser consideradas questões relativas à estrutura físico-construtivas da edificação, tais como: tratamento acústico, térmico, acabamentos e estrutura, que não foram abordados nesta pesquisa.

4. CONCLUSÃO

Neste capítulo, serão apresentadas conclusões relativas ao trabalho de pesquisa. Inicialmente serão apresentadas conclusões referentes ao atendimento dos objetivos. Posteriormente, será realizada uma avaliação da metodologia adotada, verificando sua pertinência ao estudo. Logo após, serão apresentadas as dificuldades encontradas no desenvolver da pesquisa e por fim, serão feitas recomendações para trabalhos futuros.

4.1. ATENDIMENTO DOS OBJETIVOS

Para que os objetivos desse trabalho fossem alcançados, adotaram-se métodos que possibilitaram seu desenvolvimento. Com uma abordagem teórico-empírica, efetuou-se uma revisão de literatura, que possibilitou, além do entendimento do tema, a escolha do método a ser utilizado. Também se desenvolveu o estudo de caso, que se mostrou fundamental para a compreensão das necessidades dos usuários.

Para que essas propostas pudessem ser traçadas, foi necessário o entendimento do contexto no qual a moradia estudantil se encontrava, bem como foi necessário entender as formas de relacionamento do indivíduo com a edificação. Nesse sentido, a abordagem da história da Universidade, conjuntamente com a história da moradia e dos estudantes, deu suporte a esse entendimento (capítulo 3).

Já o entendimento da relação homem x ambiente se deu através das leituras de Rapoport, Gifford, Hall, Malard e Elali, principalmente. A partir dessas leituras, foi possível compreender qual deveria ser o foco das observações. Com base nelas, conseguiu-se compreender a relação que o indivíduo tem com sua moradia, e como esta pode interferir positiva ou negativamente no sentimento de apropriação que o indivíduo cria com o espaço.

A compreensão dos estudos de comportamento ambiental foi de fundamental importância para a escolha do método de abordagem desta pesquisa. Através dela, foi possível elencar as técnicas que ajudariam nas observações da moradia.

Respaldados pelo aporte teórico, o estudo de caso desenvolveu-se no sentido de nos aproximar dos usuários-moradores a fim de compreender suas necessidades e desejos. Assim, foi possível sugerir melhorias nos espaços da edificação, deixando-os mais adequados aos desejos e necessidades dos estudantes que ali moram.

Observou-se, porém, que as sugestões aqui definidas não são a única solução para essa residência. Elas são proposições de melhora da edificação para os usuários envolvidos nessa pesquisa e para o período temporal observado. Como previamente mencionado, deve-se primar pela flexibilidade desses ambientes, já que as necessidades dos estudantes mudam ciclicamente. Esse ciclo está relacionado ao tempo de permanências dos estudantes na moradia, assim como se relaciona com o tempo que esses estudantes levam para terminar seu curso superior.

Percebe-se que, apesar de serem encontrados alguns problemas na edificação de estudo, ela cumpre seu papel primeiro de garantir abrigo aos estudantes até a conclusão de seu curso superior.

4.2. AVALIAÇÃO DAS TÉCNICAS ADOTADAS

As técnicas utilizadas para dar suporte no estudo de campo permitiram a avaliação do edifício, bem como orientaram as observações das interações humanas em um ambiente de residência estudantil. Através delas, foi possível: avaliar o local, tendo como foco as espacializações dos estudantes em fase de graduação; bem como perceber que essa relação “usuário x ambiente” evidencia-se na forma como os moradores espacializam suas necessidades, deixando a mostra os ajustes e desajustes da edificação.

O levantamento de dados foi de fundamental importância, pois auxiliou na compreensão da história na Universidade, e conseqüentemente, a história da Moradia, com seus diversos projetos não implantados. Por meio dessa técnica, também foi possível levantar algumas das principais necessidades dos estudantes que moram na edificação. Foi possível, ainda, identificar documentos legais que regulamentam a necessidade de implantação de moradias estudantis por parte das Universidades Federais.

Já as leituras espaciais e as técnicas de observação foram importantes à medida que ajudaram a identificar elementos da edificação que não estavam cumprindo seu papel inicial, e assim, auxiliaram na compreensão de fenômenos comportamentais relacionados a territorialidade, privacidade e identidade. Essas técnicas necessitaram do entendimento do referencial teórico, principalmente quando da identificação dos fenômenos comportamentais citados.

Por fim, os diálogos desenvolvidos com os estudantes durante as visitas exploratórias, foram fonte de informação que auxiliaram na compreensão da história de vida de alguns moradores, bem como ajudaram a identificar as necessidades, expectativas e percepção desses indivíduos em relação a sua habitação e em relação a sua visão de mundo. Já as entrevistas (estruturadas e não estruturadas) realizadas com os responsáveis pela Moradia Estudantil e pelo Serviço de Social ajudaram a compreender a visão institucional, a medida que foi exposto a pesquisadora as várias formas de atendimento desses alunos.

A esquematização dos problemas e potencialidades em tabelas onde se evidenciou o método utilizado e quem percebeu, ajudou a compreender as necessidades dos moradores, assim como melhorou a organização de ideias e possibilitou a sugestão de melhorias para o local.

Pode-se concluir, então, que as técnicas utilizadas para dar suporte ao estudo de caso, cumpriram seu papel à medida que dirigiram o olhar da pesquisadora à identificação daquilo que pode ser melhorado na edificação estudada.

4.3. DIFICULDADES ENCONTRADAS NA REALIZAÇÃO DO ESTUDO

Durante o processo de pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas, principalmente no tangente a identificação de material teórico que abordasse o tema Moradia Estudantil. Muito foi encontrado sobre avaliação pós-ocupação de moradias, mas quase todo o referencial considerava apenas aspectos físicos das edificações, deixando de lado os aspectos humanos e a relação pessoa x ambiente. Assim, foi necessário buscar referências em literaturas que abordassem o tema do ponto de vista humano e adaptá-lo as questões de pesquisa.

Outra dificuldade diz respeito aos primeiros contatos com os estudantes-moradores. Para ter acesso a moradia e, principalmente, aos dormitórios foi necessário marcar algumas reuniões com estudantes que fizessem parte da diretoria³ da casa, para explicar a proposta de trabalho. Após essas conversas informais, aguardou-se o tempo necessário para que esses estudantes marcassem uma assembleia para que o projeto fosse explicado aos demais moradores. A demora entre o último contato e a primeira participação na assembleia atrasou o cronograma de atividades previsto, mas não foi prejudicial ao desenvolvimento do trabalho.

Destaca-se também que, o ideal, seria realizar as observações e as leituras espaciais em todos os turnos, a fim de compreender todas as atividades realizadas nos apartamentos. Todavia, como os estudantes ficam fora das unidades em um ou dois turnos do dia, optou-se por realizar as visitas nos horários que grande parte dos moradores estivesse

3 A diretoria da moradia estudantil é composta por estudantes-moradores eleitos pelos moradores para representá-los junto a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). São através desses representantes que os problemas e as sugestões de melhorias são encaminhados às Pró-Reitorias.

nos apartamentos, ou seja, no período compreendido entre 18h e 22h. Todavia, esse horário foi flexibilizado conforme a disponibilidade dos estudantes, sendo realizadas visitas inclusive no período matutino. Assim, foi possível observar as interações dos usuários com o meio, sendo possível perceber pontos positivos e pontos negativos em cada ambiente.

Cabe ressaltar, ainda, que percebeu-se certa insegurança por parte dos estudantes em receber a pesquisadora nos seus apartamentos, principalmente porque no período em que as visitas foram realizadas eles reivindicavam melhorias para a moradia, e talvez associaram a presença da pesquisadora como uma forma observação de suas atividades por parte da Reitoria.

4.4. RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Como forma de dar continuidade a esse trabalho, sugere-se a aplicação da metodologia em outros ambientes onde a atividade humana esteja presente, tais como residências uni ou multifamiliares, locais de trabalho, de lazer, ou mesmo em ambientes aberto, como praças e parques.

Também é possível o desenvolvimento de estudos comparativos em outras moradias estudantis, que tenham vínculo institucional para identificar problemas e potencialidades e comparar com aqueles identificados nesse trabalho a fim de gerar diretrizes gerais para projetos de moradias estudantis.

Sugere-se, ainda que outros estudos sejam realizados em moradias vinculadas às Instituições Federais, com a finalidade de comparar hábitos culturais e comportamentais e identificar se as necessidades dos moradores repetem-se no território nacional ou se são localizadas.

Seria interessante, também, observar moradias que atendam um número maior de estudantes, como as localizadas nos campi da USP e da UFSM, para avaliar as condições de habitabilidade em grandes edificações, abordando principalmente as formas comportamentais relacionadas a privacidade e a territorialidade.

4.5. DISSEMINAÇÃO DOS RESULTADOS

Como forma de divulgar os resultados obtidos nessa pesquisa, procurar-se-á participar de eventos, nacionais e internacionais, que tenham foco na relação usuário x ambiente. Neste sentido, serão elaborados artigos que evidenciem esta relação e que mostrem como as atividades nas moradias estudantis podem ser viabilizadas através da arquitetura, bem como é importante conhecer as necessidades e expectativas do usuário para elaborar bons projetos.

Além da participação em eventos, procurar-se-á divulgar o trabalho no meio acadêmico – em suas diversas instâncias -, para que este possa ser fonte para novas pesquisas, bem como para que seja levado em consideração quando da proposição de novos espaços para a Moradia Estudantil da UFSC e de outras Instituições, em contextos similares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maristela Moraes de. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Centro Tecnológico. **Da experiência ambiental ao projeto arquitetônico: um estudo sobre o caminho do conhecimento da arquitetura.** Florianópolis: UFSC. Tese (Doutorado). Centro Tecnológico, 2001.

ALMEIDA, Maristela Moraes de. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Centro Tecnológico. **Análise das interações entre o homem e o ambiente: estudo de caso em agência bancária.** 1995. 126f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. 5ª edição.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica.** 3.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. Disponível em: www.ufsc.bvirtual.com.br. Acesso: 11.07.11

BERTOLETTI, Roberta. **Uma Contribuição da arquitetura para a reforma psiquiátrica:** estudo no Residencial Terapêutico Morada São Pedro em Porto Alegre. Florianópolis, SC, 2011. 212 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto Executivo n.º 7.234/2010:** Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm. Acesso em: 01.06.11.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas:** métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004. Disponível em: www.ufsc.bvirtual.com.br. Acesso: 03.08.11

DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses:** accessible spaces for visual impaired citizens. Göteborg, Suécia. Department of Space and

Process, School of Architecture, Chalmers University of Tecnology, 2000.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do *lócus* interdisciplinar. **Estudos de Psicologia (Natal)**. 1997, vol. 2, p. 349-362. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1997000200009>. Acesso 15.08.11

GIFFORD, Robert. **Enviromental Psychology: Principles and Practice**. Massachussetts: Allyn and Bacin Inc., 1987.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em www.ufsc.bvirtual.com.br. Acesso: 08.07.11

HALL, Edward Twitc. **A Dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 2ª edição.

HASSANAIN, Mohammad A. **On the performance evaluation of sustainable student housing facilities**. Journal do Facilities Management. Vol.6, p.212-225, 2008 (artigo). Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/journals.htm?articleid=1733522&show=abstract>. Acesso: 04.08.11

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA – IHG/SC. **Acervo fotográfico**. Disponível em: www.ihgsc.th.com.br. Acesso em: 21.04.12

MALARD, Maria Lúcia (Coordenadora). Relatório de Pesquisa. **Avaliação Pós-Ocupação, participação de usuários e melhora da qualidade dos projetos habitacionais: uma abordagem fenomenológica com apoio do Estúdio Virtual de Arquitetura – EVA**. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Projetos, 2002. Primeira versão. Disponível em: <http://www.habitare.org.br/DetalheProjeto.aspx#rel>. Acesso em 01.04.11

MALARD, Maria Lúcia. Entendendo a natureza do espaço arquitetônico. In **As aparências em arquitetura**. Universidade Federal de Minas Gerais. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2006. Cap. 3, p.25-56.

MALARD, Maria Lúcia; CONTI, Alfino; SOUZA, Renato César Ferreira de; CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. Avaliação pós-ocupação, participação de usuários e melhoria de qualidade de projetos habitacionais:: uma abordagem fenomenológica. In: ABIKO, Alex Kenya; ORNSTEIN, Sheila Walbe (org.). **Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social**. Vol.1 São Paulo: FAUUSP, 2002. Cap. 9, p. 242-267.

MARTUCCI, R.; BASSO, A. Uma visão integrada da análise e avaliação de conjuntos habitacionais: aspectos metodológicos da pós-ocupação e do desempenho tecnológico. In: ABIKO, Alex Kenya; ORNSTEIN, Sheila Walbe (org.). **Inserção urbana e avaliação pós-ocupação (APO) da habitação de interesse social**. Vol.1 São Paulo: FAUUSP, 2002. Cap. 10, p. 268-293.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C.. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 14, p.131-194, 2000. Quadrimestral.

MOORE, Gary T. Estudos de Comportamento Ambiental. In SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony. **Introdução à Arquitetura**. School of Architecture and Urban Planning, University of Wisconsin, Milwaukee, USA. Editora Campus Ltda., Rio de Janeiro, 1984. Cap. 3, p.65-91

NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana Corrêa. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **UFSC 50 anos: trajetórias e desafios**. Florianópolis: UFSC, 2010. 477p. ISBN 9788574261140

OKAMOTO, Juan. **Percepção Ambiental e Comportamento: Visão Holística da Percepção Ambiental na Arquitetura e Comunicação**. São Paulo: IPSIS, 1997

OLIVEIRA, Elena Maria Duarte de. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Por uma arquitetura socioeducativa para adolescentes em conflito com a lei:** uma abordagem simbólica da relação pessoa-ambiente. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

OSSE, Cleuser Maria Campos; COSTA, Ileno Izídio da. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Instituto de Psicologia. **Pródomos e qualidade de vida de jovens na moradia estudantil da Universidade de Brasília – UnB.** 2008. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.

PAPANÉK, Victor. Sentir a habitação. In **Arquitetura e Design:** Ecologia e ética. Lisboa/Portugal, 1995. Edição 70.

RAPOPORT, Amos. Origens Culturais da Arquitetura. In SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony. **Introdução à Arquitetura.** School of Architecture and Urban Planning, University of Wisconsin, Milwaukee, USA. Editora Campus Ltda., Rio de Janeiro, 1984. Cap.1, p. 26-42.

SANTOS, Cesar Floriano dos; COELHO, Mario Cesar; MELIM, Mirian dos Santos. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Departamento de Arquitetura e Urbanismo. **Alternativas para moradia estudantil em Florianópolis.** Florianópolis: UFSC, Dep. de Arquitetura e Urbanismo, 1984. 51p.

SAÚGO, Andréia. **Sustentabilidade Social:** requisitos para verificação em projetos de arquitetura de empreendimentos habitacionais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. 125p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). UFSC, 2010.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4ed. Ver. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/roteirosmetodologicos/metpesq.pdf>. Acesso: 22.08.11.

SOMMER, Robert. **Espaço pessoal**. As bases comportamentais de Projetos e Planejamentos. Coleção Ciência do Comportamento. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

SOUSA, Livia Mesquita de. SOUSA, Sônia Margarida Gomes de. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. **Significados e Sentidos das Casas Estudantis**: um estudo com jovens universitários. 2005. 112f. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Goiás, Psicologia.

THOMSEN, Judith; EIKEMO, Terje Andreas. Aspects of housing satisfaction: a quantitative study. **Journal of housing and the built environment**. SpringerLink, p.273-293. 31 de Março de 2010.

Disponível em:

<http://www.springerlink.com/content/x290652134101k84/>, acesso 05.05.11.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Comissão Permanente de Planejamento Físico. **Plano Diretor do Campus da UFSC**: diretrizes e proposições. Florianópolis, 2005. Disponível em: http://issuu.com/tiagosouzacandido/docs/livro_plano_diretor_2005?mode=embed&documentId=080602191708-3a128ebb182146ae9f5920b2ce232dbd&layout=grey. Acesso: 18.05.11.

Moradia Estudantil: História. Disponível em:

<http://www.me.ufsc.br/historia.htm>. Acesso em 26.04.11.

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Comunidade Universitária. Departamento de Assuntos Estudantis. **Regimento Interno da Moradia estudantil**: Resolução CUN n.º 006/2003.

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. **Edital n.º 002/PRAE/2010**: Moradia Estudantil. Disponível em:

<http://www.prae.ufsc.br/arquivos/edital211me.doc>. Acesso 12.05.11.

Secretaria de planejamento e finanças. UFSC em números de 2000 a 2009. Disponível em:
http://www.grupomontevideo.edu.uy/docs/UFSC_NUMEROS_00_09.pdf. Acesso: 04.04.11.

conhece a Casa do Estudante da UFSC? Jornal da CEU, primeira Edição, ano I, 2009.

VILELA JÚNIOR, Adalberto José. Uma visão sobre alojamentos universitários no Brasil. **5º Seminário DOCOMOMO Brasil.** São Carlos, 2003. Disponível em:
<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/003R.pdf>. Acesso: 30.03.2011.

Referências das imagens do banco de dados Google:

Figura 2 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://www.plazamoveis.com.br>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 3 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://rgvweb.com.br>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 4 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://www.urbanamente.net>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 5 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 6 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://betarq.blogspot.com>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 7 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://www.sabado.pt/Cronicas>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 9 – Imagem ilustrativa, disponível em <<http://www.sabado.pt/Cronicas>> , acesso 29 de abril de 2012.

Figura 65 – Sugestão para armários individuais, disponível em < <http://www.revistatechne.com.br> > , acesso 02 de maio de 2012.

Figura 67 – Sugestão para ordenamento dos varais, disponível em < <http://www.colheitaespecial.com> > , acesso 02 de maio de 2012.

Figura 69 – Sugestão de mobiliário móvel – mesas e cadeiras disponível em < <http://mobflex.blogspot.com.br> > , acesso 02 de maio de 2012.

Figura 77 – Utilização de mobiliário inteligente – flexibilidade e funcionalidade, disponível em < <http://carolmendoncadesign.blogspot.com.br> > , acesso 07 de julho de 2012.

Figura 78 – Projeto para moradia estudantil em containers, disponível em < <http://www.olgga.fr> > , acesso 06 de julho de 2012.

Figura 79 – Projeto para moradia estudantil em containers, disponível em < <http://elessandragueller.com.br> > , acesso 07 de julho de 2012.

Figura 80 – Demarcação de territórios e apropriação do espaço, disponível em < <http://babies.constancezahn.com> > , acesso 06 de julho de 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE 1. ENTREVISTA ESTRUTURADA

Essa entrevista foi respondida pelo Diretor de Marketing SECOVI e realizada dia 11.05.11, tinha como objetivo compreender a lógica de mercado das edificações circundantes da UFSC, bem como buscava compreender algumas necessidades dos estudantes que moravam próximo a Universidade.

1. Qual a média de valores e de metragem quadrada dos imóveis?
2. Esses imóveis são mobiliados? Qual o mobiliário mínimo para o estudante que vem de fora?
3. Qual a condição desse mobiliário?
4. Existe muita burocracia para alugar imóvel em Florianópolis? Fiador que não seja da família, renda muito superior ao valor do aluguel, etc.
5. Quais são os imóveis mais procurados pelos estudantes? Kits, 1, 2 ou 3 dormitórios?
6. Qual o período mínimo de permanência no imóvel sem pagar multa por rescisão de contrato?
7. Qual o bairro mais procurado e quais os atrativos que mais os estudante levam em consideração na hora de decidir entre um ou outro imóvel?
8. Quais as exigências mínimas que os locatários estudantes têm?
9. Existe a prática de aluguel por temporada nos arredores da UFSC?
10. Para onde a demanda que não encontra imóvel acessível ou perto da UFSC vai?
11. Qual a faixa etária que mais aluga aqui perto?

APÊNCICE 2. DADOS DE ESTUDANTES-MORADORES DE INSTITUIÇÕES FEDERAIS DO SUL DO PAÍS

Com a finalidade de caracterizar os estudantes-moradores de residências estudantis mantidas por Instituições Federais, contatamos com Universidades do Sul do País solicitando a elas informações relativas a: concorrência as vagas; quantidade de alunos atendidos; cursos mais freqüentados pelos alunos-moradores e cidades e/ou estados de origem desses estudantes.

Após pesquisa realizada com algumas instituições, foram escolhidas 3 universidades dentre aquelas que mais se assemelhavam a UFSC no que diz respeito a concorrência a vaga e a relação entre a Instituições Universitária e a Moradia Estudantil. Dessa forma, entramos em contato com os responsáveis pelas Moradias Estudantis das seguintes universidades: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também contatamos o setor de Serviço Social da UFSC com a finalidade de obter informações específicas sobre o moradores da habitação dessa instituição.

Os dados fornecidos por essas instituições foram tratados, propiciando a caracterização do aluno-morador que será descrito no capítulo 4. Também procuramos observar o contexto local das moradias nas instituições pesquisadas, a fim de obter dados que ajudem a caracterizá-las.

1. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

O serviço social da UFSC foi procurado primeiramente pelo fato de ser o setor responsável pela seleção dos alunos potencialmente aptos a ocupar os dormitórios da Moradia Estudantil. Queríamos entender como era feita a seleção dos alunos, buscando compreender a metodologia utilizada na seleção. Assim, conversamos com a responsável pelo Setor.

Quando indagada sobre a metodologia de seleção a responsável afirmou que os candidatos inscritos eram avaliados pela renda familiar *per capita*, pelo número de dependentes e por agravantes sociais. Informou que poderia passar todas essas informações através de email. Tal e-mail foi recebido no dia 28.06.11 com as seguintes informações:

**PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS
COORDENADORIA DE SERVIÇO SOCIAL FATORES PARA
SELEÇÃO SOCIOECONÔMICA**

INDICADORES:

Renda familiar.

Número de dependentes.

Despesas do(a) aluno(a) com moradia e distância da moradia.

Agravantes Sociais (Situações de doença na família, desagregação Familiar e outros) .

UTILIZAÇÃO DE ÍNDICE SOCIOECONÔMICO

Fórmulas: $0,8 \times R$
 $VR \times N$

Onde:

VR: salário mínimo (valor de referência)

N: n° dependentes

R: renda bruta familiar

AGRAVANTES1 AGRAVANTE (40%) = $0,6 \times R / VR \times N$ 2 AGRAVANTES (60%) = $0,4 \times R / VR \times N$ 3 AGRAVANTES (80%) = $0,2 \times R / VR \times N$ **ÍNDICE DETERMINANTE VULNERABILIDADE SE 1,0**

Essas informações indicam que o índice socioeconômico com maior peso na avaliação dos alunos são os agravantes sociais, pois, quanto mais agravantes o estudante tiver, maior serão as chances do estudante obter a vaga na Moradia Estudantil.

Ainda durante a entrevista com a assistente social questionamos se ela sabia ou, ao menos, imaginava o motivo de haverem vagas sobrando (aproximadamente 22 vagas até dia 14.06) nos dormitórios do bloco de apartamentos e qual o motivo para os estudantes não quererem morar lá. A entrevistada respondeu que alguns alunos não querem dividir o apartamento com muitas pessoas (6 moradores), pois consideram que é um espaço pequeno para abrigar tantos estudantes; também comentam que a moradia não atende a todas suas necessidade, como áreas de convívio e locais mais adequados para estudo. Ela acredita que se houvesse um número menor de estudantes por

apartamento os alunos se interessariam mais pela moradia. Acredita que com a finalização do novo bloco de apartamentos a procura por vagas irá aumentar e não haverá vagas desocupadas.

Ela expõe, ainda, que existem moradores com idade superior a 35 anos, e que para eles a convivência com adolescentes e com um grande número de pessoas no dormitório fica difícil, principalmente pelo fato da privacidade ser prejudicada.

Quando indagada se não seria mais interessante a universidade pagar o auxílio moradia ao invés de ter gastos com toda a estrutura que deve ser fornecida aos alunos ela defende que, se apenas o benefício a moradia fosse pago, aumentaria a especulação imobiliária nos arredores da UFSC, e que, conseqüentemente, a Instituição teria que aumentar o valor da bolsa para manter os alunos na universidade. Também explica que muitos dos alunos não possuem apenas más condições financeiras, mas também possuem grande vulnerabilidade, e isso é uma preocupação constante para o setor de assistência social.

Perguntamos ainda se não seria interessante oferecer aos alunos dormitórios individuais, priorizando a privacidade dos estudantes. Em resposta, a responsável afirmou que é necessário para os jovens nessa fase de transição o convívio com outros estudantes, isso ajuda no amadurecimento dos alunos e evita quadros depressivos ou outras doenças psíquicas.

Como complemento as informações fornecidas pela Assistência Social, a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFSC (PRAE/UFSC) disponibilizou os dados dos estudantes da moradia referentes ao período de Janeiro à Dezembro de 2010. Tais dados foram tratados e são expostos abaixo.

Tabela 4: Relação de alunos da Moradia por região do País ou por País.

Região/País	Nº de moradores	% sobre vagas ocupadas
SUL	97	66,90%
SUDESTE	35	24,14%
NORDESTE	06	4,14%
CENTRO-OESTE	01	0,68%
NORTE	00	0,00%
ARGENTINA	06	4,14%
TOTAL	145	100%

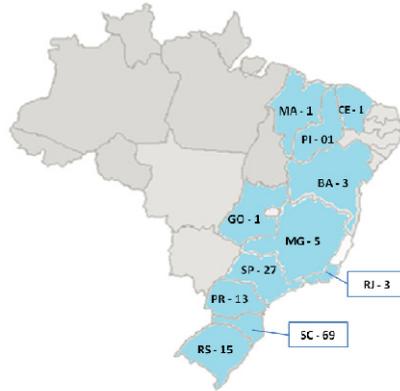


Figura 82: Distribuição dos estudantes da ME UFSC no Brasil.

Fonte: Relatório de Gestão PRAE/2010.

Tabela 5: Relação de alunos da Moradia por estados do País.

Estado	Nº de moradores
SC	69
SP	27
RS	15
PR	13
MG	5
RJ	3
BA	3
CE	1
MA	1
PI	1
GO	1
TOTAL	139

**Figura 83: Distribuição dos estudantes da ME UFSC no território nacional.**

Fonte: Relatório de Gestão PRAE/2010.

Tabela 6: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

CENTRO DE ENSINO	CURSO FREQUENTADOS PELOS ESTUDANTES-MORADORES	Nº DE ALUNOS POR CENTRO	% DE ESTUDANTES POR CENTRO
CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas	Serviço Social; Ciências Sociais; Filosofia; Geografia; História; Psicologia; Antropologia e Oceanografia.	41	28,28%
CCE - Centro de Comunicação e Expressão	Letras - Língua Portuguesa e Literaturas; Letras - Língua Espanhola e Literaturas; Design; Letras - LIBRAS; Letras - Língua Alemã e Literaturas; Cinema e Letras - Secretariado Executivo	24	16,55%
CFM - Centro de Ciências Físicas e Matemáticas	Física; Matemática e Química	21	14,48%
CTC - Centro Tecnológico	Eng. Elétrica; Eng. de Alimentos; Eng. de Produção Civil; Eng. Mecânica; Eng. Química; Eng. Sanitária; Sistemas de Informação; Ciências da Computação e Eng. de Produção Mecânica	18	12,41%
CCA - Centro de Ciências	Agronomia; Eng. Agrícola e Educação do Campo	13	8,97%
CSE - Centro Sócio-Econômico	Ciências Contábeis; Ciências Econômicas e Administração	11	7,59%
CCS - Centro de Ciências da Saúde	Farmácia; Medicina; Odontologia e Fonoaudiologia	9	6,20%
CED - Centro de Ciências da Educação	Jornalismo, Biblioteconomia e Arquivologia	3	2,07%
CDS - Centro de Desportos	Educação Física	2	1,38%
CCJ - Centro de Ciências Jurídicas	Direito	2	1,38%
CCB - Centro de Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	1	0,69%
TOTAL		145	100,00%

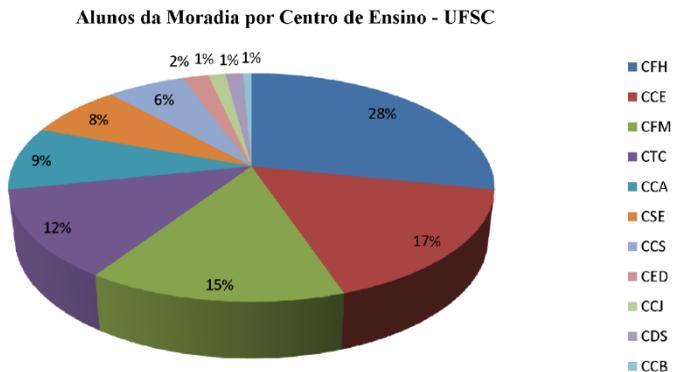


Figura 84: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

2. Universidade Federal de Santa Maria/ RS - UFSM

A Casa do Estudante (CEU) do campus Camobi é composta por cinco blocos de apartamentos, com três andares cada, abrigando aproximadamente 1200 alunos de graduação, pós-graduação e de cursos técnicos. Está localizada próximo ao Restaurante Universitário e o terminal de ônibus, o que garante acesso dos moradores a qualquer ponto do campus ou da cidade.



Figura 85: Fotos da CEU/UFSM, campus Camobi.

Fonte: Imagem esquerda: www.sucuri.ufsm.br.

Imagem direita: www.revistaovies.com.

Com a finalidade de compreender como os alunos candidatos a vaga na CEU UFSM são selecionados para ocupar os dormitórios

procuramos o Serviço Social da UFSM no dia 20.06.11. Conversando com a responsável pela seleção dos alunos perguntamos quais eram os critérios avaliados pela comissão a fim de caracterizar um aluno como apto a ocupar uma vaga na moradia. A Assistente Social respondeu que além dos critérios de renda familiar *per capita* – em torno de R\$ 750,00 – também eram considerados o perfil socioeconômico e a vulnerabilidade dos estudantes e comentou que a partir de 2011 os alunos candidatos a vaga passavam por uma entrevista com os assistentes sociais antes de encaminhar a documentação socioeconômica exigida.

Perguntamos se existia alguma fórmula ou cálculo básico que eles utilizavam como apoio para a seleção e ela comentou que existia, mas que não estava autorizada a passar essa informação. Quando indagada se existiam vagas para todos os alunos selecionados ela respondeu que as vagas na CEU eram concedidas após um período de 6 meses que os estudantes selecionados haviam passado na União. A União é um dormitório coletivo, separado por sexo, onde os alunos pretendentes a vaga permanecem até que sejam sorteados para ocupara a moradia. Esse local está situado no segundo andar do prédio do Restaurante Universitário da UFSM.

Ainda com a finalidade de obter dados relativos aos alunos que moram na CEU, perguntamos se eles dispunham de informações relativas a origem dos estudantes e do curso que freqüentavam. A responsável comentou que essas informações eram gerenciadas pelos próprios estudantes, e que deveríamos procurar um dos membros da diretoria da casa.

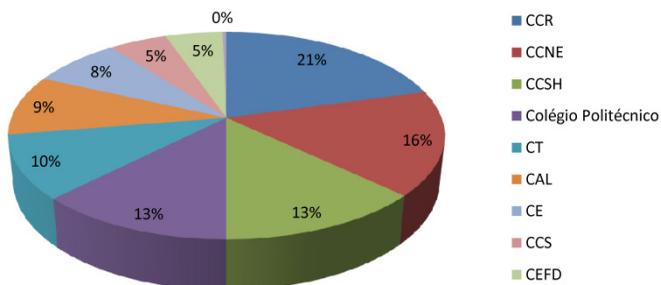
Solicitamos, então, a um dos membros da diretoria que fossem fornecidos os dados dos alunos para fins de pesquisa e comparação com as outras instituições do Sul do país. Os dados fornecidos pela Diretoria da CEU foram tratados pela autora com a finalidade de melhor comprar os resultados e correspondem a Junho de 2011.

Observo que nem a diretoria da CEU, nem os responsáveis pela PRAE/UFSM possuíam dados estatísticos referentes a origem dos estudantes que utilizam a moradia. Porém quando questionados sobre esses dados informaram que a grande maioria dos estudantes provém de cidades interioranas do RS, seguidos de alunos vindos dos estados de SC e PR.

Tabela 7: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

CENTRO DE ENSINO	CURSO FREQUENTADOS PELOS ESTUDANTES-MORADORES	Nº DE ALUNOS POR CENTRO	% DE ESTUDANTES POR CENTRO
CCR - Centro de Ciências Rurais	Agronomia; Eng. Florestal; Zootecnia e Med. Veterinária	240	20,69%
CCNE - Centro de Ciências Naturais e Exatas	Geografia; Matemática; Química; Física; C. Biológicas e Meteorologia	189	16,29%
CCSH - Centro de Ciências Sociais e Humanas	Filosofia; História; Arquivologia; Ciências Sociais; Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Administração; Direito; Sociologia; C.S.Jornalismo; C.S. Relações Públicas; Serviço Social; Psicologia e C.S. Publicidade e Propaganda	151	13,02%
Colégio Politécnico	Téc. Agrícola; Téc. Agroindústria; Téc. Geoprocessamento; Téc. Paisagismo; Téc. Mecânica; Téc. Redes de Computadores; Téc. Informática; Téc. Administração; Téc. Eletrotécnica; Téc. Gestão Cooperativas; Téc. Segurança do Trabalho; Téc. Eletroeletrônica; Téc. Estatística; Téc. Teatro; Tecnologia em Automação; Tecnologia em Sistemas para Internet; Téc. Agropecuária; Téc. Meio Ambiente e Téc. em Jardinagem	145	12,50%
CT - Centro de Tecnologia	Eng. Elétrica; Eng. Civil; Eng. Mecânica; Eng. Química; Tecnologia de Alimentos; Ciências da Computação; Eng. de Controle e Automação; Eng. de Produção; Eng. Sanitária e Ambiental; Eng. Acústica; Arquitetura e Urbanismo; Eng. da Computação e Sistemas de Informação.	115	9,91%
CAL - Centro de Artes e Letras	Letras; Música; Artes Visuais; Artes Cênicas e Desenho Industrial	109	9,40%
CE - Centro de Educação	Pedagogia e Educação Especial	90	7,76%
CCS - Centro de Ciências da Saúde	Farmácia; Terapia Ocupacional; Enfermagem; Medicina; Fisioterapia; Fonoaudiologia e Odontologia	59	5,09%
CEFD - Centro de Educação Física e Desportos	Educação Física	58	5,00%
Pós-Graduação	Mestrado e Doutorado	4	0,34%
TOTAL		1160	100%

Alunos da Moradia por Centro de Ensino - UFSM**Figura 86: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.**

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

3. Universidade Federal de Pelotas/ RS - UFPel

A moradia Estudantil de UFPel localiza-se próximo ao centro da cidade de Pelotas e abriga cerca de 200 estudantes de graduação. Conta com a estrutura de um edifício alugado pela universidade a mais de 30 anos.



Figura 87: Fotos da ME/UFPel.

Fonte: www.diariopopular.com.br.

Analogamente a UFSM, contatamos a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Pelotas no dia 22.06.11, através do telefone disponível no site da instituição, com a intenção de saber quais eram os critérios de seleção dos alunos para a vaga na moradia estudantil, bem como obter dados relativos a esses estudantes, quanto a sua origem e curso de graduação freqüentado.

Por telefone a responsável pelo Serviço Social informou que a moradia atendia 203 alunos da graduação e que a metodologia de seleção baseia-se na análise de critérios socioeconômicos, de entrevista e de vulnerabilidade, porém não poderia fornecer a base de cálculo que utilizavam para a seleção dos moradores.

Quando solicitada a fornecer informações referentes aos moradores da Casa dos Estudantes, informou que passaria o relatório de gestão por e-mail. Este foi recebido no dia 30.06.11, com informações referentes aos alunos-moradores até Dezembro de 2010.

Os dados do relatório de gestão informam que os estudantes são predominantemente das cidades de Pelotas (zona rural), São Lourenço do Sul; Canguçu; Jaguarão; Igrejinha e Marau. Além disso 03 estudantes encontravam-se em estágio no exterior – Alemanha e Portugal.

Tabela 8: Direita - Relação de alunos da Moradia por estado do País.
Tabela 9: Esquerda - Relação de alunos da Moradia por região do País ou por País

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

Estado	Nº de moradores
RS	174
SP	11
MG	4
PR	3
BA	2
CE	2
SC	2
PA	1
MA	1
GO	1
RJ	1
DF	1
TOTAL	203

Região/País	Nº de moradores	% sobre vagas ocupadas
SUL	180	88,67%
SUDESTE	15	7,39%
NORDESTE	05	2,46%
CENTRO-OESTE	02	0,99%
NORTE	01	0,49%
TOTAL	203	100%

Tabela 10: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

CENTRO DE ENSINO	CURSO FREQUENTADOS PELOS ESTUDANTES-MORADORES	Nº DE ALUNOS POR CENTRO	% DE ESTUDANTES POR CENTRO
CCR - Centro de Ciências Rurais	Agronomia; Eng. Agrária e Med. Veterinária	83	43,00%
CCNE - Centro de Ciências Naturais e Exatas	Geografia e Matemática	40	21,00%
CEFD - Centro de Educação Física e Desportos	Educação Física	27	14,00%
CCSH - Centro de Ciências Sociais e Humanas	Filosofia; Ciências Sociais; Direito e Turismo	20	10,00%
CAL - Centro de Artes e Letras	Teatro	10	5,00%
CT - Centro de Tecnologia	Meteorologia	7	4,00%
CCS - Centro de Ciências da Saúde	Enfermagem	6	3,00%
TOTAL		193	100%

Alunos da Moradia por Centro de Ensino - UFPel

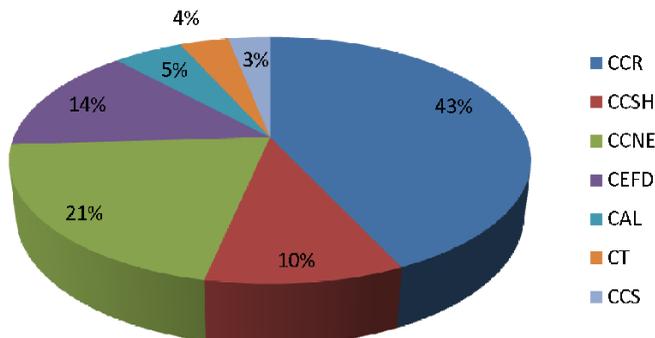


Figura 88: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

4. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS - UFRGS

A casa do estudante da UFRGS campus centro localiza-se em área central próximo ao Parque Farroupilha. Conta com a estrutura de um edifício e abriga cerca de 380 estudantes de graduação, pós-graduação e cursos técnicos.



Figura 89: Fotos da CEU/UFRGS.

Fonte: www.diariopopular.com.br.

Para conseguirmos os dados referentes a Moradia mantida pela UFRGS, entramos em contato através de e-mail com a responsável pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e marcamos uma data para a coleta dos dados. No dia 24.06.11, como combinado, comparecemos a PRAE/UFRGS.

Em conversa com a responsável pelo setor, fomos informados que o método de ingresso na moradia estudantil era, assim como nas demais instituições, a análise de critérios socioeconômicos, de vulnerabilidade e a cidade de origem do estudante além de entrevista realizada com os candidatos. A responsável explicou que esses dados poderiam ser encontrados também nos editais de seleção dos moradores.

Quando solicitamos o fornecimento dos dados dos moradores, a assistente social informou que os responsáveis por essas informações eram os membros da diretoria da CEU. Dessa forma, fomos até a moradia solicitar os dados, que nos foram enviados por e-mail no dia 27.06.11, todos os dados fornecido são referentes a Dezembro de 2010.

Tabela 11: Direita - Relação de alunos da Moradia por estado do País.
Tabela 12: Esquerda - Relação de alunos da Moradia por região do País ou por País.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

Estado	Nº de moradores
BA	1
CE	1
MG	5
MT	2
PI	3
PR	2
RJ	1
RO	1
RS	351
SC	3
SP	10
TOTAL	380

Região/País	Nº de moradores	% sobre vagas ocupadas
SUL	356	93,68%
SUDESTE	16	4,21%
NORDESTE	05	1,32%
CENTRO-OESTE	02	0,53%
NORTE	01	0,26%
TOTAL	380	100%

Tabela 13: Relação de alunos da Moradia por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

CENTRO DE ENSINO	CURSO FREQUENTADOS PELOS ESTUDANTES-MORADORES	Nº DE ALUNOS POR CENTRO	% DE ESTUDANTES POR CENTRO
CCSH - Centro de Ciências Sociais e Humanas	C. Sociais; História; C. Econômicas; Direito; C. Contábeis; Administração; Biblioteconomia; Comunicação Social; Estatística; Filosofia; Museologia; Arquivologia; Relações Públicas; Economia; Publicidade. Jornalismo; Políticas Públicas; Relações Internacionais e Serviço Social	100	26,32%
CT - Centro de Tecnologia	Eng. Civil; Eng. Mecânica; Eng. Elétrica; Eng. Metalúrgica; Eng. Química; Arquitetura e Urbanismo; C. da Computação; Eng. Ambiental; Eng. de Minas; Eng. Controle e Automação; Eng. Materiais; Eng. Computação e Eng. Alimentos	80	21,05%
CCNE - Centro de Ciências Naturais e Exatas	C. Biológicas, Matemática; Geografia; Geologia; Química; C. Atuárias; Física e Química Industrial	54	14,21%
CCS - Centro de Ciências da Saúde	Enfermagem; Biomedicina; Farmácia; Nutrição; Odontologia; Fonoaudiologia; Análises Políticas e Sistema de Saúde e Biotecnologia Molecular	35	9,21%
CCR - Centro de Ciências Rurais	Agronomia e Med. Veterinária	29	7,63%
CAL - Centro de Artes e Letras	Teatro; Artes Visuais; Música; Dança e Design Visual	28	7,37%
CE - Centro de Educação	Letras; Pedagogia e Psicologia	28	7,37%
Pós-Graduação	Mestrado	12	3,16%
CEFD - Centro de Educação Física e Desportos	Educação Física	8	2,11%
Técnico	Téc. Secretariado; Téc. Redes de Computadores; Téc. Biblioteconomia e Téc. Contabilidade	6	1,58%
TOTAL		380	100%

Alunos da Moradia por Centro de Ensino - UFRGS

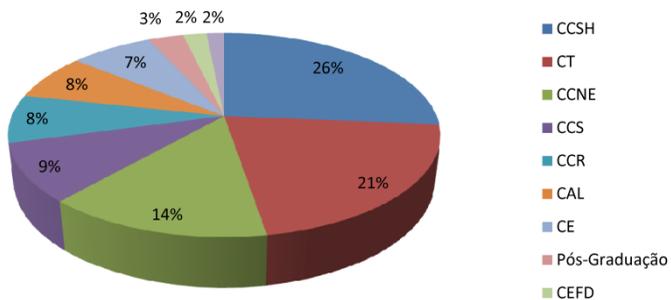


Figura 90: Gráfico com a relação de alunos por Centro de Ensino.

Fonte: Elaborado pela autora, 2011.

ANEXOS

ANEXO 1. EDITAL EDITAL Nº 002/PRAE/2010 - MORADIA ESTUDANTIL

EDITAL Nº 002/PRAE/2010 - MORADIA ESTUDANTIL

O Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, no uso de suas atribuições, considerando o que dispõe o capítulo VIII do Regimento Interno da Moradia Estudantil, aprovado pela Resolução nº 006/CUn/2003, e tendo em vista a disponibilidade de vagas destinadas aos alunos para ocupação da Moradia Estudantil, torna público que se encontram abertas às inscrições.

1. ESTABELEECER CRITÉRIOS PARA INSCRIÇÃO:

- 1.1 – Ser (a) da UFSC, regularmente matriculado (a) e frequentando curso de graduação, proveniente de outro município fora da grande Florianópolis, que comprovadamente apresente vulnerabilidade socioeconômica.
- 1.2 – Não ter concluído qualquer outro curso de graduação.
- 1.3 – Ter o cadastro socioeconômico devidamente aprovado pela Coordenadoria de Serviço Social – CoSS/PRAE.
- 1.4 – No ato da inscrição, o candidato portador de necessidades especiais deverá apresentar Laudo Médico pelas entidades competentes.

2. DETERMINAR O LOCAL E O NÚMERO DE VAGAS:

- 2.1 – Casa da Estudante: 03(feminina)
- 2.2 – Modulo IV Prédio I: 01(feminina)

3. DETERMINAR O LOCAL, O HORÁRIO E O PERÍODO E OS DOCUMENTOS DE INSCRIÇÃO:

- 3.1 - Local: Coordenadoria de Serviço Social/CoSS/PRAE, no térreo do Prédio da Reitoria, Campus Universitário – Trindade.
- 3.2 - Horário: das 08:00 às 11:30 horas e das 14:00 às 17:00 horas.
- 3.3 - Período de inscrição: de 05/03/2010 a 19/03/2010.
- 3.4 – Documentos:
 - 3.4.1 – Cadastro socioeconômico disponível no site www.prae.ufsc.br, link: Coordenadoria de Serviço Social e documentação comprobatória relacionada no mesmo. Os estudantes que já tem Cadastro Socioeconômico aprovado devem apresentar comprovante de matrícula do semestre.

3.4.2 – Último dia para devolução do cadastro socioeconômico e da documentação comprobatória: 17/03/2010 nos horários estabelecidos no item 3.2 deste edital.

4. ESTABELEECER OS CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO:

A seleção do(a)s candidato(a)s será baseada no fator econômico-financeiro e no diagnóstico da situação socioeconômica apresentada pelo(a) aluno(a), na qual está inserido o conjunto dos fatores sociais e culturais existentes.

5. ESTABELEECER A METODOLOGIA:

5.1 – A seleção será realizada pela Coordenadoria de Serviço Social, por meio de análise do cadastro socioeconômico, da entrevista e da documentação comprobatória apresentada.

5.2 – Para classificação será definido o “Índice socioeconômico” de cada aluno.

5.3 – Em caso de abertura de vagas durante o semestre de 2010/1, não será realizada nova inscrição.

6. CONSIDERAR FATORES PARA SELEÇÃO SOCIOECONÔMICA:

A análise socioeconômica tem como referencial os seguintes indicadores agravantes da situação familiar, considerando-se:

- Renda familiar.
- Número de dependentes.
- Despesas do(a) aluno(a) com moradia e distância da moradia.
- Situações de doença na família.
- Situações de desagregação familiar.

7. DIVULGAR O RESULTADO DA SELEÇÃO:

A divulgação do resultado da seleção será no dia 26/03/2010, na Coordenadoria de Serviço Social - CoSS/PRAE.

8. DEFINIR A OCUPAÇÃO DAS VAGAS:

Após a seleção dos candidatos, a ocupação das vagas será realizada mediante sorteio, em reunião do Conselho de Moradia, em data, horário e local a serem divulgados no dia do resultado da seleção.

9. CONCEDER O AUXÍLIO MORADIA:

9.1 - Será concedido Auxílio Moradia a 290(duzentos e noventa) alunos que estejam em conformidade com os itens 1 e 5 deste Edital, desde que não atendidos na disponibilidade de vagas fixadas no item 2.

9.2 – Será observada a classificação daqueles que se encontram em espera de vaga e que comprovadamente apresentam despesa com aluguel.

9.3 – O valor do Auxílio Moradia, fixado em R\$ 200,00(duzentos reais), será devido a partir do mês subsequente ao resultado da seleção, sendo o pagamento efetuado mediante crédito em conta corrente no mês seguinte.

9.4 – A vigência do Auxílio Moradia será até 31/07/2010.

9.5 - A concessão do referido Auxílio Moradia para o próximo exercício dependerá de disponibilidade orçamentário-financeira.

9.6 - Na ocorrência de abertura de vaga, conforme disposto no item 5.3 deste Edital, o aluno a ser chamado deverá ocupar a vaga no prazo de 15 (quinze) dias. A não observância desta condição implicará na perda da vaga, além do Auxílio Moradia.

9.7 - O aluno deixará de perceber o Auxílio Moradia quando for chamado para ocupar vaga e nos casos previstos no art. 32 do Regimento Interno da Moradia Estudantil, aprovado pela Resolução CUn nº 006/2003.

9.8 - O aluno deverá apresentar, mensalmente, recibo de pagamento de despesa de moradia, na data a ser estabelecida pela Coordenadoria de Serviço Social – CoSS/PRAE.

9.9 - A concessão do auxílio será mediante TERMO DE COMPROMISSO assinado pelo aluno.

9.10 – Os casos omissos serão resolvidos pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE.

Florianópolis, 04 de março de 2010.

Prof. Cláudio José Amante

Pró-Reitor

ANEXO 2. CADASTRO SÓCIO-ECONÔMICO

CADASTRO SOCIOECONÔMICO

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome:					
Sexo:	Estado Civil:	Data Nascimento:	de	Procedência (Cidade/Estado):	
Curso:	Matrícula:	Fase:	RG:		
			CPF:		
Endereço Estudante (rua, avenida):			N.º:	Bloco	Apto.:
Bairro:	Cidade:		U.F.:	CEP:	
Fone:	E-mail:				
Endereço dos pais (rua,avenida):			N.º:	Bloco:	Apto:
Bairro:	Cidade:		U.F.:	CEP:	
Fone:	E-mail:				

II – ESCOLARIDADE:

Colégio que cursou o Ensino Médio: () Público () Particular () Com Bolsa
Curso Pré-Vestibular? () Sim () Não Com Bolsa? () Sim () Não

III – HABITAÇÃO:

<p><u>Situação de moradia do aluno:</u> () com a família () sozinho () com parentes () pensão () república () outros (especificar) _____</p> <p>() Moradia própria () alugada () cedida () financiada</p> <p><u>Situação de moradia da família:</u> () própria () alugada / valor: _____ () cedida () financiada/ valor: _____</p>

V – SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO ESTUDANTE

Atual fonte de recursos do estudante	
1. Trabalho R\$	5. Bolsa/ Permanência R\$
2. Mesada R\$	6. Bolsa/ Pesquisa R\$
3. Bolsa/ Monitoria R\$	7. Outros (especificar) R\$
4. Bolsa/ Estágio R\$	
Despesas Mensais	
Aluguel R\$	
Financiamento R\$	
Alimentação R\$	
Alimentação: () R.U	Transporte para UFSC R\$
() Casa	() Carro próprio
() Lanchonete	() Carro família
() Outros (especificar)	() Ônibus
	() Moto
	() Não utiliza
	() Outros (especificar)
Você já recebeu algum benefício na UFSC?	
() Não	
() Sim Qual?	

VI – HORÁRIO DISPONÍVEL PARA DESENVOLVER SUAS ATIVIDADES NA BOLSA:

DIA SEMANAL:	MATUTINO:	VESPERTINO:	NOTURNO:
2ª	das às	das às	das às
3ª	das às	das às	das às
4ª	das às	das às	das às
5ª	das às	das às	das às
6ª	das às	das às	das às
Sábado	das às	das às	das às
TOTAL DE HORAS DISPONÍVEIS:			

- próprio punho declarando esta condição. Anexar cópia do seu Documento de Identidade.
3. CPF de todos os membros da família maiores de 18 anos.
 4. Comprovante de matrícula atualizado dos membros da família que são estudantes maiores de 18 anos.
 5. Comprovante de rendimentos dos membros da família, conforme a seguir:
 - 5.1 Trabalhadores assalariados: comprovantes de rendimentos relativos aos últimos três (3) meses (contracheque, recibo ou similar);
 - 5.2 Trabalhadores autônomos: declaração de autônomo, com firma reconhecida do declarante, informando a atividade que realiza e a renda média mensal dos últimos três (3) meses.
 - 5.3 Aposentados ou pensionistas: comprovante de proventos da Previdência Social;
 - 5.4 Desempregados (inclusive donas de casa): Comprovante ou declaração de desemprego com firma reconhecida da assinatura do declarante e de mais duas testemunhas, e fotocópia da carteira de trabalho onde consta: a identificação do trabalhador e a rescisão do último contrato de trabalho com a página seguinte em branco. Para os casos de recebimento de Seguro Desemprego, apresentar também, documento referente às respectivas parcelas.
 - 5.5 Empresários, microempresários, sócios, cooperados: devem comprovar renda através declaração ou Decore contábil.
 - 5.6 Agricultores: declaração emitida pelo sindicato rural ou declaração de próprio punho com firma reconhecida, informando a atividade que realiza e a renda anual ou a renda média mensal dos últimos três (3) meses. No caso de proprietário rural ou sitiante, incluir documentação fornecida pelo INCRA (Declaração de Propriedade ou Declaração Anual de Rendimentos Agrícolas);
 - 5.7 Outros rendimentos: aluguel, pensão alimentícia, rendimentos bancários ou similares, apresentar documento correspondente.

6. Nos casos de pais e/ou cônjuges falecidos, apresentar certidão de óbito.
7. No caso de separação ou divórcio apresentar Certidão de casamento com averbação e declaração de recebimento ou negativa de pensão alimentícia.
8. Certidão de nascimento ou casamento de todos os membros da família.
9. Comprovante de despesa com saúde (atestados e/ou cópia de receitas) em caso de pessoas em tratamento de saúde, na família.
10. Comprovantes de residência da família e do estudante.
11. Comprovante de pagamento de aluguel ou financiamento da casa própria do aluno e da família.

ATENÇÃO

Todos os documentos deverão ser apresentados em fotocópia, e a solicitação de novos comprovantes, dependerá de cada caso. Maiores informações através do telefone: (48) 3721-9341.

FAX: (48)3721-9495/ e-mail: ssaluno@reitoria.ufsc.br

ANEXO 3. DECRETO N.º 7.234 – PNAES

DECRETO Nº 7.234, DE 19 DE JULHO DE 2010.

Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição:

DECRETA:

Art. 1º O Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, executado no âmbito do Ministério da Educação, tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal.

Art. 2º São objetivos do PNAES:

I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;

II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior;

III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e

IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação.

Art. 3º O PNAES deverá ser implementado de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior.

§ 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas:

I - moradia estudantil;

II - alimentação;

III - transporte;

IV - atenção à saúde;

V - inclusão digital;

VI - cultura;

VII - esporte;

VIII - creche;

IX - apoio pedagógico; e

X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação.

§ 2º Caberá à instituição federal de ensino superior definir os critérios e a metodologia de seleção dos alunos de graduação a serem beneficiados.

Art. 4º As ações de assistência estudantil serão executadas por instituições federais de ensino superior, abrangendo os Institutos Federais de Educação,

Ciência e Tecnologia, considerando suas especificidades, as áreas estratégicas de ensino, pesquisa e extensão e aquelas que atendam às necessidades identificadas por seu corpo discente.

Parágrafo único. As ações de assistência estudantil devem considerar a necessidade de viabilizar a igualdade de oportunidades, contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico e agir, preventivamente, nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

Art. 5º Serão atendidos no âmbito do PNAES prioritariamente estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio, sem prejuízo de demais requisitos fixados pelas instituições federais de ensino superior.

Parágrafo único. Além dos requisitos previstos no caput, as instituições federais de ensino superior deverão fixar:

I - requisitos para a percepção de assistência estudantil, observado o disposto no caput do art. 2º; e

II - mecanismos de acompanhamento e avaliação do PNAES.

Art. 6º As instituições federais de ensino superior prestarão todas as informações referentes à implementação do PNAES solicitadas pelo Ministério da Educação.

Art. 7º Os recursos para o PNAES serão repassados às instituições federais de ensino superior, que deverão implementar as ações de assistência estudantil, na forma dos arts. 3º e 4º.

Art. 8º As despesas do PNAES correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação ou às instituições federais de ensino superior, devendo o Poder Executivo compatibilizar a quantidade de beneficiários com as dotações orçamentárias existentes, observados os limites estipulados na forma da legislação orçamentária e financeira vigente.

Art. 9º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de julho de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad